

IV JORNADAS DE CARTÉIS DA EBP SEÇÃO LESTE-OESTE

CARTEL: COLETIVO DE UNOS

COLETÂNEA

07 E 08 DE FEVEREIRO 2025



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção Leste-Oeste

COLETÂNEA n. 7

IV JORNADAS DE CARTÉIS DA
ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
SEÇÃO LESTE-OESTE

2025



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção Leste-Oeste

Coletânea n. 7

ORGANIZAÇÃO

Claudia Murta

COLABORADORAS

Adriana Gomes Pessoa

Anna Rogéria Oliveira

Bartyra Ribeiro de Castro

Denizye Zacharias

Tânia Mara Alves Prates

Tânia Regina Anchite Martins

Escola Brasileira de Psicanálise

Seção Leste-Oeste

Brasília, DF.

2025

DIRETORIA DA EBP SEÇÃO LESTE-OESTE

Diretora Geral

Ruskaya Maia

Diretora Secretária Tesoureira

Carla Serles

Diretora de Cartéis e Intercâmbios

Claudia Murta

Diretora de Biblioteca

Denizye Zacharias

ORGANIZAÇÃO DAS IV JORNADAS DE CARTÉIS DA EBP-SLO

Coordenação Geral

Claudia Murta

Comissão Científica

Tânia Regina Anchite Martins

Anna Rogéria Oliveira

Bartyra Ribeiro de Castro

Denizye Zacharias

Comissão de Divulgação

Henrique Alves Lopes

Hítala Gomes

Simone Souza Vieira

Comissão Tesouraria

Ruskaya Maia

Renata Tavares

Comissão de Publicação

Claudia Murta

Adriana Gomes Pessoa

Anna Rogéria Oliveira

Tânia Mara Alves Prates

Comissão de Infraestrutura

Elisa Martins Uyttenhove

Suraia Oliveira Veloso Carneiro

Patricia Marinho Gramacho

Márcia Cristina de Campos

Adriana Gonring

Luana Santos Silva

Rafaella Cunha P. S. Pfrimer

Sheila Cordeiro Souza Moreira

Isangela Lins Almeida

Karem de Moura

Fernando Figueiredo dos Santos e Reis

Waléria Maria da Paixão Borges Vieira

Rozilene Martins Victor

Stephanie Oliveira Boechat

Janayna Araújo Costa Pinheiro

Projeto Gráfico e Editoração

Bruno Senna

Capa

Bruno Senna

Imagem

Fonte Pixabay



**Escola Brasileira
de Psicanálise**
Seção Leste-Oeste

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO <i>Claudia Murta</i>	9
INTRODUÇÃO <i>Claudia Murta</i>	11
CORPO	
LINGUAGEM, DISCURSO E CORPO, NO AUTISMO <i>Bartyra Ribeiro de Castro</i>	16
A USINA DE SIGNIFICANTES <i>Raissa Turíbio Milhomem</i>	18
A RETENÇÃO DOS OBJETOS DA PULSÃO NO AUTISMO <i>Regina Cheli Prati</i>	20
RUMO AO SINGULAR, ACOLHENDO INVENÇÕES ORDINÁRIAS <i>Henrique Alves Lopes</i>	22
CORPO UM PARADOXO <i>Marcelo Macaue</i>	24
ANGÚSTIA: SIGNO DO DESEJO OU SINAL DO REAL? <i>George Avance Pereira Ramos</i>	26
O CORPO NA PSICOSE: UMA LÍNGUA QUE CORTA! <i>Andrea Palmerston Muniz</i>	28
TER UM CORPO E O IMAGINÁRIO <i>Tânia Regina Anchite Martins</i>	30
POLÍTICA DA ESCOLA FORMAÇÃO DO ANALISTA	
A POLÍTICA DA REVISTA <i>SABIÁ</i> <i>Denizye Aleksandra Zacharias</i>	33
O CARTEL E A CAUSA PSICANALÍTICA <i>Simone Souza Vieira</i>	35
UM PRODUTO INDIVIDUAL NUM COLETIVO DE UNS <i>Yana Julia Lissandretti</i>	37
NAS TRILHAS DA NOÇÃO DE DESEJO DO ANALISTA <i>Robson Campos</i>	39
QUAL A FUNÇÃO DA SABIÁ NO ENTORNO DA SLO? <i>Cícero Dufrayer Chicon</i>	41
O FURO QUE FAZ UM CARTEL <i>Fernando Reis</i>	43
O DESEJO DO ANALISTA E O SABER-FAZER DA CRIANÇA <i>Patrícia Marinho Gramacho</i>	45

A POESIA E O DESEJO DO ANALISTA: UMA ESCUTA ENTRE LINHAS 47
Gean Carlos Candido da Silva

A ESCOLA DE LACAN: COLETIVO DE UNS 49
Rafaella Cunha P. S. Pfrimer

PSICOSE | ARTE | SINGULARIDADES

SONHO NA PSICOSE 52
Suraia Oliveira Veloso Carneiro

HAVERÁ, OU NÃO, UMA PSICOSE INFANTIL? 54
Laisa Gonçalves Teixeira

**DO HORROR AO AMOR PELA LOUCURA, O QUE SUSTENTA
O DESEJO DO ANALISTA NA CLÍNICA DAS PSICOSES?** 56
Daiany Mendonça Alves

DO QUE SE FALA QUANDO FALAMOS EM PSICOSE NA INFÂNCIA? 58
Renata Nascimento Pozzatto

A ARTE COMO PEÇA SOLTA NA PSICOSE 60
Anna Rogéria Oliveira

**O SIGNIFICANTE NA DIMENSAO DA LETRA:
ENTRE A ARTICULAÇÃO DA MEMÓRIA E A FORACLUSÃO** 62
Rodrigo Oliveira dos Santos

NA TRILHA DE JOYCE EM TRIESTE 64
Ivana Peixoto Bueno Corva

SCHREBER SEGUNDO MACALPINE 66
Caroline Cabral Quixabeira

O ENCONTRO DA PSICOSE COM A ARTE 68
Isabella Azevedo Melo

SABER-FAZER NA PSICOSE 70
Tânia Mara Alves Prates

O OBJETO E A FALTA 72
Thailla de Lima Franco

DO UNIVERSAL AO SINGULAR: SUTILEZAS ANALÍTICAS 74
Renato C. Vieira

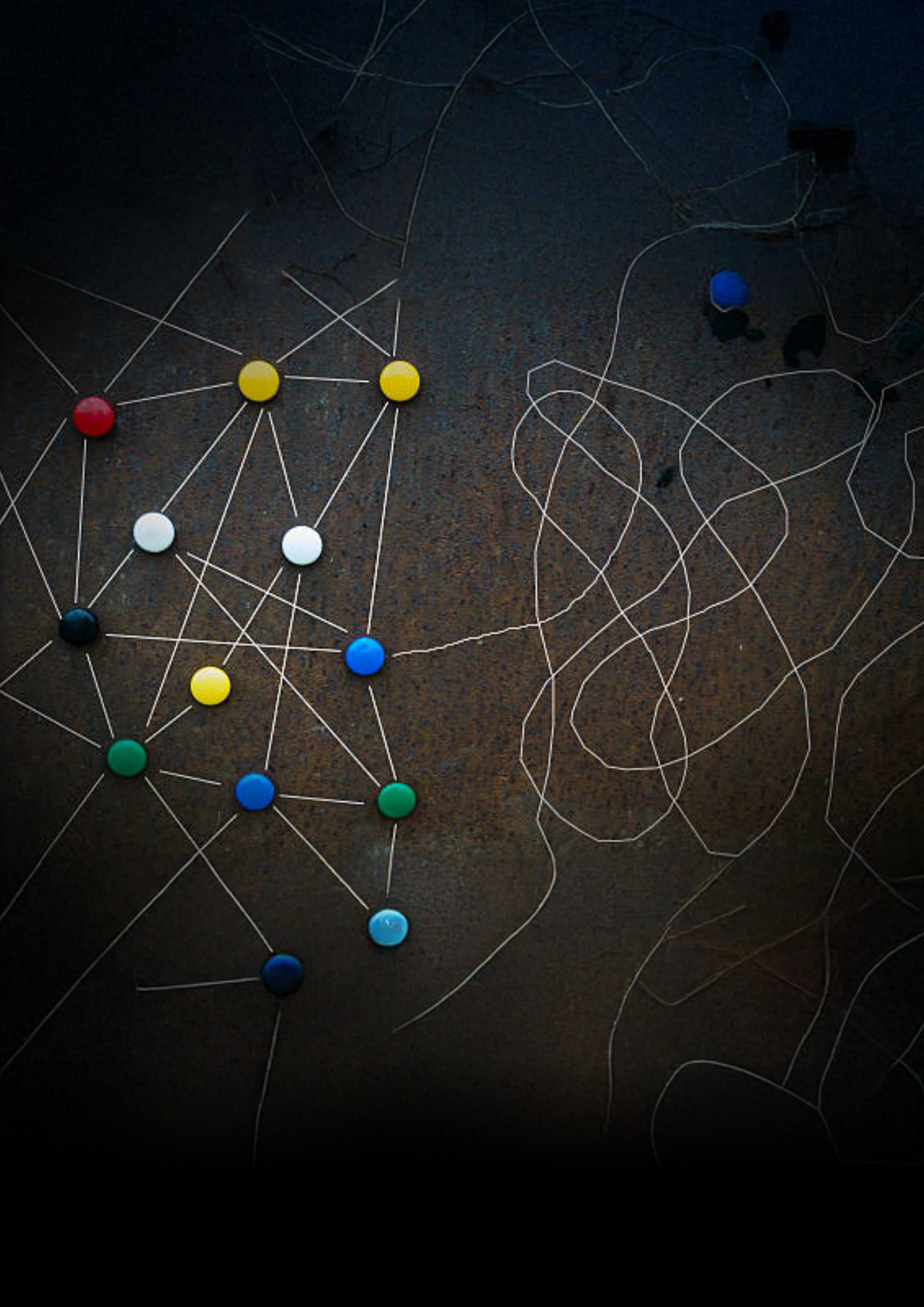
FEMININO | O INFANTIL | SINTHOMA

HOMOSSEXUALIDADE FEMININA 77
Anna Paula da Silva

**EM UM PERCURSO DE ANÁLISE, QUAL A RELAÇÃO
ENTRE CICATRIZ E DEVASTAÇÃO?** 79
Lucas Fraga Gomes

SAÍDAS DA DEVASTAÇÃO 81
Olenice Amorim Gonçalves

A COMPLEXIDADE DE UMA RELAÇÃO: OS LAÇOS PRÉ-EDÍPICOS ENTRE MÃE E FILHA <i>Lívia Bicalho Porto Pimentel</i>	83
POMBO NÃO DÁ ÁGUIA? FOBIA INFANTIL E O SEMINÁRIO IV <i>Emanuele Pezzin Trevizani</i>	85
DA FRUSTRAÇÃO À ASSUNÇÃO SUBJETIVA <i>Hítala Gomes</i>	87
O MAIS-ALÉM NA FRUSTRAÇÃO <i>Maísa Helena Lopes Rabelo</i>	89
SONHOS E PESADELOS DAS CRIANÇAS:DO QUE SE TRATA? <i>Luciana da Silva Pedron</i>	91
ANGÚSTIA E PASSAGEM AO ATO. <i>Adriana Gomes Pessoa</i>	93
TIPOS DE ENODAMENTOS: SINTHOMÁTICOS E NÃO SINTHOMÁTICO <i>Fabiana Engel Fratari</i>	95
O QUE SUSTENTA AS PARCERIAS AMOROSAS <i>Maila Thaiane Reis Rocha Siqueira</i>	97
PARA QUE NÃO SE ESQUEÇA..... <i>Claudia Murta</i>	99



APRESENTAÇÃO

Claudia Murta

Diretora de Cartéis da EBP-SLO no biênio 2023-2025

Coordenadora das IV Jornadas de Cartéis EBP-SLO

As IV Jornadas de Cartéis da Escola Brasileira de Psicanálise Seção Leste-Oeste oferecem como eixo temático para reflexão um paradoxo – coletivo de uns. Jacques-Alain Miller, em **Teoria de Turim** se baseia na formulação lacaniana do **Ato de fundação**, na qual inicia categoricamente: “fundo tão sozinho como sempre estive em minha relação com a causa analítica” e comenta que, ao instituir a formação coletiva, suas palavras colocam em primeiro plano a solidão subjetiva. Eis o paradoxo: um coletivo que se funda na solidão subjetiva. A Escola fundada por Lacan é uma formação coletiva que tem por ideal, não um líder, mas sim a solidão subjetiva. Assim, pela leitura de Miller, a Escola é uma soma de solidões subjetivas, uma a uma que implica sempre mais uma. A soma das solidões supõe o um a mais que é, antes de tudo, “a causa freudiana”. Um, um, um, sempre mais um. A lógica não clássica que perpassa o coletivo de uns é o tema das IV Jornadas de Cartéis da Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Leste-Oeste, realizadas nos dias 07 e 08 de fevereiro de 2025.

As comissões de trabalho das IV Jornadas da Cartéis da EBP-SLO dividem-se em tesouraria, científica, divulgação, infraestrutura e publicação compostas por Mais-uns de Cartéis inscritos na EBP Seção Leste-Oeste. Como marca da Diretoria de Cartéis da Seção Leste-Oeste por mim assumida no biênio 2023-2025, apresento a estratégia escolhida para o nosso trabalho fundada em um significante – coletivo. Portanto, com um coletivo de Mais-uns, encaminhamos, neste biênio, o trabalho de Cartéis da Seção Leste-Oeste. A partir dos Mais-uns de Cartéis inscritos, tomamos coletivamente as decisões das ações devidas de oferta de espaços de acolhimento para as produções e publicação dos produtos dos trabalhos de Cartel. Assim, o que ora apresentamos, é fruto desse trabalho coletivo que mostra o retrato da produção da Seção Leste-Oeste da EBP. A Diretoria da SLO, por meu intermédio, agradece vivamente a oferta de trabalho solidificada pela manifestação de um desejo decido nesse coletivo.

Para a conferência de abertura, convidamos Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros, AME da Escola Brasileira de Psicanálise e Associação Mundial de Psicanálise que, enquanto cartelizante de cartel inscrito na EBP-SLO, aceitou o convite para tratar do tema central dessas IV Jornadas de Cartéis – coletivo de uns. Os eixos temáticos das mesas de trabalhos são os seguintes: ***Corpo, Psicose, Política da Escola, Formação do analista, Arte, Singularidades, Feminino, Infantil e Sinthoma***. Esses temas perpassam e entrecruzam a produção de vários cartéis inscritos na EBP-SLO.

Quero deixar minhas boas-vindas às solidões subjetivas reunidas nas IV Jornadas de Cartéis da EBP-SLO!
Oxalá tenhamos excelentes Jornadas de Cartéis!

INTRODUÇÃO

Claudia Murta

Diretora de Cartéis da EBP-SLO no biênio 2023-2025

Coordenadora das IV Jornadas de Cartéis EBP-SLO

As IV Jornadas de Cartéis da Escola Brasileira de Psicanálise Leste-Oeste, realizadas em 2025, apresentam produtos dos trabalhos cartéis inscritos no catálogo da Escola Brasileira de Psicanálise. Tratam-se de reflexões produzidas durante o ano de 2024, a partir de cartéis que, ora podem estar no início de seus trabalhos, ora podem estar em processo de finalização. Em 2024 finalizamos o ano com 31 cartéis inscritos, dentre os quais a maioria produziu trabalho para essas Jornadas de Cartéis e outros, produziram para as Jornadas anteriores. Assim, as IV Jornadas de Cartéis oferecem reflexões em diversos momentos de elaboração, pois os trabalhos foram iniciados em momentos distintos. As temáticas tratam sobre **Corpo, Psicose, Política da Escola, Formação do analista, Arte, Singularidades, Feminino, Infantil e Sinthoma**. A comissão científica das Jornadas dividiu a apresentação dos trabalhos, procurando distribuir as temáticas, de tal modo que, ao assisti-las, o frequentador das Jornadas possa ter um amplo panorama do debate em curso e seguiremos essa proposta para a introdução da leitura dos trabalhos.

Sobre a temática do Corpo, foram produzidas oito reflexões, distribuídas em duas mesas. Inicialmente, **Bartyra Ribeiro de Castro**, em seu texto **Linguagem, discurso e corpo, no autismo**, aborda o autismo como uma quarta estrutura, na qual o S1 isoladamente não estabelece laço com o S2. Consequentemente, sem a máquina simbólica, a linguagem é utilizada para o gozo, acarretando em um S1 que itera, e um corpo sem borda e sem furo. Já **Raissa Turíbio Milhomem**, com o título, **A Usina de Significantes**, parte do “Seminário 4” de Lacan para ilustrar os registros do real, simbólico e imaginário. Nele, Lacan nos convida a traçar uma aproximação entre o aparelho psíquico e uma “usina hidrelétrica instalada em um rio”, para abordar a formação do psiquismo, a questão da falta pelos vieses da frustração, da privação e da castração, falando, para tal, de fobia e fetichismo. Por sua vez, **Regina Cheli Prati**, em **A retenção dos objetos da pulsão no autismo** pensa o au-

tismo e a função da retenção dos objetos pulsionais à luz dos ensinamentos de J.-C. Maleval, E. Laurent e J.-A. Miller. Por sua vez, **Henrique Lopes**, com a produção, **Rumo ao singular, acolhendo invenções ordinárias**, interroga sobre a psicose ordinária e apresenta como perspectiva para a psicose ordinária, um campo epistemológico mais que uma categoria diagnóstica, representando um *aggiornamento* na escuta e na direção da cura, uma orientação ao singular. Na experiência clínica com esses pacientes, não se trata de propor uma ordem ao sujeito, mas a partir dos significantes que emergem de sua própria enunciação e ressoam em seu corpo, apontar o possível. Trata-se de acolher a acompanhar o sujeito em suas invenções, mais que prescrevê-las.

A segunda mesa sobre o tema do **Corpo**, inicia-se com o texto de **Marcelo Macaue**, intitulado, **Corpo Um Paradoxo**, no qual aborda questões sobre vida, morte, fé, crença, real, simbólico e imaginário atravessadas por afirmações de Lacan a respeito da consistência dada pelo conceito de corpo, enquanto adorado pelo sujeito. **George Ramos**, em **Angústia: signo do desejo ou sinal do Real?**, trata sobre o conceito de angústia no primeiro ensino de Lacan, como também no decorrer do último ensino, na perspectiva do gozo no corpo. O autor traz indagações importantes que orientam seu estudo de cartel: se a angústia aponta para algo além da estrutura significativa, o que faz Lacan, em um primeiro momento, dizer que a estrutura da angústia é a mesma da fantasia? Que movimento lógico faz Lacan passar da “Angústia, signo do desejo” para “Angústia, sinal do Real”? Quais as consequências em dizer que a angústia seria a via de acesso ao Real? Dentro de seu discurso, quais as consequências da revisão do estatuto do objeto com a introdução do objeto? Em **O corpo na psicose: uma língua que corta!** **Andréa Palmerston Muniz** aponta para a fragilidade da imagem corporal na psicose de acordo com o Seminário 3, o qual apresenta na clínica uma relação de estranhamento com o corpo. A autora trabalha, como exemplo, o poema de Adília Lopes, “A minha musa”. Por último, nesta mesa, em seu texto, **Ter um corpo e o imaginário**, **Tânia Regina Anchite Martins** oferece sua reflexão sobre o tempo do narcisismo primário no qual a criança encontra-se entregue em sua totalidade aos cuidados e ao olhar do Outro materno como fundamental na constituição da imagem do corpo próprio.

Outra vertente de leitura sobre o corpo, dessa vez enfatizando a **Psicose**, diante da qual, **Suraia Oliveira Veloso Carneiro** pretende investigar no texto **Sonho na psicose** produzido a partir do relato e da interpretação de um sonho de um paciente, em análise, os efeitos de um significante no real do corpo. Assim, **Laisa Gonçalves Teixeira**, com a produção, **Haverá, ou não, uma psicose infantil?** Tematiza sobre a psicose infantil, questionando, em sua pesquisa de cartel, sobre a necessidade do significante Nome-do-pai foracluído para o desencadeamento ou outros indícios poderiam ser suficientes; questiona-se também sobre o desencadeamento na infância e sobre a possibilidade da percepção dos efeitos da foraclusão na criança e, mesmo se há algo da estrutura que já se evidencia na infância. Ainda na pesquisa sobre a psicose infantil, **Renata Nascimento Pozzatto**, no texto, **Do que se fala quando falamos em psicose na infância?** propõe, além da que o intitula, questões primordiais para a clínica com crianças: o que nos diz que uma criança pode estar se estruturando em uma psicose? No que podemos nos atentar ao escutar a criança e seus responsáveis ao longo da análise? Para tal, vai considerar textos de J. Lacan e E. Laurent. Já **Daiany Mendonça Alves**, na reflexão, **Do horror ao amor pela loucura, o que sustenta o desejo do analista na clínica das psicoses** se pergunta sobre o desejo do analista diante de pacientes psicóticos e elabora sua formulação sobre o desejo da escuta.

Mais uma tônica dos trabalhos produzidos para essas jornadas recai no campo da **Política da Escola**. Nesse sentido, **Denizye Aleksandra Zacharias** escreve sobre **A política da revista Sabiá** tecendo sobre sua criação, assim como sua relação com o trabalho da Seção Leste-Oeste. Como publicação da Seção, a revista Sabiá tornou-se o veículo que acolhe e divulga a produção que resulta das atividades da Seção Leste-Oeste da Escola Brasileira de Psicanálise. **Simone Souza Vieira**, em seu texto, **O cartel e a causa psicanalítica**, trata da importância do lugar e da função do cartel na Escola de Lacan. Destaca algumas referências em Lacan e Miller que abordam o cartel como instrumento de formação do analista, na medida em que o cartel conta com a lógica do não-todo em seu funcionamento. A produção de **Yana Julia Lissandretti** intitulada **Um produto individual em um coletivo de uns** aborda a relação do cartel como um furo no saber e seus efeitos para a relação da

cartelizante com o saber. **Nas trilhas da noção de desejo do analista, Robson Campos** encontra o percurso de Lacan na elaboração do conceito de desejo do analista desde 1958 até o Seminário “Momento de Concluir”, trabalhando a relação com o conceito de abstinência em Freud.

Em outra vertente da política da Escola, reuniu-se em torno da temática da **Formação do analista** um grupo de trabalhos, dos quais o primeiro foi elaborado por **Cícero Chicon** a partir do texto **Qual a função da Sabiá no entorno da SLO?** cuja ênfase na função da revista Sabiá, tanto na publicação, em geral, no contexto da Escola, quanto na psicanálise em extensão, fora da Escola. **Fernando Reis**, com a produção, **O furo que faz um cartel** coloca em perspectiva a formação do analista. O autor acrescenta que é a partir da posição de analisante que lidamos com o saber que não se sabe e isso atravessa toda a formação dos analistas, inclusive sua relação com a teoria, com os pares e com a Escola. Há uma transmissão de saber que não se ensina e que tem efeitos de formação. Já **Patrícia Marinho Gramacho**, em seu texto, **O desejo do analista e o saber-fazer da criança** aborda o tema a partir de um relato clínico que envolve: fertilização *in vitro*, casais homossexuais e a questão de uma criança a respeito de seu lugar no desejo do Outro. Em outra perspectiva da formação do analista, **Gean Carlos Cândido da Silva**, no texto, **A poesia e o desejo do analista: uma escuta entre linhas** oferece uma perspectiva do encontro entre a poesia e o desejo do analista abrindo um espaço singular de leitura e criação. Ambas as experiências, aparentemente distintas, compartilham uma ética comum: a sustentação do enigma. Unindo a temática da formação do analista com a temática central das IV Jornadas de Cartéis da SLO, **Rafaella Cunha P. S. PFrimer**, apresenta, em **A Escola de Lacan: coletivo de uns**, a Nova Política da Juventude, implementada pela AMP em suas Escolas, ressaltando a forma como a EBP escolheu acolher essa política pela via de cartéis.

A temática da **Arte** sempre circula entre o campo de interlocução da EBP-SLO. Nesse contexto, **Anna Rogéria Oliveira**, em seu texto, **A arte como peça solta na psicose**, articula a noção de peça solta com *sinthome* e com a arte na questão: “algo sem utilidade é o mesmo que algo não belo? ou a arte e o *sinthome* como peça solta servem para gozar?” e exemplifica com a artista Yayoi Kusama. **Rodrigo Oliveira dos Santos**, com o trabalho, **O significativo na dimensão da letra: entre a articulação da memória e a foraclusão**, aborda como Freud e Lacan conceberam a memória como significante e sua relação com a linguagem. Considera as diferentes estruturas, no caso, a neurose e a psicose e, como Freud e Lacan desenvolveram em cada uma os efeitos de sua relação com o significante. Já **Ivana Peixoto Bueno Corva**, trata, **Na trilha de Joyce em Trieste**, primeiramente dos casos clássicos da psicose amparados pela literatura: *Memórias de um doente dos nervos de Schreber*, *Aimée, as irmãs Papin*, a seda nos drapeados de Clérambault até chegar em Joyce e, mais especificamente, em *Finnegans Wake*. Um segundo ponto, a autora enfatiza a relação da literatura singular de Joyce com a cidade de Trieste. Aos 22 anos, Joyce, chega na Stazione Centrale de Trieste acompanhado de Nora e ali, animado pelo entusiasmo de viver longe das convenções asfixiantes da sua ilha natal, nasce grande parte de sua obra: *Um retrato do artista quando jovem*, *Ulisses* e *Finnegans Wake*. Por último, **Caroline Cabral Quixabeira**, com a sua produção, **Schreber segundo Macalpine** apresenta a interpretação de Macalpine no delírio de procriação de Schreber e traz a leitura de Lacan com a foraclusão do Nome-do-Pai.

O campo de estudo das **Singularidades** é caro à EBP-SLO, a tal ponto que uma mesa de trabalhos se forma dentro dessa perspectiva. Desse modo, **Isabella Azevedo Melo**, em seu texto, **O encontro da psicose com a arte** apresenta a arte como forma de organizar ou mediar o impacto do real no sujeito psicótico – como suplemento – que possibilita a construção de significados e ilustra todo o processo com caso clínico. Com o relato da participação de um paciente de um hospital psiquiátrico em uma oficina terapêutica de modelagem, **Tânia Mara Alves Prates**, em seu texto, **Saber-fazer na psicose** mostra o efeito de religamento social do paciente pelo saber-fazer do paciente nesta oficina. Já **Thailla de Lima Franco**, inspirada no estudo do Seminário 4, de Lacan, e a leitura do texto freudiano “Três ensaios sobre a sexualidade”, aborda, com o texto **O objeto e a falta**, a tensão na relação sujeito-objeto, sempre perdido e seu desdobramento na relação com o Outro. **Renato Carlos Vieira**, em **Do universal ao singular: sutilezas analíticas**, contrapõe o universal dos diagnósticos psicopatológicos e a prática clínica orientada pelo *sinthoma*, o mais singular de cada um.

O **Feminino**, decorrente de vários cartéis focados na temática, constitui uma das mesas de trabalhos dessas jornadas. De tal modo, **Anna Paula da Silva**, com o texto, **Homossexualidade feminina** apresenta uma síntese dos textos freudianos sobre a sexualidade. Passando pelo tema do feminino, desde as construções freudianas até os aportes lacanianos, **Lucas Fraga Gomes**, se pergunta no texto: **Em um percurso de análise, qual a relação entre cicatriz e devastação?** Pois a partir de Lacan, a devastação não se restringe ao desejo materno, e sim ao enigma do gozo feminino, ocorrendo um deslocamento da universalidade gozo representado pela mãe para a inconsistência do universal da mulher. Assim, a devastação passa a ser pensada também relacionada a sexuação feminina, ou seja, a um resto que escapa ao falo. Ainda na temática da devastação, **Olenice Amorim Gonçalves**, refletindo sobre as **Saídas da devastação** apresenta uma pesquisa em Freud e em Lacan sobre o tema localizando-o em Freud, nos textos sobre a sexualidade feminina e, em Lacan, passando por quatro momentos de seu ensino, onde este conceito pode ser encontrado. **Livia Bicalho Porto Pimentel**, no texto, **A complexidade de uma relação: os laços pré-edípicos entre mãe e filha**, tematiza o que é específico do feminino na relação mãe-filha propondo que nos caminhos que levam a uma relação de devastação, é imprescindível revisitarmos a questão da sexualidade feminina e a complexidade dos laços pré-edípicos.

Outro assunto que não deixou de fazer parte de nosso debate nos cartéis inscritos na EBP-SLO foi o **Infantil**. Alguns cartéis se debruçam sobre o eixo temático e as primeiras produções começam a aparecer no âmbito da EBP-SLO. Nessa vertente de estudo, **Emanuele Pezzin Trevizani**, com a reflexão, **Pombo não dá água? Fobia infantil e o Sem. IV** apresenta um caso de fobia infantil de pombos e, com base o Seminário IV de Lacan, destaca a relação da mãe com a criança. Seguindo a temática, **Hítala Gomes**, no texto, **Da frustração à assunção subjetiva**, trata da construção da frustração à assunção subjetiva. O que está em jogo é mais o amor do que o objeto. Citando o seminário IV de Lacan, a autora acrescenta que os objetos reais se tornam signos de amor. Transformar o objeto real em objeto de dom, introduz a criança na ordem humana, além disso, ao responder a criança com o símbolo do amor, a mãe reconhece o desejo da criança, ainda que incipiente. Outra nuance na mesma proposta é oferecida por **Maísa Helena Lopes Rabelo**, na produção, **O mais-além na frustração**, que parte do Seminário 4, em que Lacan busca “retificar alguns conceitos e práticas clínicas em voga pelos analistas da época, que privilegiavam a relação de objeto como algo primário e central na clínica, mantendo as análises em um campo imaginário, na lógica de uma relação dual, sem considerar um elemento terceiro na relação”, estabelecendo as formas de falta: frustração, privação e castração. Em **Sonhos e pesadelos das crianças: do que se trata?** **Luciana da Silva Pedron** busca avançar com o tema dos sonhos, desde a descoberta freudiana, enquanto via privilegiada de acesso ao inconsciente e de realização de desejo, passando por Lacan e sua proposta do sonho como uma ‘espécie de escrita’ a ser lida.

As IV Jornadas de Cartéis da SLO apresentam trabalhos que versam sobre o **Sinthoma**, tema abordado em múltiplos cartéis inscritos na EBP-SLO oriundo de estudos do último ensino de Lacan. **Adriana Gomes Pessoa**, em seu texto, **Angústia e passagem ao ato** orienta com a questão: quando surge a angústia? Para responder apresenta a “passagem ao ato e o acting out” nos exemplos freudianos da *Jovem homossexual* como uma defesa diante do real. Já **Fabiana Engel Fratari**, em **Tipos de enodamento: sinthomáticos e não sinthomáticos** trata da importância do sinthoma como o que permite reparar a cadeia borromeana, acrescenta ainda, citando Lacan no Seminário 23, que se trata de alguma coisa que permite ao simbólico, ao imaginário e ao real continuarem juntos, ainda que, devido a dois erros, nenhum segure mais o outro. **O que sustenta as parcerias amorosas**, escrito proposto por **Maila Thaiane Reis Rocha Siqueira** que apresenta o *sinthome* como aparelho de gozo do *falasser* e mediador na relação com o Outro. A referência é de Miller com a noção de Parceiro-Sintoma que lhe permite formular sobre o amor nas parcerias amorosas e tem como exemplo uma vinheta clínica. Por fim, **Claudia Murta**, em **Para que não se esqueça...** pergunta sobre o modo como a psicanálise pode contribuir com a luta decolonial e apresenta a clínica como um caminho possível a partir do relato de passe de Marina Recalde.

Esses são os produtos de cartel apresentados nas IV Jornadas de Cartéis da Escola Brasileira de Psicanálise Seção Leste-Oeste. Aproveitem a leitura!

CORPO

LINGUAGEM, DISCURSO E CORPO, NO AUTISMO

Bartyra Ribeiro de Castro ¹
bartyrardecastro@gmail.com

Não há sujeito fora da linguagem e o autista está fora do discurso são premissas de Lacan ² para os estudos do autismo.

Rosine e Robert Lefort, em A distinção do autismo ³, propuseram o autismo como uma quarta estrutura psíquica, cuja principal característica seria a emergência do S1 sozinho, que não faz laço com S2, chegando a se pensar em uma a-estrutura.

O último ensino de Lacan nos auxilia a pensar esta hipótese: os conceitos de S1 sozinho, de corpo falante e da pulsão como eco da linguagem no corpo, e do UM anterior ao Outro.

Quanto ao autismo, não se pode falar de sujeito do inconsciente. O sujeito do inconsciente assente ao Outro simbólico e às suas consequências, encarna a linguagem, configura um corpo simbolizado e localiza o gozo no corpo pela queda do objeto a, como resto da articulação de S1 com S2.

Quanto ao autismo, só podemos falar de falasser. O autista é tocado pelo eco do fato de que há um dizer, ouve o murmúrio de alíngua sem tradução pela máquina simbólica. A linguagem é feita para gozar, em um simbólico sem sistema e sem significação, que é enxame de S1, e que, pela impossibilidade de incorporação, itera. A questão central é a materialidade sonora ⁴: o significante ressoa no corpo sem localizar o gozo, repercutindo em um corpo sem recorte das zonas erógenas, e não havendo destacamento completo de a letra, nem um furo constituído. O falasser autista extrai de alíngua uma letra inequívoca que não permite uma elucubração de saber e a constituição da linguagem como um saber.

Temos, assim, duas vertentes: 1) a-estrutura – Lefort e J-A Miller: um S1 como iteração sem efeito de significação, numa “metamorfose multiplicativa em um enxame”⁵, um S1 bífido, que tem a cavilha do significante-mestre foracluída, que demarca um excesso, mas não uma falta; e 2) Maleval: um congelamento do significante, havendo um tempo da alienação congelada em que o UM não se remete ao Outro.

Neus Carbonel⁶: “[...] a foraclusão do S1 no autismo supõe que o corpo está obturado, sem furos para indicar os orifícios da pulsão, sem fronteiras entre exterior e interior” “[...] que demarquem o exterior como sendo [...] diferente e descontínuo de um interior.”

O que faz a função de localização e de processamento do gozo é o estabelecimento de uma borda autística como defesa e mediação, pelos objetos autísticos, a constituição de duplos e/ou interesses específicos.

O autista entra na linguagem pelo significante e em relação com a linguagem pelo signo – se colam a um referente –, não pela articulação significante.

Maleval⁷ nos ensina que a língua dos signos diz que o inconsciente freudiano não está fundado. Fala de um inconsciente real, de uma alienação sem separação. O S1 retido provoca uma alienação congelada, um S1 que itera, mas podendo chegar a um descongelamento, a uma “enunciação expressiva”, nos autistas de alto rendimento.

Ele propõe que, a partir de um acontecimento traumático, de um esvaziamento de gozo na borda autística, de algo que se descongela no S1, o autista possa se servir do significante para se expressar por uma enunciação.

Neste momento das pesquisas sobre a estrutura autística, portanto, para concordarmos com Lacan, nas duas premissas iniciais, teremos que dizer que o autista está na linguagem pelo significante congelado e, sim, está fora do discurso, entendendo discurso como articulação S1-S2.

Referências

1. Cartel: AUTISMO – Cartelizantes: Jean-Claude Maleval (mais-um), Bartyra Ribeiro de Castro, Gustavo Slatopolsky, Rachel Amin, Ricardo Seijas. Cartel inscrito na ECF e na EOL.
2. LACAN, Jacques. “Conferência em Genebra sobre o sintoma” [1975]. Opção lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo: Edições Eolia, num. 23, p. 06-17, dez. 1998.
3. Lefort, R. e Lefort, R. (2017[2003]). *A distinção do autismo*. (A. L. Santiago e C. Vidigal, trads.). Belo Horizonte: Relicário.
4. BAYÓN, P. A. *O autismo, entre a língua e a letra*. Tradução: Bartyra Ribeiro de Castro, Vitória – ES, Brasil: Cândida, 2024, p. 90.
5. MILLER, Jacques-Alain, “Préface”. In: Maleval, Jean-Claude, *La Difference autistique*, Parios, França: Arguments Analytiques, 2021, p. 13
6. Matinée du CERA, 17 de abril de 2024. Transcrição e tradução livres.
7. MALEVAL, Jean-Claude. *La Difference autistique*, Paris, França: Arguments Analytiques, 2021.

A USINA DE SIGNIFICANTES

*Raissa Turíbio Milhomem¹
raissatm.psi@gmail.com*

Gostaria de resgatar a analogia empregada por Lacan no Seminário 4 para ilustrar os registros do real, simbólico e imaginário, elementos essenciais para a noção da falta de objeto. Lacan nos convida a traçar uma aproximação entre o aparelho psíquico e uma usina hidrelétrica instalada em um rio. Em um cenário natural, a força da corrente do rio está lá, mas não é considerada “energia” até que alguém a mensure e a utilize. Para isso, é necessário construir uma usina, modificando a paisagem original.

Assim é o aparelho psíquico, a energia libidinal que existe no real só é apreendida a partir da cadeia de significantes, embora a linguagem esteja lá antes e desde sempre. A usina da linguagem, apreendida na experiência psicanalítica, nos mostra que há significantes já instalados e já estruturados e os sujeitos estão organizados em seu psiquismo pelo jogo próprio desses significantes. Assim como há na natureza reservatórios, também há no significado certo número de elementos que são dados na experiência como acidentes do corpo, mas que são retomados no significante e que formam sintomas, como a fobia.

Neste momento de seu ensino, Lacan utiliza principalmente da fobia e do fetiche para ilustrar as formas de relação do sujeito com o mundo, a saber, os três registros da falta do objeto: a frustração, a privação e a castração. Faz uma crítica ao modo como os pós-freudianos conduziam o processo analítico e a relação objetual, baseada no dualismo sujeito-objeto. Busca reinterpretar algumas leituras psicanalíticas, e através dos escritos de Freud, nos mostra que o objeto e o desejo são sempre metonímicos. Não existe objeto que não remeta a outro objeto e o desejo é o desejo do Outro.

Desta analogia surge uma pergunta de trabalho: “Qual uso a criança faz do objeto fóbico? ”. Os estudos feitos até agora pelo cartel, cujo meu tema é a fobia, me conduzem a algumas pistas.

A energia do rio é como a linguagem e sua usina é a cadeia de significantes, pois “desde que existem aí significantes que funcionam, os sujeitos estão organizados em seu psiquismo pelo jogo próprio desses significantes”². Esse entendimento leva à colocação lacaniana de que o Isso freudiano, não é algo natural, pois é atravessado pelo significante. Para Lacan, o Isso é “aquilo que é suscetível, por intermédio da mensagem do Outro, de tornar-se Eu”³. É pela mensagem do Outro, que o Eu pode, do Isso, advir. O Supereu seria, portanto, o que dessa mensagem do Outro inaugura o sujeito, ou seja, o significante que assinala essa relação necessária entre o homem e a cadeia significante: “Há no homem um significante que marca sua relação ao significante, e a isso se chama o supereu. Existem, mesmo, muito mais que um deles, e a isso se chama os sintomas”⁴. Nessa perspectiva, os elementos do real e do corpo, assim como a energia do rio, são transformados pelo fato de serem simbolizados pela usina da linguagem: “simbolizados quer dizer que eles são introduzidos no lugar do significante como tal, que se caracteriza pelo fato de articular-se segundo leis lógicas”⁵.

A fobia, portanto, é uma das condições clínicas que revela que a relação do sujeito com o objeto é sempre a relação dele com a falta de objeto, “a fobia constitui um apelo por socorro, o apelo a um elemento simbólico singular”⁶. O fóbico se difere do fetichista por não encontrar imaginariamente o objeto. Por outro lado, a fobia também se distingue da angústia por não se deparar tão de imediato com sua falta.

Esse processo de simbolização do real e do corpo irá conduzir Lacan a sua exposição sobre a falta do objeto, pois, é apenas no nível do simbólico que o objeto pode faltar. Se a frustração funda a ordem simbólica e a privação implica a simbolização, será na castração advinda do complexo de Édipo que o sujeito confirmará sua entrada na ordem simbólica e na esfera do desejo. Continuaremos nossa investigação a partir do seminário 4 e do caso freudiano *Análise de uma fobia de um menino de cinco anos*.

Referências

¹ Participante do Cartel: “Leitura do Seminário ‘As relações de objeto de Lacan’”. Cartelizantes: Tânia Regina Anchite Martins (Mais-um); Ana Paula da Silva; Máisa Helena Lopes Rabelo; Raissa Turíbio Milhomem; Thaila de Lima Franco.

2. LACAN, Jacques. *O seminário, livro 4: a relação de objeto, 1956-1957*; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [versão brasileira de Dulce Duque Estrada e revisão de Angelina Harari], Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p.49.

3. Ibidem, p.45.

4. Ibid., p.216.

5. Ibid., p.51.

6. Ibid., p.57.

A RETENÇÃO DOS OBJETOS DA PULSÃO NO AUTISMO

Regina Cheli Prati¹
reginacheliprati@gmail.com

De acordo Maleval (2022)², a constituição do autismo ocorre de forma muito precoce, podendo ser detectada, em alguns casos, aos 2 meses de vida pela evasão do olhar e, aos 9 meses, pela ausência da atenção conjunta. O mutismo, a manutenção de balbucios e ecolalias, a dificuldade e seletividade alimentares, a incontinência e a encoprese são indícios da retenção dos objetos da pulsão.

Para entender a lógica dessa retenção, retomei um texto onde Miller (2018)³ esclarece o que é abordado por Lacan no Seminário 11, sobre a alienação e a separação.

Nesse texto, o autor afirma que o sujeito é um lugar vazio e, por mais propício que esse lugar seja para ser um continente, ele não é o lugar do significante. O lugar do significante é o Outro, e é necessário que um significante se inscreva no lugar do sujeito (S1) para que ocorra a reunião do conjunto vazio do sujeito com o conjunto dos significantes. A existência desse S1 é determinada logicamente, pois, para que haja articulação entre o sujeito e o Outro, ao menos um significante precisa se inscrever nesse conjunto. Essa é a “metáfora primordial do sujeito, condição da metonímia da cadeia significante, que aparece aqui como o chamado ao segundo significante”⁴.

A resposta a essa alienação é a separação. Nela, o sujeito se isola de tudo o que pertence ao Outro, e novamente, se torna vazio. Assim, ao se confrontar com a falta do Outro, confunde seu lugar original com aquilo que lhe falta e se faz objeto. A interseção entre as duas faltas tem como resultado o objeto *a*, cuja consistência é puramente lógica. Isso significa que o objeto *a* não adquire consistência com base no material que lhe serve de suporte. Quando determinadas partes do organismo ocupam essa função, encontram-se irrealizadas. Assim, ao

tratar dos objetos da pulsão e do falo, percebemos que todos esses elementos são irrealidades: são órgãos que não se reconhecem no real do organismo.

Miller parte do “lugar vazio do sujeito”, o que nos leva a supor a existência de um ser prévio, anterior à linguagem. No entanto, no último ensino de Lacan, o significante tanto “mata a coisa” quanto a “vivifica”. Por isso, é importante compreender a doutrina do gozo no último ensino para entender a constituição do falasser autista e a retenção dos objetos da pulsão.

De acordo com Miller (2012)⁵, até o Seminário 17, Lacan propunha a existência de um organismo vivo capturado pela estrutura da linguagem, o que lhe permite dizer que “o significante representa um gozo para outro significante”, radicalizando a lógica segundo a qual “um significante é o que representa o sujeito para outro significante”. (...) “Ao representar o gozo, o significante o faz faltar, assim como o significante que representa o sujeito o faz faltar”⁶. Dessa forma, tanto o gozo quanto o sujeito tinham origem em um ser prévio, no qual o aparelho significante se inscrevia — “um ser que o significante transformaria em sujeito barrado”⁷.

A transformação radical no último ensino consiste na consideração de que “Há Um”, a primeira marca de gozo que afeta o corpo. Nesse sentido, é Bayón (2024)⁸ que nos auxilia a compreender o significado dessa formulação.

De acordo com ele, a alíngua é o impacto, a entrada do gozo no corpo, enquanto a letra implica uma localização desse gozo. “Primeiro, é o gozo de alíngua. A letra vem depois (...), em um segundo tempo lógico, constituindo-se ao furar esse gozo, esvaziando-o, extraindo o S1 do conjunto indiferenciado dos uns de alíngua”⁹.

Para Schejtman, citado por Bayón¹⁰, existem duas dimensões do furo. A primeira é a borda que delimita o imaginário em relação ao real, circunscrevendo o circuito percorrido pela pulsão. É nesse ponto que se localiza a retenção dos objetos da pulsão presente no autismo. A segunda é a borda entre o simbólico e o real, a qual demarca o limite do simbólico, representado pelo matema do significante que falta no Outro.

Ao abordar como ocorre a criação da borda simbólica que fura o real, Bayón recorre a Lacan no Seminário 21, explicando que “tudo o que sabemos é que ‘um’ conota muito bem o gozo, e que ‘zero’ quer dizer ‘não o há’, o que falta. (...) E, com esse furo e esse gozo, inventa-se um truque que é um saber, isto é, cadeias significantes que se sustentam em uma fantasia”¹¹.

Dessa forma, podemos concluir que, no autismo, a retenção dos objetos da pulsão decorre da não localização do gozo pela letra, sendo essa ausência de localização a responsável por mantê-los os objetos da pulsão no registro do real, impedindo o estabelecimento do circuito pulsional.

Referências

1. Cartel: Teoria e Clínica do Autismo. Mais-um: Fábio Paes Barreto. Cartelizantes: Regina Cheli Prati, Silvana Raquel Amado Buainain, Daniele de Oliveira Rodrigues e Matheus Silva Casquer, inscrito na Seção Leste Oeste da Escola Brasileira de Psicanálise.
2. MALEVAL, Jean-Claude. *La différence autistique: arguments analytiques*. Paris, 2022 (texto para uso interno do Programa de Investigação Psicanalítica do Autismo – PIPA (e rabiola)).
3. MILLER, Jacques-Alain. *Los signos del goce*. 1ª ed. 6ª reimp. Buenos Aires: Paidós, 2018.
4. Idem, p.186.
5. MILLER, Jacques-Alain. “Os seis paradigmas do gozo”. Opção Lacaniana Online Nova Série. Ano 3, número 7, março de 2012. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero7/texto1.html>. Acesso em: 15 dez. 2024.
6. Idem, p. 24.
7. Ibidem, p. 28.
8. BAYÓN, Patricio Álvarez. *O autismo, entre alíngua e a letra*. Vitória: Editora Cândida, 2024.
9. Idem, p. 107.
10. Idem, Ibidem.
11. Ibidem, p. 111-112.

RUMO AO SINGULAR, ACOLHENDO INVENÇÕES ORDINÁRIAS

Henrique Alves Lopes¹
henriquealpsi@gmail.com

Qual a diferença entre psicose ordinária e psicose não desencadeada? A psicose ordinária pode ou não se desencadear? Trata-se de uma classe diagnóstica ou um campo epistemológico? Qual a sua especificidade?

“Interrogações” é o substantivo que se precipita dessas indagações colocadas e desdobradas nas primeiras reuniões do cartel. A partir dele, cada cartelizante recolocou, à sua maneira, algo dessa série de perguntas que a questão forjou. “Psicose ordinária, entre o universal e o singular” foi como me ocorreu traçar um ponto de partida.

O sintagma psicose ordinária se decanta de 3 grandes conversações clínicas promovidas por Miller: os efeitos de surpresa na psicose em “O conciliábulo de Angers”, os casos raros e inclassificáveis em “A conversação de Arcachon” e a psicose ordinária em “A convenção de Antibes”. Tendlarz² aponta que se partiu da supressa nos casos de psicose em geral, passando pelos casos raros ou de difícil classificação para, enfim, constatar que tais apresentações clínicas não eram tão raras assim. Tratavam-se de sujeitos psicóticos discretos, cuja psicose se apresentava pelas bordas, por pequenos indícios; uma vez que os trabalhos sobre psicoses desencadeadas não eram tão frequentes, tais casos passavam despercebidos.

Logo, o termo psicose ordinária é mais um campo epistemológico, que uma categoria diagnóstica e representou um *aggiornamento* na escuta e na direção da cura. Promulgou-se uma visada além do universal das classes, uma orientação ao singular. A busca pelo que fosse funcionar como arranjo “na junção mais íntima do

sentimento de vida do sujeito” viabilizando certa estabilidade em seu caminhar. O que não quer dizer uma normatização, pois não se trata de, a partir de parâmetros externos (sociais, familiares, etc), propor uma ordem ao sujeito, mas a partir dos significantes que emergem de sua própria enunciação e ressoam em seu corpo, apontar um rumo possível. Trata-se de acolher a acompanhar o sujeito em suas invenções, mais que prescrevê-las.

Nesta linha, Miller³ aponta que, tomado pela vertente biopsicossocial, o sintoma pode ser observado, classificado, medido, de forma que se “impõe a existência de uma normalidade psíquica”. Logicamente, restaria ao profissional da área psi avaliar o desvio do sujeito dessa norma e auxiliá-lo no retorno à curva normal padrão.

No entanto, para a psicanálise de orientação lacaniana, o sintoma não é comparável justamente por estar referido ao singular do sujeito. O que não quer dizer que não porte sua cota de padecimento; justamente daí Miller coloca a seguinte questão: “como, dessa infelicidade, essa medíocre infelicidade, fazer alguma coisa que se pode chamar belo?”⁴. Assim, ele faz uma alusão ao tratamento dado por Joyce aos sintomas dos quais padecia, as epifanias e as palavras impostas, “ecos dos quais ele soube fazer uma arte”⁵.

Aqui, a arte não é tomada como ideal, trata-se do que para Joyce foi possível. Lacan⁶ (1975/2022), inclusive, é bem modesto em sua alocação “Solo vale la pena sudar por lo singular”, onde arremata: “em certos casos, isso culmina no que de melhor se pode fazer: uma obra de arte. Nossa intenção não é essa; não é em absoluto levar a alguém nem a fazer um nome nem a fazer uma obra de arte. Consiste mais em incitá-lo a passar pelo bom furo do que a ele se oferece como singular”.

É menos pomposa, a proposta lacaniana rumo ao singular. Afeito às sutilezas, trata-se de acompanhar cada um na invenção de algum laço possível com isso que seria puro gozo insociável. Construir um jeito singular de habitar o mundo sem desarvorar-se por essa língua estrangeira que nos habita, nos fala, nos extravia.

Referências

1. Trabalho produto do Cartel: “Interrogações acerca da psicose ordinária”. Cartelizantes: Henrique Alves Lopes (mais-um), Ana Paula Soares Amorim, Daiany Mendonça Alves, Gabriella Gontijo Marques, Paula Ferreira Cândida.
2. TENDLARZ, Silvia. (maio, 2024). “Aula de 18 de maio de 2024”. Comunicação oral/ Maestria em clínica psicoanalítica (turma 2023) da Universidad Nacional de San Martín, Buenos Aires.
3. MILLER, J. A. *Piezas sueltas*. Buenos Aires: Paidós, 2013.
4. Ibidem, p. 48.
5. Ibidem, p. 38.
6. LACAN, J. “Solo vale la pena sudar por lo singular” (1975). Revista Lacaniana, año XVII, número 32, diciembre. Buenos Aires: Grama, 2022.

CORPO UM PARADOXO

Marcelo Macaue¹
macauefotografia@gmail.com

À morte do corpo que foge, Lacan grita: “a morte entra dentro do domínio da fé. Vocês fazem bem em acreditar que vão morrer, obviamente. Isso lhes dá forças! Se vocês não acreditassem nisso, poderiam suportar a vida que levam? Se não estivessem solidamente apoiados na certeza de que há um fim, acaso poderiam suportar esta história?”². O paradoxo lacaniano fala da morte promovendo a força da vida no corpo do falasser que achando ter um corpo que lhe pertence, também lhe escapa.

Lacan argumenta que “o falasser adora seu corpo, porque crê que o tem. Na realidade, ele não o tem, mas seu corpo é sua única consistência, consistência mental”.³ A consistência, segundo Lacan, “é o que mantém junto [...] mesmo o corpo, nós o sentimos como pele, retendo em seu saco um monte de órgãos”⁴. O falasser crê que tem, mas não o tem, pois, o corpo é construção simbólica contínua, amalgamada com o inconsciente; corpo e linguagem constituídos pelo real, simbólico e imaginário. Temos o ciclo formado: o corpo que escapa ao falasser, o corpo real, é a superfície de inscrições que dão ao corpo-próprio suas características, suas convicções que abastecem o corpo simbólico. Por sua vez, o corpo simbólico reflete como um espelho o que dele conseguiu compreender, originando o corpo imaginário. O falasser imagina seu corpo “é o sexual que mente lá dentro, ao ficar se relatando demais [...] posto que a adoração é a única relação que o falasser tem com seu corpo”⁵. O corpo é também uma construção da linguagem. Assim, outro corpo se compõe no paradoxo entre corpo e falasser, o corpo da linguagem, objeto e imaterial.

Tomar uma direção é distanciar-se da outra, onde o movimento cria uma ação diante do que se aproxima, como do que se afasta. Não se pode avançar e retroagir simultaneamente. Pode-se perceber que ao avançar retrocedeu-se no que se acreditava ser o caminho certo, o lugar desejado. Nesse caso o corpo avançou enquanto

a percepção geradora dos pensamentos intuía o fracasso do caminho e do caminhante: um acontecimento do pensamento, do falasser, do corpo, do tempo, do engano. O passado e o futuro impedem o significante presente. O corpo em seu movimento pendular é ato contínuo. Fixar-se no passado ou tornar-se um devir-louco no futuro faz falasser e corpo dialogarem com o “enigma” paradoxal do isso ou aquilo. Segundo Lacan, “a análise é isso. É a resposta a um enigma”⁶; ou ainda, “em análise, todo o sujeito conta o seguinte: ele é sempre e nada mais do que uma suposição [...] o sujeito sempre é, não duplo, mas dividido”⁷.

Essa divisão está na cadeia de nós borromeanos, digo, simbólico, real e imaginário, levando em conta a necessidade de que estejam enodados. E Lacan nos alerta que “a capacidade de abstração imaginativa é tão fraca que essa corda - essa corda mostrada como resíduo de consistência - exclui o nó”⁸. A corda é a consistência, o nó ex-siste ao elemento corda⁹. Se a cadeia de nós mostra o falasser, excluir o nó é um paradoxo. Falasser e corpo encontram nos nós a consistência, sendo essa a própria corda, reta infinita que se une a si mesma por uma emenda, nós enodados na contingência da existência do corpo que ao falasser escapa. O romper dessa cadeia borromeana, leva o falasser a falta da verdade. Mas o que é a verdade?

Segundo Lacan é “seguir o rastro do real, que consiste e ex-siste apenas no nó”¹⁰. Com o rompimento dos nós, ocorre o desenodamento do simbólico, real e imaginário. Daí a importância da análise como manutenção e restauração da cadeia de nós borromeanos. “É de suturas e emendas que se trata na análise [...] imaginário, simbólico e real não se confundem [...] encontrar um sentido implica saber qual é o nó”¹¹. Concluímos assim que na cadeia borromeana somos os “nós” de nós mesmos. O que torna possível os caminhos diante do paradoxo do falasser e seu corpo que lhe escapa e do enodamento do simbólico, real e imaginário é saber que o real é atravessado pela morte.

Referências

1. Trabalho produto do Cartel: “Leitura do Seminário, Livro 23, O Sinthoma”. Cartelizantes: Adriana Gonring (Mais-Um), Pollyana Christ, Bárbara Guimarães, Marcelo Macaue, Lara Lopez, Larissa Teixeira - Seção Leste-Oeste
2. LACAN, Jacques. O seminário, livro 15, *O ato analítico*. Inédito. Trecho retirado do vídeo que mostra Lacan em seu seminário *O ato psicanalítico*. Link: <https://www.instagram.com/reel/DDr9LupxBtu/?next=%2Fmilenamorvillo%2F>
3. _____. O Seminário, livro 23, Sinthoma. São Paulo: Ed. Zahar, 2007, p.63
4. Ibidem, 2007, p.63
5. Ibid, 2007, p.64
6. Ibid, 2007, p.70
7. Ibid, 2007, p.30
8. Ibid, 2007, p.63
9. Idem, ibidem.
10. Ibid, 2007, p.64
11. Ibid, 2007, p.71

ANGÚSTIA: SIGNO DO DESEJO OU SINAL DO REAL?

George Avance Pereira Ramos¹
georgeapramos@gmail.com

Lacan, no décimo ano de seu Seminário, se propõe a falar sobre o “tema” da angústia, e acrescenta: “a angústia é, muito precisamente, o ponto de encontro em que os espera tudo o que fazia parte de meu discurso anterior”². Escrevemos “tema”, entre aspas, pois Miller nos lembra que Lacan não trata a angústia como um conceito. Sequer Lacan a trata como um sintoma. Embora no primeiro capítulo, Lacan faça gravitar a angústia em uma rede de significantes, tais como inibição, impedimento, emoção, embaraço, sintoma, ela parece exigir uma dimensão própria, uma dimensão que vá além da estrutura significante. Nesse momento, Lacan parece apontar muito mais para a “função da angústia” do que para um conceito da angústia. Elisa Alvarenga acrescenta algo pertinente em seu comentário. Retomando Miller: “não dizemos que a psicanálise cura a angústia, nos livra da angústia, mas que a psicanálise permite atravessar a angústia. E essa palavra atravessar é a mesma palavra que usamos para a fantasia – a travessia da fantasia”³.

Nesse ponto é necessário fazer uma observação. Ora, se a angústia aponta para algo além da estrutura significante, o que faz Lacan, em um primeiro momento, dizer que a estrutura da angústia é a mesma da fantasia? Que movimento lógico faz Lacan passar da “angústia, signo do desejo” para “angústia, sinal do Real”? Quais as consequências em dizer que a angústia seria a via de acesso ao Real? Dentro de seu discurso, quais as consequências da revisão do estatuto do objeto com a introdução do objeto a? Esse texto, como uma primeira elaboração de um cartel ainda em andamento, pretende apenas levantar alguns encaminhamentos, sem, no entanto, dar uma ordem, um acabamento, um refinamento a eles. “Falar da angústia, diz Miller, especialmente da angústia porquanto via de acesso ao objeto a, exige delicadeza e uma delicadeza especial, precisamente porque ele não é um objeto como os outros”⁴.

Lacan retoma então, no primeiro capítulo, o grafo do desejo e nos lembra o que chamou “a chave que a doutrina freudiana introduz na subjetividade”: que queres? Pergunta que permite a constituição do sujeito no lugar do desejo do Outro. Essa pergunta fica entre os dois andares do grafo. Comenta Elisa Alvarenga: “Inicialmente, Lacan trabalha a angústia como algo relacionado ao desejo do Outro, uma vez que o sujeito não encontra resposta sobre esse desejo: o Outro barrado não tem um significante que nomeie o que ele quer de mim. Então o sujeito responde com a fantasia. E a angústia, de alguma forma, pode ser localizada entre o primeiro

1 Cartel: “Seminário Angústia”. Cartelizantes: Adriana Gomes Pessoa (Mais-um), André Luis Garcia, Arthur Rebello, Jacqueline Savana, George Ramos. Inscrito na Escola Brasileira de Psicanálise Seção Leste-Oeste.

2 Lacan, Jacques. *O Seminário, Livro 10: A Angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 11.

3 ALVARENGA, E. Entre o gozo e o desejo: uma leitura do Seminário *A angústia*, de Jacques Lacan. Belo Horizonte: Scriptum, 2022, p.22.

4 MILLER, J.-A. Introdução à leitura do Seminário 10 da Angústia de Jacques Lacan. Em: *Opção Lacaniana*, n. 43. São Paulo: Eolia, 2005, p.12.

e o segundo andar do grafo, relacionada com a estrutura da fantasia”⁵. Notamos, neste momento, os elementos habituais do estruturalismo lacaniano: grande Outro, A, lugar do significante; sujeito barrado, \$, como sujeito marcado pelo grande Outro; \$ punção de a, suporte do desejo. O pequeno a ainda está impregnado pela teoria do imaginário fundado no *Estádio do Espelho*. Contudo, Miller no adverte que “um dos ângulos sob os quais esse Seminário poderia ser apresentado é como uma crítica do imaginário, precisamente uma crítica do estádio do espelho”⁶ Como entender este objeto privilegiado, o objeto a, para além da teoria do imaginário? Qual o papel da angústia nesse movimento?

5 ALVARENGA, E. Entre o gozo e o desejo: Uma leitura do Seminário A angústia, de Jacques Lacan. Belo Horizonte: Scriptum, 2022, p.23.

6 MILLER, J.-A. Introdução à leitura do Seminário 10 da Angústia de Jacques Lacan. Em: Opção Lacaniana, n. 43. São Paulo: Eolia, 2005, p.12.

O CORPO NA PSICOSE: UMA LÍNGUA QUE CORTA!

*Andrea Palmerston Muniz¹
psicoandrea08@gmail.com*

Os estudos e discussões resultantes do *Seminário 3* de Lacan e do curso *Peças Soltas* de Miller me inspirou a investigação do corpo na psicose. Trago então minha questão para o cartel: o que Lacan explora a relação entre o sujeito psicótico e o seu corpo, destacando a fragilidade ou a quase inexistência da construção da imagem corporal devido à falha no campo simbólico? “...a loucura decorre da autenticação do imaginário”², a poesia da investigação. Me veio a questão deste corpo *despedaçado* quando Lacan coloca: “...o eu humano é o outro, e que no começo o sujeito está mais próximo da forma do outro do que do surgimento de sua própria tendência. Ele é originalmente coleção incoerente de desejos – aí está o verdadeiro sentido da expressão corpo despedaçado”³.

Embora não tenha um corpo, sendo a alienação na psicose como forma geral do imaginário, o corpo do psicótico é fragmentado e despedaçado, fragmentado, a imago corporal não se constitui. “Não se trata simplesmente de identificação e do cenário vacilante do lado do outro com minúscula. Desde que o sujeito fala, há o Outro com A maiúsculo. Sem isso, não haveria problema da psicose. Os psicóticos seriam máquinas de fala”⁴.

O que podemos verificar na clínica das psicoses é essa relação de estranhamento que o psicótico mantém com seu corpo. Por vezes até mesmo de forma narcotizante, alienante. Quando ocorrem o que podemos colocar como crises, são acometidos por estímulos que atingem seu corpo, mas sem censura. Como se pode ver nos delírios de Schreber: “Há em primeiro lugar o dia e a noite, o sol e a lua, as coisas que voltam sempre ao mesmo lugar, e a que Schreber chama a ordem natural do mundo”⁵. Para Lacan, a relação do corpo com a foracclusão do Nome-do-Pai: Lacan afirma que a relação do sujeito psicótico com o seu corpo é afetada pela foracclusão do Nome-do-Pai; não tem um corpo, é sempre do Outro.

Me lembrei de um poema “A Minha Musa”, que me afeta o corpo, de Adília Lopes, poetiza que foi diagnosticada com *psicose esquizo-afetiva*, da qual falou abertamente durante sua trajetória de vida e que nos deixou recentemente no final de 2024. Um dos seus poemas me atravessou, traz este corpo escrito no poema, e na arte desta, como colocado por uma gama de significações, tanto discursivas como não discursivas, as quais envolvem os processos de feitura e reconhecimento do corpo, de imagens corporais e sua Musa e sua relação sacrificial que esta lhe impõe. Coloco aqui o poema:

A MINHA MUSA antes de ser
a minha Musa avisou-me
cantaste sem saber
que cantar custa uma língua
agora vou-te cortar a língua
para aprenderes a cantar
a minha Musa é cruel
mas eu não conheço outra⁶

O corpo silenciado e sensível, como colocado pela professora de letras Anna Beatriz Affonso Penna: “tradicionalmente foi ligado a uma ideia de submissão, na escrita do poema revela-se uma prática resistente ao demonstrar que ausência de som nunca foi ausência de expressão, e que, aquilo que o verbo cala, os olhos manifestam com o prazer”⁷.

O gozo que sentimos ao ler a poesia um tanto do nosso confronto da violência, o corpo constrói-se em relação a essa violência. Da relação com essa violência surge um sentido, que não se reduz à ordem da violência, mas de uma certa incompreensão. Como dito por Lacan: “o que prova que nós temos todos alguma coisinha de comum com os delirantes. Eu tenho o tanto disso como todos vocês, o que há de delirante no homem normal”⁸. Este corpo que em Lopes é mutilado pela linguagem nesta poesia, atravessa corpos, que embora aniquila de forma impetuosa e sem medo de não significar um corpo, como significa e os modos de significação. Uma língua que Corta!

Referências

1. Cartel: “Leituras sobre psicose a partir do Seminário 3 de Lacan e do curso Peças Soltas”. Cartelizantes: Anna Rogéria Nascimento de Oliveira (Mais-Um), Andrea Palmerston Muniz, Isabella Azevedo Melo, Lucas Mancini Rocha, Eduarda Vidal Bravallhier.
2. LACAN, Jacques. (1955-1956). O Seminário, livro 3: As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.52.
3. Idem, 1985, p.50.
4. Idem, 1985, p.60.
5. Idem, 1985, p.68.
6. LOPES, Adília. A Pão e Água de Colónia. Lisboa: Casa Editora Frenesi, 1987, p.30.
7. AFFONSO PENNA, Ana Beatriz. (2017). “Adília Lopes e Sylvia Plath: um corpo em diferença”. Abril – NEPA / UFF, 9(18), p.23. <https://doi.org/10.22409/abriluff.v9i18.29918>
8. Ibid, 1985, p.60.

TER UM CORPO E O IMAGINÁRIO

Tânia Regina Anchite Martins¹
tramartins@gmail.com

Meu tema neste cartel é “Hans e ter um corpo”. Estamos, em nossa leitura, nos capítulos que antecedem o percurso que Lacan faz no Seminário *A relação de objeto* a partir do caso Hans.

Nestes capítulos Lacan nos ensina que o imaginário é uma das vias de construção do corpo. Aponta, ainda, que Freud se serve do desejo perverso, particularmente do fetichismo para falar de desejo.

“O desejo nos interessa no mais alto grau por uma dupla razão. Por um lado, lidamos com este desejo em nossa prática. Não é um desejo construído, mas um desejo com todos os seus paradoxos, assim como lidamos com um objeto com todos os seus paradoxos. Por outro lado, é claro que o pensamento freudiano partiu desses paradoxos. Em particular, no que diz respeito ao desejo, ele partiu do desejo perverso.”²

Especialmente o fetichismo porque, em Freud, o fetiche aparece como o que vela a falta. Um véu, sobre o qual se faz a projeção imaginária, é colocado diante do objeto.

“Aqui aparece o que se torna figuração da falta, o fetiche, que pode ser o suporte oferecido a algo que assume ali, justamente, seu nome, o desejo, mas o desejo como perverso. É sobre o véu que o fetiche vem figurar precisamente o que falta para além do objeto.”³

Lacan se pergunta em que momento o sujeito se enfrenta com essa falta e como ele faz essa descoberta. Outra questão, o que o leva a engajar-se na via de substituí-la?

“Temos a estruturação simbólica e a introjeção possível, que é, como tal, a forma mais caracterizada da identificação freudiana primitiva. É num segundo tempo que se produz a *Verliebtheit*. Esta não é concebível, não é articulada em parte alguma, senão no registro da relação narcísica, em outras palavras, da relação especular [...]”⁴

Lacan articula a primeira identificação freudiana e o estágio do espelho tal como ele mesmo o descreve, na medida em que a relação com a imagem do outro dá ao sujeito a matriz simbólica que lhe permitirá organizar seu eu e o que ele experimenta como sua incompletude. Trata-se de uma condição prévia. O corpo do outro, a imagem do corpo do outro antecede o próprio corpo. É na relação com esta imagem que se apresenta como total e fonte de júbilo que se inicia para o sujeito a subjetivação de que algo pode faltar, tal como vemos Lacan formular no *Seminário 4*.

Consideremos o que Freud nos ensina a partir de sua prática, que nenhuma satisfação por um objeto, qualquer que seja, consegue preencher a falta na mãe. Uma mulher, como mãe terá que se haver, na relação com a criança, com o que permanece como “um ponto de fixação de sua inserção imaginária, a falta do falo”⁵ e “o sujeito leva assim para além do objeto do amor esta falta a que pode ser conduzido a substituir, a se propor ele mesmo como o objeto que a preenche.”⁶ Um objeto fetiche. A criança em sua totalidade é o objeto. O corpo da criança “em sua totalidade, é o objeto a”.⁷

Ou seja, já temos aqui “a indicação de que é do imaginário da mãe que vai depender a estrutura subjetiva da criança”⁸.

Miller ressalta um momento anterior ao especular, anterior ao gozo do corpo imaginário, um primeiro tempo “como se nesse estádio o gozo estivesse livre da concentração na imagem do corpo próprio”⁹. Esse tempo do narcisismo primário no qual a criança encontra-se entregue em sua totalidade aos cuidados e ao olhar do Outro materno será fundamental, como podemos extrair do percurso realizado por Lacan, para a posterior constituição da imagem do corpo próprio.

Referências

1. Trabalho produto do Cartel: Leitura do Seminário “A relação de objeto” de Jacques Lacan. Cartelizantes: Tânia Regina Anchite Martins (mais um), Anna Paula da Silva, Maísa Helena Lopes Rabelo, Raíssa Turibio Milhomem, Thailla Franco.
2. LACAN, J. (1956-1957). O Seminário, Livro IV, “A relação de objeto”. Rio de Janeiro: JZE, p. 167.
3. Idem, p. 168.
4. Idem, p. 179.
5. Idem, p. 180.
6. Idem, p. 180.
7. MILLER, J-A. “A imagem do corpo em psicanálise”. Opção Lacaniana, n. 52. São Paulo: Eolia, 2008, p. 18.
8. LACAN, J. (1966-1967). O Seminário, livro XIV, “A lógica do fantasma”. Rio de Janeiro: JZE, p. 15.
9. MILLER, J-A. “A imagem do corpo em psicanálise”. Opção Lacaniana, n. 52. São Paulo: Eolia, 2008, p. 18.

POLÍTICA DA ESCOLA
FORMAÇÃO DO ANALISTA

A POLÍTICA DA REVISTA *SABIÁ*

Denizye Aleksandra Zacharias¹
denizyez@gmail.com

Quando se escreve, pode-se muito bem tocar o real,
mas não o verdadeiro.²

A Seção Leste-Oeste, em formação, foi fundada em 2019 com a proposta da Nova Geografia, a qual, a partir das diferenças regionais e com a diversidade de estilos culturais, pudesse sustentar e transmitir o Discurso analítico com o funcionamento de Escola. Em 2020, após a I Jornada de Cartéis, foi homologada a Seção Leste-Oeste da EBP do Campo Freudiano pela então presidente Elisa Alvarenga. Logo em seguida, em 2021, foi lançada a primeira revista da Seção Leste-Oeste, a *Sabiá*, na responsabilidade da Diretora de Biblioteca Bartyra Ribeiro, quem, poeticamente, apresenta a “*Sabiá* leste-oestima, de páginas aladas, cujo habitat abrange uma geografia singular”³.

Foi a partir dessa Nova Geografia que a minha questão do cartel visou construir a política da revista *Sabiá*. Por ser jovem, com apenas três anos de circulação e com três números editados, parto para a minha pesquisa na construção histórica, porém permeando pontos candentes como: o que há de libido na revista? Ela é um objeto vivo ou morto? A revista toca pontos cruciais da psicanálise? A revista fortalece os laços dos membros da Seção Leste-Oeste?

Com esses pontos cardeais, segui o caminho com a leitura primorosa e rigorosa de cada exemplar da revista, conseguindo depurar sua política.

Sabiá é uma revista que constitui na sua transmissão o produto das Jornadas, testemunhando o trabalho de Escola da Seção Leste-Oeste. Assim, ela coloca em circulação anualmente a força de trabalho e a lógica

de funcionamento dessa Seção da EBP, tendo como orientação um escrito que possa servir aos psicanalistas, como Lacan adverte: “o sujeito é dividido pela linguagem como em toda parte, mas um de seus registros pode satisfazer-se com a referência à escrita, e o outro, com a fala”⁴.

Na *Sabiá* n. 1, com o tema “A formação do Analista”, Rômulo Ferreira Silva diz: “Trata-se de orientações que têm repercussões nos textos restantes”; mais adiante, ele afirma que “na proposição desse primeiro número da *Sabiá*, visa, em primeira instância, extrair o UNO que compõe nossa empreitada”⁵. Com essa orientação, encontramos as histórias do movimento psicanalítico das diversas localidades da Leste-Oeste e como na região aconteceu a mudança de Delegação para Seção. Nos testemunhos dos autores, encontramos dizeres que construíram e definiram cada lugar.

Encontra-se, nos três números da revista *Sabiá*, o acolhimento das falas em texto dos convidados internacionais das Jornadas, de modo que podemos ler o avanço da psicanálise que visa a uma orientação para o futuro da prática analítica. Não se pode esperar encontrar uma orientação mais esclarecedora. *Sabiá* apresenta sua política de publicação ao acolher os produtos dos membros e não membros a partir desse encontro do estar juntos, publicando textos apresentados nas Jornadas, dando outro destino das falas para o escrito, testemunhando o trabalho de Escola da Leste-Oeste.

A rubrica “Entrevistantos” o novo, o que enoda, neologismo criado por Bartyra que se endereça ao *affectio societatis*. Conforme afirma Miller, os psicanalistas devem se juntar para as publicações a fim de reunir as solidões⁶. Nessa rubrica, destaco o agalma da revista que tem o lugar do atual e vivo, quer dizer, alguma coisa que não sofrerá a corrosão imaginária do tempo, como afirma Romildo do Rêgo Barros⁷.

A revista pode ser mais um objeto lixo nas prateleiras das bibliotecas, mas também pode ser um objeto agalmático. *Sabiá* está no mundo, *Sabiá* está na Biblioteca UNA. Por essa razão, a biblioteca é um lugar de ação lacaniana, de modo que as revistas ficam à disposição para serem lidas pelos interessados em psicanálise de orientação lacaniana, consagrando o efeito radical que a leitura dos textos pode produzir em cada um.

Referências

1. Cartel: “O lugar da revista na Seção”. Ruskaya Maia (EBP/AMP), Ordália Junqueira (EBP/AMP), Cícero Dufraye, Adriana Pessoa e Denizye Zacharias (EBP/AMP) (Mais-um)
2. LACAN, J. *O seminário, livro 23: O sinthoma*. (1975-1976). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 78.
3. RIBEIRO, Bartyra. “Apresentação”. *Sabiá*. Revista de psicanálise Seção Leste-Oeste, Vitória, n. 1, p. 9, 2021.
4. LACAN, Jacques. (1971). “Lituraterra”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 24.
5. SILVA, Rômulo Ferreira. “Editorial”. *Sabiá*. Revista de psicanálise Seção Leste-Oeste, Vitória, n. 1, p. 11, 2021.
6. MILLER, Jacques-Alain. “Affectio societatis”. (1990). In: *Lacan elucidado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. p. 553.
7. BARROS, Romildo Rêgo. “A formação de um analista”. *Sabiá*. Revista de psicanálise Seção Leste-Oeste, Vitória, n. 1, p. 66, 2021.

O CARTEL E A CAUSA PSICANALÍTICA

Simone Souza Vieira ¹
simsouvi@gmail.com

Desde o texto “Ato de Fundação”, lemos de saída, a importância do lugar e da função que Lacan dá ao cartel dentro da Escola: “Para a execução do trabalho, adotaremos o princípio de uma elaboração apoiada num pequeno grupo ” ². A seguir, ele detalha sua definição e o seu funcionamento.

Considerando a importância que tem um cartel para a Escola de Lacan, recorto aqui algumas considerações sobre o Cartel e a Escola, que surgiram durante o trabalho em cartel.

Participo como *mais-um* do cartel: “Cada Um em seu Mundo”, e que tem como integrantes, Letícia Rosa, Melissa Fukushi, Randra Gondouin e Renato Vieira. Nota-se que o próprio nome escolhido para realizarmos o trabalho de ler o texto de Miller, *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan*, já nos dá a dimensão de como as singularidades, e por que não dizer, singularidades que carregam a relação do Um sozinho com a causa psicanalítica são importantes para constituição de um cartel.

Em um de nossos encontros, levei como contribuição o texto de Miller: *Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola*, texto de onde – tudo indica, extraiu-se o título da Jornada. Logo, as considerações que trago aqui se baseiam no que Miller teorizou sobre a Escola que se fundava na Itália, e, sobretudo, naquilo que Lacan teorizou no “Ato de fundação”. São dois textos de dois tempos distintos, porém com uma orientação bem constituída.

É possível ler o cartel pela teoria de fundação da Escola?

“Em uma Escola, tudo é da ordem do analítico”³. Ressalto o significante TUDO, por entender que nesse tudo, o cartel está aí metido, ou seja, ele também deve “responder à lógica dita do não-tudo”⁴, assim como a Escola. Então, “o tudo é da ordem do analítico”⁵ abre a possibilidade de fazer essa leitura.

Mas em que ponto se enodaria o cartel e a Escola, e como se enodariam os dois textos?

Ao escrever o “Ato de fundação”, podemos pensar que Lacan já apontava para a lógica do não-todo no funcionamento do cartel e da Escola, quando estabelece que o cartel tem limite de integrantes: “no mínimo três e no máximo cinco, sendo quatro a justa medida. Mais Um encarregado da seleção, da discussão e do destino a ser reservado ao trabalho de cada um”⁵; tem limite de tempo: “após um certo tempo de funcionamento, os componentes de um grupo verão ser-lhes proposta a permuta”⁶; que o cargo de direção não é uma chefia e “não implica, de modo algum, uma hierarquia de cima para baixo, mas uma organização circular cujo funcionamento, fácil de programar, se firmará na experiência”⁷.

Entende-se o não-todo como orientação não só para a realização de um trabalho de cartel, assim como para a constituição de uma Escola, onde o “não-todo, não quer dizer que seja incompleto, que lhe falte sempre um pedaço, como se entende habitualmente. É não-todo no sentido que é logicamente inconsistente”⁸.

O que Miller chama de inconsistência é o fato de que “não há todo na Escola”, de que a “Escola é por excelência um conjunto antitotalitário (...) regido por S de A maiúscula barrada”, onde o “único enunciado capaz de coletivizar a Escola, é o que a afirma não ser não toda”.⁹ Isso faz eco também com o fato do cartel não comportar “uma hierarquia de cima para baixo, mas uma organização circular”¹⁰, viva, que “se firmará na experiência”¹¹, ou seja, não está dada. Cada experiência de cartel conta-se como uma.

Para finalizar trago uma citação de Miller, que enoda definitivamente Escola e Cartel.

O desejo de Lacan conduziu mais além do Édipo, e dele procede, não uma sociedade analítica, mas uma Escola. Em uma Escola não há uma exceção, uma exceção solitária e antinômica com o conjunto, como requer a fórmula edípica. Não há exceção, mas um conjunto, ou melhor, uma série de exceções, de solidões incomparáveis umas as outras, todas são solidões estruturadas como solidões, quero dizer sujeitos barrados, fixados a significantes mestres e habitados por uma extimidade de um mais-de-gozar particular de cada um. No marco da Escola, essas solidões são tratadas cada uma como exceção, e não são sindicalizáveis.¹²

No Ato de fundação lemos que toda e qualquer iniciativa pessoal, toda e qualquer produção pessoal, dentro de um trabalho em cartel, não significará estar sozinho, mas este será acolhido pela Escola, onde “nada será poupado para que tudo o que eles fizerem de válido tenha a repercussão que merecer”¹³.

Referências

1. Cartel “Cada Um em seu Mundo”, inscrito na EBP – Seção Leste Oeste, em 02/02/2024. Cartelizantes: Letícia Rosa, Melissa Fukuchi Sanches, Randra Gondouin, Renato Carlos Vieira e Simone Souza Vieira (Mais-um).
2. LACAN, Jacques. “Ato de fundação”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 235.
3. MILLER, Jacques-Alain. “Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola”. *Opção Lacaniana Online*, n. 21, 2016, p. 12. Disponível em: http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_21/teoria_de_turim.pdf
4. Idem, p. 12.
5. Idem, p. 12.
6. LACAN, Jacques. “Ato de fundação”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.235.
7. Idem, p. 235.
8. Idem, p. 236.
10. MILLER, Jacques-Alain. “Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola”. *Opção Lacaniana Online*, n. 21, 2016, p. 9. Disponível em: http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_21/teoria_de_turim.pdf
11. Idem, p. 9.
12. LACAN, Jacques. “Ato de fundação”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.236.
13. Idem, p. 235.

UM PRODUTO INDIVIDUAL NUM COLETIVO DE UNS

Yana Julia Lissandretti 1
yanajulial@gmail.com

O que suscitou a escrita deste trabalho foi o tema “Coletivo de Uns” conjugado com uma pergunta preparatória para as Jornadas de cartéis da EBP deste ano: “Em que medida o cartel permite apropriar-se da relação com o furo no saber?” Iniciei o Seminário 20 tendo como questão norteadora o conceito de feminino em Lacan. Naquele instante de ver, eu ainda não sabia o que do feminino me interessava e para qual caminho a minha questão seguiria.

Em tempo de compreender, pude alcançar que ao atravessar os impasses do dia a dia comum, as diferenças, bem como as divergências o cartel começava a fazer furo no que se refere ao saber suposto do mais-um, dos outros cartelizantes e da escola. E que, a cada furo que se produzia no outro uma nova relação com o furo no saber se iniciava. Como disse Lacan, “Aqui, só posso supor que vocês evocarão meu enunciado de que não há Outro do Outro {...} é por isso que esse significante, com esse parêntese aberto, marca o Outro como barrado – S(A barrado)²”.

Em busca do feminino num coletivo de uns, o que pude encontrar foi uma relação nova com o furo no saber. Para que isso poderia me servir?

Primeiramente, servi-me disso como uma abertura para o meu desejo decidido de permanecer em trabalho *mais, ainda*. Em seguida, utilizei isso como mola propulsora para depurar a relação do furo no saber com a minha questão inicial: o feminino. E, por fim, encontrei nesse circuito um desejo pela escrita deste trabalho endereçado à escola. Acostumada a escrever para mim ou nas redes sociais (um coletivo de vários?) percebi um destino diferente para a minha escrita. Seria o furo no saber como produto inicial de um coletivo de uns o que

tornou possível minha aproximação com o trabalho dentro da escola? “Esse produto de cada um, colocado por Lacan no mesmo plano da crise de trabalho, é o que se recolhe ao final do cartel. De fato, são efeitos de sujeito que são esperados: sujeito no trabalho³”. Este cartel não está no fim, mas certamente já se pode recolher um início de trabalho. Um sujeito em trabalho.

Utilizando-me das palavras de Miller: “É exatamente isso que implica, a meu ver, uma prática de seminário inspirada no cartel: fazer de tal maneira que cada um entre com um traço próprio, valorizado como tal. Essa é a condição para haver um trabalho que produza um saber⁴”. Neste caso, a condição para a produção e meu traço próprio foi a destituição do saber suposto que, abrindo espaço para o vazio, proporcionou um novo trabalho em cartel.

Sendo assim, conjugando as temáticas que motivaram a produção deste trabalho, minha hipótese é a de que o cartel permite apropriarmos-nos da relação com o furo no saber na medida em que nos convoca, justamente, a um coletivo de uns, a uma questão de trabalho individual bem como à leitura, à escrita e, por que não à análise? E, além de nos convocar a uma questão, não elege um detentor do saber que responda, ao contrário, destitui essa possibilidade por seu próprio meio de funcionamento. O saber fica vazio e o “não há Outro do Outro⁵” mais evidente. Além disso, essa experiência indica que, na medida em que o cartel “é um pequeno grupo onde se podem incluir as diferenças, onde há o S1 que enlaça e une, mas há também as divergências que separam”⁶ o cartel se torna uma ferramenta potente de trabalho, incluindo o da escrita. Afinal, o não saber é aquilo que não cessa de se escrever. E a escrita, por sua vez, coloca-nos, a todo momento, frente a frente com o furo no saber, pois mesmo que alguma coisa não cesse, nem tudo se escreve.

O momento de concluir ainda não chegou, porém, tenho depurado minha questão sobre o feminino aproximando-o justamente do produto inesperado: qual a relação entre o furo no saber e o feminino? É dessa investigação que me sirvo na continuidade deste cartel apostando no coletivo de uns como campo fértil para essa empreitada.

Referências:

- Cartel do Seminário 20 - mais, ainda. Cartelizantes: Tânia Mara Alves Prates (Mais-Um), Cristina Alves Barbosa Santos, Fernanda de Fátima Fernandes, Nadja Martins, Yana Julia Lissandretti.
- LACAN, J. O Seminário, livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972-1973, p.87.
- LIMA, D.R e ROSA, L.E. “O cartel: pontos fundamentais sobre sua prática.” Em: *Manual de cartéis*. Belo Horizonte: EBP-MG, 2010, p.45.
- MILLER, J.A “Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada”. Em: *Manual de cartéis*. Belo Horizonte: EBP-MG, 2010, p 23.
- LACAN, J. O Seminário, livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972-1973, p.87.
- Rocha, A-T “Editorial”in: *Manual de cartéis*. Belo Horizonte: EBP-MG, 2010, p. 11.

NAS TRILHAS DA NOÇÃO DE DESEJO DO ANALISTA

Robson Campos¹
rcampos.gv@hotmail.com

A expressão desejo do analista foi utilizada por Lacan pela primeira vez em 1958 quando, na seção intitulada “como agir com seu ser” do texto *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, apontou que “cabe formular uma ética que integre as conquistas freudianas sobre o desejo: para colocar em seu vértice a questão do desejo do analista”.

A partir de então, em seus seminários, Lacan desenvolveu a noção de desejo do analista entre o sexto (*O desejo e sua interpretação*) e o décimo segundo (*Problemas cruciais para a psicanálise*). Depois disso, esta expressão submergiu em seu ensino, ressurgindo na lição de 15/11/1975 do Seminário *O momento de concluir*, evidenciando a continuidade e não a ruptura – e menos ainda a substituição – do que ficou convencionado como a primeira clínica pelo ultimíssimo Lacan. Cito-o:

Es seguramente por eso que he puesto el acento sobre el deseo del analista. El sujeto supuesto saber de donde he soportado, definido la transferencia: ¿supuesto saber qué ? ¿De qué modo operar? Pero sería totalmente excesivo decir que el analista sabe de qué modo operar. Lo que sería necesario es que sepa operar convenientemente, es decir que pueda darse cuenta de la pendiente de las palabras para su analizante, lo que incontestablemente ignora.²

Na coletânea de seus Escritos sobressai aquele que explicita a expressão logo no título e que foi redigido como resumo de suas intervenções no colóquio “Técnica e casuística” realizado na Universidade de Roma al-

guns dias antes de iniciar o seminário dedicado aos conceitos fundamentais da psicanálise. No texto *Do 'trieb' de Freud e do desejo do psicanalista* Lacan enfatizou a imprescindibilidade clínica desta noção ao afirmar que “é o desejo do analista que, em última instância, opera na psicanálise³”.

Não tendo saído da pena de Freud, a expressão desejo do analista é uma atualização, ou ainda uma reformulação lacaniana do que se encontra designado por aquele como “abstinência”, termo presente no artigo *Observações sobre o amor transferencial* – “o tratamento deve ser levado a cabo na abstinência⁴” e desenvolvido no texto *Linhas de progresso na terapia psicanalítica* – “no que diz respeito às suas relações com o analista, o analisante deve ser deixado com desejos insatisfeitos em abundância⁵”.

Derivado, assim, da regra de abstinência estabelecida por Freud, a função operativa do desejo do analista implica que ele se sustente numa posição que exclui responder à demanda do analisante, seja ela de saber, de atribuir sentido, de compreender ou de curar. Para tanto, é fundamental que em sua análise pessoal o analista tenha trabalhado a ponto de produzir um esvaziamento da sua própria subjetividade.

Este vazio, ainda que seja uma marca, um traço do desejo do analista, todavia não lhe confere o *status* de pureza, conforme indicou Lacan no último parágrafo do Seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*: “o desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta⁶”. Esta passagem foi comentada por Jacques-Alain Miller durante sua intervenção no 1º Congresso Científico da *Scuola Lacaniana di Psicoanalisi*, em 2000:

“Lacan interpretou, decantou, formalizou, o salto que há entre a causa do desejo de Freud e a causa freudiana como tal. Aplicou a lógica ao desejo de Freud para separá-lo de sua particularidade, desenraizá-lo da fantasia paterna, liberar a forma dita do desejo do analista. Este desejo não é por isso um desejo puro. É o desejo de separar o sujeito dos significantes mestres que o coletivizam, de isolar sua diferença absoluta, de circunscrever a solidão subjetiva, e também o objeto mais de gozar que se sustenta deste vazio e o tampona ao mesmo tempo. Este é o desejo de Lacan⁷”.

Rastrear a utilização desta expressão eminentemente clínica na obra de Lacan articulando-a com a formação do analista, da qual resulta, vem sendo o norte do trabalho neste cartel.

Referências:

- 1 Texto elaborado a partir das reuniões do cartel “O desejo do analista” constituído por Fabiana Teixeira de Oliveira, Gean Carlos Cândido, Juliana Passamani Romano, Maria de Nazaré Mangabeira, Robson Campos e Ordália Alves Junqueira (Mais-um), inscrito na EBP em 11/09/2023.
- 2 LACAN, J. Una practica de charlatanería. In: El seminário 25 - El momento de concluir. (inédito). Lição de 15/11/1975. Psikolibro p. 2. Disponível em <https://www.psicopsi.com/wp-content/uploads/2021/06/Lacan-Seminario25.pdf> acesso em 06/01/2025.
- 3 LACAN, J. Do “*trieb*” de Freud e do desejo do psicanalista (1964). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1996, p. 868.
- 4 FREUD, S. Observações sobre o amor transferencial” (1915). In: ESB, vol XII, Rio de Janeiro: Imago p. 214.
- 5 FREUD, S. Linhas de progresso na terapia psicanalítica” (1918). In: ESB, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, p. 178.
- 6 LACAN, J. O seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: JZE, 1985, p. 260.
- 7 MILLER, J.-A. Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola (2000). In: Opção lacaniana online nova série. Ano 7, nº 21, novembro 2016, p. 8.

QUAL A FUNÇÃO DA SABIÁ NO ENTORNO DA SLO?

Cícero Dufrayer Chicon¹
cicerochicon@hotmail.com

Pensar a função da Sabiá no entorno, não-dentro, da Escola, é pensar a psicanálise em extensão, “*ou seja, tudo o que resume a função de nossa Escola como presentificadora da psicanálise no mundo*”² como articulado por Lacan na Preposição de 9 de outubro de 1967. Nesse texto, Lacan também coloca a função da Escola, com relação ao Passe, de comunicar as experiências dos Analistas da Escola de tal modo que alcance as sociedades, que continuam sendo “*assunto nosso*”³ qui, Lacan deixa evidente que existe uma função de transmissão da psicanálise não apenas para psicanalistas, mas para aqueles que, “*psicanalistas ou não, interessam-se pela psicanálise em ato*”⁴.

A partir dessa elaboração, fica evidente a função da Escola no que diz respeito a psicanálise em extensão. E as revistas da Escola? Estariam suas funções dentro dessa articulação? Em *Introdução de Scilicet*, Lacan traz a função da Revista como um lugar reservado aos seus alunos, para que possam dar chances as suas criatividades⁵, em algum ponto, para serem reconhecidos, como alunos de Lacan⁶. Há, então, funções bem definidas para quem está dentro. E os que estão no entorno?

Articulando os ditos de Lacan sobre a função da revista e sobre a psicanálise em extensão, é notável que existe uma função da revista não só dentro da Escola, mas também para disseminação da psicanálise, bem como para divulgar o que se produz. De fato, há uma função no entorno.

Seria uma função de ensino? Deve-se ter cautela ao falar de ensino, para não cair em um ensino em que haja preponderância de um discurso da universidade ou do mestre. De toda forma, não há ensino que diga o que realmente é a psicanálise⁷. Para Lacan, o que o “*salva do ensino é o ato*”⁸ e é assim que o saber se transmite⁹.

Sabiá não é a Scilicet, mas ambas nasceram em ato, como uma estrutura de aposta¹⁰⁻¹¹.

Não parece que seja função da Sabiá ensinar psicanálise. Não cabe a essa Sabiá levar o ensino de Lacan aos quatro cantos do Brasil. Mas, quem sabe, exista uma função de transmissão. Vale sempre lembrar que “*o ensino da psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito para o outro pelas vias de uma transferência de trabalho*”¹².

De certo, ao longo de nossas V jornadas, foi possível enxergar essa transmissão pelos voos da Sabiá: Seja pelos membros dos diversos estados reunidos, longe de casa, em outro canto do Brasil, lançando a terceira edição da revista; seja por diversos passarinhos comprando as Sabiás durante a jornada. A Sabiá já tem um alcance tremendo! Mas, quem sabe, a questão não seja levar diretamente a Sabiá para fora da Escola.

A resposta para isso pode estar na primeira edição da Sabiá: A formação do psicanalista. Essa é uma resposta ética, está aí a política da Sabia. Na primeira edição é perceptível todo um enlace em torno do Significante Sabiá, enodando-o com a transmissão da psicanálise. Diversos textos nesse sentido, elucidando pontos da formação de um analista. Essa é a ética da Sabiá. Uma responsabilização talvez não pelo ensino, mas pela formação do analista.

Então, talvez, a questão não seja levar a revista, de forma direta, às pessoas de fora da Escola, que estão começando a apreender algo de psicanálise. Como fora dito por Fábio Paes Barreto nas nossas V jornadas, as vezes tem que se levar “gotas de psicanálise” para os alunos. Gotas, e não um balde. Em algum ponto, não é descente afogar os novatos em psicanálise. Por experiência, tentei levar a excelente primeira edição da Sabiá para fora. Não deu muito certo, tive que recuar.

Para os jovens passarinhos a comida é dada diretamente no bico. Talvez, em um primeiro momento, seja função dos membros digerir os escritos da Sabiá, levando os restos, as “gotas de psicanálise”, para os iniciantes, para que esses, em um segundo momento, possam voar sozinhos pela psicanálise. A final, “*a psicanálise, presentemente nada tem de mais seguro para fazer valer em seu ativo do que a produção de psicanalistas*”¹³.

Referências:

Tema do Cartel: O lugar da revista Sabiá na Seção Leste-Oeste; Cartel composto pelos seguintes cartelizantes: Adriana Gomes Pessoa, Cícero Dufrayer Chicon, Ordália Alves Junqueira, Ruskaya Maia. Tendo como mais-um Denizye Zacharias.

LACAN, J. Outros escritos. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 251.

Ibidem, p. 261.

LACAN, J. Outros escritos. Ato de fundação. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 246.

LACAN, J. Outros escritos. Introdução de Scilicet no título da revista da Escola Freudiana de Paris. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 297.

Ibidem, p. 296.

op. cit. LACAN. p. 250.

LACAN, J. Outros escritos. Alocução sobre o ensino. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 309.

Ibidem, p. 310.

op. cit. LACAN. p. 294.

RIBEIRO, B. Editorial. *Sabiá. Revista de psicanálise Seção Leste-Oeste*, Vitória, n. 1, p.11-14, 2021.

op. cit. LACAN. p. 242.

op. cit. LACAN. p. 244.

O FURO QUE FAZ UM CARTEL

Fernando Reis¹
reisffs@gmail.com

Começamos o cartel a partir da chamada para o Enapol de 2023 – *Começar a se analisar* -, mas logo a proposta de cartel fulgurante se mostrou insuficiente para o desejo de pesquisa, e assim nos tornamos um cartel regular. A questão inicial visava compreender como a intervenção do analista, ao criar um ‘furo’ no saber do analisando, possibilita a entrada em análise. A hipótese é que esse saber prévio estaria colocado como um muro de linguagem² por meio do qual o demandante de análise defenderia sua ficção criada até então. Para entrar em análise, seria preciso consentir com o saber que não se sabe, um saber não-todo que considera a dimensão do gozo.

A questão inicial já estava considerada como respondida, até que na porção final do cartel, experimentou-se uma renovada motivação quando, ao se pesquisar sobre como fazer furo nas defesas, acabamos lidando com uma perspectiva teórica que a maioria dos integrantes do cartel desconhecia. Guiados pela generosa condução da analista mais-um, me deparei com um constructo teórico novo e, ao me espantar por nada saber sobre ele, percebi que tratava os conteúdos anteriores como se fosse possível conhecê-los integralmente. Ou seja, construí uma ficção que apontava para um conhecimento todo, um muro de saber que, se mantido, impediria qualquer novo saber.

Não há um saber absoluto. Miller nos diz que o saber em jogo na psicanálise é o saber sobre o gozo³, que é resultante da experiência analítica. Esse saber ex-siste singular, disjunto de qualquer universal. Contudo, isso não implica em abrir mão do fundamental saber da ordem simbólica. Segundo Lacan, “Há uma relação primitiva entre o saber e o gozo, e é ali que vem se inserir o que surge no momento em que aparece o aparato do que concerne ao significante⁴”. O significante, como tal, não goza, ele aparece na função de interditar o gozo.

Um saber que fosse absoluto implicaria a possibilidade de o significante encobrir todo o real com seu caráter mortificante e cessar com o gozo, marca do corpo vivo.

Por isso tratamos de transmissão de um saber que não se ensina⁵ e de efeitos de formação, em vez de currículo pré-definidos. É a partir da posição de analisante que lidamos com o saber que não se sabe. A análise lacaniana é um tratamento do gozo orientada por uma perspectiva de fim de análise em que se desenvolve um saber fazer com o gozo e o sintoma. Isso atravessa toda a formação dos analistas, inclusive sua relação com a teoria e com os pares e com a Escola.

Um ponto importante a ser lembrado, é que Lacan não define o psicanalista a partir da prática da psicanálise, mas o contrário: a psicanálise “como o tratamento que se espera de um psicanalista⁶”. Ao definir, de modo aberto, a psicanálise a partir do psicanalista, Lacan não a reduz a um conjunto de conhecimentos rígidos que, quando dominado por alguém, daria a essa pessoa o título de psicanalista. Há o cuidado em manter abertas as questões sobre o que é a psicanálise e o que é um analista. Aqueles que trabalham nos cartéis estão orientados por essa perspectiva.

Eis a potência de um cartel! Movido pela transferência de trabalho característica da Escola e suportado pela análise de seus integrantes, cada qual, na sua própria solidão subjetiva⁷, sem oferecer garantias, faz cair o delírio de um saber absoluto, o delírio de uma formação pautada no simples acúmulo de conhecimento ou de uma hierarquia de saber projetada superficialmente nos graus da Escola. O cartel, como porta de entrada da Escola, demonstra e sustenta uma relação com o saber não-todo, em que cada um precise transmitir, a partir de sua experiência como analisante, o que se extrai da teoria que sustenta as pesquisas realizadas.

O cartel como parte da formação do analista, é uma experiência que convoca ao trabalho e convida à enunciação de cada um nesse coletivo de uns. Não sem furos, pois o saber se constitui como furado e perturba o caráter mortificante do saber absoluto.

Referências:

- Tema do Cartel: Entrada em Análise: Mais Um Bartyra Ribeiro de Castro (ES), Fernando Reis (GO), Geanine Lucas Vieira (DF), Juliana Melo Prado (GO) e Maila Rocha Siqueira (GO).
- LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- MILLER, J.-A. Elementos de biologia lacaniana. Tradução e estabelecimento do texto de Yolanda Vilela. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2000.
- LACAN, J. (1969 – 70) O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.
- BRODSKY, G. Los psicoanalistas y el deseo de enseñar. Buenos Aires: Gama Ediciones, 2023.
- LACAN, J. Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956 (1956). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 (p.462).
- MILLER, J.-A. “Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola”. Em: *Opção Lacaniana Online*, n. 21, 2016. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_21/teoria_de_turim.pdf

O DESEJO DO ANALISTA E O SABER- FAZER DA CRIANÇA

Patrícia Marinho Gramacho¹
patgramacho@live.com

Trago o relato clínico de um menino advindo de um processo de fertilização *in vitro*, com uma configuração familiar composta por um casal homossexual feminino e um doador não anônimo também homossexual. Estas mães e este pai, vêm construindo esta convivência com o filho, ao mesmo tempo em que este, vem paulatinamente tentando compreender o seu lugar no desejo das figuras parentais. A analista praticante buscou preservar o espaço analítico como um lugar vazio, possibilitando a criança localizar, através de várias nomeações, o lugar de cada um na família.

Nas sessões, esta criança oscila entre duas brincadeiras que se repetem, uma é a de esconder coisas e utilizar lanternas para localizar o que foi escondido. A outra, o jogo de tabuleiro o *Jogo da vida*, onde se recusa a casar, mas aceita ter filhos, como objetos de valor. O dinheiro é um significante familiar importante e aparentemente, saber como lidar com estes ganhos e perdas implica conviver com o mal entendido entre o pai e as mães, e suas impossibilidades de partilha, onde o ser se encontra tão colado ao ter. Surgem desenhos cheios de armadilhas, onde mesmo quando se dribla todas elas, morre-se, explodindo-se em vários pedaços. Difícil agradar todas as partes.

Inventa um jogo no quadro branco do consultório, onde quem tem menos ganha, invertendo a lógica, buscando saídas para compreender seu universo familiar, com seus significantes relacionados a perdas e ganhos. Um processo de alienação necessário para conseguir chegar a uma separação própria, singular, algo de si criado a partir dos significantes dos pais.

Em análise, manifesta-se o sujeito do desejo, lidando com suas faltas e não aceitando o lugar de gozo imposto pelas figuras parentais. Parece algo precoce, mas aparentemente há uma constatação de que precisa ser visto, solicitando espaço para a construção de sua própria história e como ‘causar uma falta no outro’, como confirmação de sua marca no mundo.

Inverteu o *Jogo da vida*, criando a regra de que já iniciariamos o jogo endividados e aos poucos vamos quitando nossas dívidas, para só depois começarmos a ter nossos próprios ganhos. Uma analogia possível ao sujeito do desejo, aquele que se encontra numa posição radical ao nível da privação do objeto, já que há uma confluência entre o objeto *a* e o falo². Como bem diz Han³, para o falo não vale o princípio da partilha, pois ele é justamente o símbolo por excelência de posse, propriedade e poder. Por conseguinte, o sujeito é um objeto negativo ($-\phi$), é falta-a-ser⁴, inicialmente sempre endividado, pois existe “um saber sobre ele, que ele não sabe, mas que o determina⁵”.

Cabe a analista praticante, deixar ser o desejo deste menino, permitindo estas invenções no *Jogo da vida*, possibilitando através de variadas tentativas, esta criança “saber fazer aí”, algo singular com seu próprio desejo, algo que cause uma melhora em sua posição na vida.

Referências:

Trabalho produto do Cartel Desejo do analista. Eixo: Prática clínica na psicanálise. Cartelizantes: Luísa Carvalho (Mais-Um), João Pedro Vilar Nowak de Lima, Patricia Marinho Gramacho, Suraia Oliveira Veloso. Goiânia-Goiás.

CAMARGO, F.E. Sujeito do desejo, sujeito do gozo e falasser, In *Opção lacaniana* online número 5, 2007.

Em <http://www.opcaolacaniana.com.br/antigos/pdf/artigos/LFESujei.pdf>

Acessado dia 04/01/2025, p.2.

Han, Byung-Chul. *A salvação do belo*/ Byung-Chul Han; tradução de Gabriel Salvi Philipson—Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. P.26.

CAMARGO, F.E. Sujeito do desejo, sujeito do gozo e falasser, In *Opção lacaniana* online número 5, 2007.

Em <http://www.opcaolacaniana.com.br/antigos/pdf/artigos/LFESujei.pdf>.

Acessado dia 04/01/2025, p.2. PIMENTA, C. Comunicação verbal na aula: A clínica como valorização da experiência analítica. Curso da IPLO, ministrado em 07/03/2024.

PIMENTA, C. Comunicação verbal na aula: A clínica como valorização da experiência analítica. Curso da IPLO, ministrado em 07/03/2024.

A POESIA E O DESEJO DO ANALISTA: UMA ESCUTA ENTRE LINHAS

Gean Carlos Candido da Silva¹
geancandidopsic@gmail.com

No encontro entre a poesia e o desejo do analista, abre-se um espaço singular de leitura e criação. Ambas as experiências, aparentemente distintas, compartilham uma ética comum: a sustentação do enigma. Assim como o poeta utiliza palavras para evocar o que escapa ao dizer, o analista faz uso de sua escuta para acolher o que do sujeito insiste em aparecer nas frestas do discurso.

O desejo do analista, como Lacan nos ensina, “não é um desejo puro e simples, mas um desejo de obter a diferença absoluta²”. Ele não é guiado por um querer pessoal, mas pela disposição em ocupar um lugar que convoca o inconsciente a emergir. Essa posição é semelhante à do poeta, que, diante da página em branco, não busca impor sentidos, mas abrir-se àquilo que, inesperadamente, se escreve. Na poesia, como na análise, o vazio não é ausência, mas potência: um espaço onde a palavra pode ressoar, ganhando novos significados.

A escuta analítica, nesse contexto, é profundamente poética. Freud, em *A Interpretação dos Sonhos*³ (1900), nos lembra que o inconsciente opera de forma semelhante à linguagem poética, utilizando condensação e deslocamento como ferramentas fundamentais. Não se trata de buscar um sentido evidente, mas de ouvir o ritmo, as pausas, os silêncios e as repetições. É uma escuta que acolhe o que é singular no sujeito, permitindo que ele se reconecte com seu próprio desejo. Assim como o verso poético rompe o sentido linear, a interpretação analítica abre brechas para o novo, provocando fissuras no discurso.

Além disso, tanto na poesia quanto na psicanálise, há uma relação intrínseca com o real. Lacan enfatiza que o real é “aquilo que sempre retorna ao mesmo lugar⁴”, aquilo que resiste à simbolização completa. O poeta lida com esse impossível, esse “resto” que as palavras não alcançam plenamente. O analista, por sua vez, se posiciona frente ao real do desejo, sustentando o impossível de ser plenamente dito ou representado.

Enquanto o desejo do analista convoca o sujeito à construção de novos sentidos, ele também sustenta uma ética que rejeita o preenchimento de lacunas. Como Lacan observa no *Seminário VII, A Ética da psicanálise*⁵, esta ética não é a de um bem absoluto, mas a do desejo em sua verdade. Essa ética se assemelha ao trabalho do poeta, que, ao invés de entregar um significado fechado, oferece um campo de possibilidades. Na análise, assim como na poesia, é o sujeito quem dá corpo ao que emerge, ressignificando sua relação com o simbólico e com o real.

O analista, como o poeta, interrompe as certezas, provocando uma ruptura nas formas preexistentes de significação. Esse gesto criador não impõe, mas liberta, permitindo ao sujeito refazer-se a partir do que ainda não foi dito, do que se esconde nas sombras do discurso. É um movimento de abertura, onde o novo se desvela, e o que estava preso a uma lógica rígida encontra os espaços de sua reinvenção.

Nesse encontro entre o poético e o analítico, o sujeito experimenta uma nova relação com seu discurso. O desejo do analista, ao evitar a posição de mestre, oferece ao analisante liberdade para reinscrever sua história,

reconhecendo-se nos significantes que o marcaram e na criação do novo. Essa abertura à transformação assemelha-se ao gesto poético: analista e poeta não entregam respostas prontas, mas provocam o sujeito a escutar o que ainda não foi dito.

Por fim, o desejo do analista é, também, um convite ao ato de criação. Freud, em *O Escritores criativos e o Devaneios*⁶ (1908 [1907] /1980), destaca que a criação literária está ligada a uma forma de satisfação do desejo, um espaço onde o impossível ganha corpo através da linguagem. É por meio da poesia que o sujeito pode encontrar novas formas de dizer o que antes era impensável. Assim, poesia e análise convergem em sua tarefa maior: dar voz ao indizível, abrindo caminhos para que o sujeito possa reinventar-se.

Referências:

Integrantes do cartel: Fabiana Oliveira (Vitória - ES), Gean Carlos Candido (Goiânia - GO), Juliana Passamani (Vitória - ES), Nazaré Mangabeira (Belém - PA), Robson Campos Vitória - ES). Mais um: Ordália Junqueira (Goiânia - GO).

LACAN, J. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

Ibidem.

Ibidem, p.52.

LACAN, J. O seminário, livro VII: a ética da psicanálise. (1959/1960) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneio. Em S. Freud. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 9, pp.131-143). Rio de Janeiro: Imago.

A ESCOLA DE LACAN: COLETIVO DE UNS

*Rafaella Cunha P. S. Pfrimer¹
rafaellacpsi@outlook.com*

A Escola de Lacan se configura em uma Associação Mundial de Psicanálise que reúne sete Escolas de diferentes países. O que existe em comum entre essas Escolas é o objetivo de fazer avançar a psicanálise de orientação lacaniana no mundo. Jacques-Alain Miller, ao constatar o envelhecimento dos membros da AMP e uma ausência de jovens nos pedidos de admissão, propôs a Nova Política da Juventude (NPJ), uma possibilidade de experiência de imersão na Escola ao promover uma formação analítica para cada um desses jovens.

Na Escola Brasileira de Psicanálise, quarenta e nove jovens que endereçaram cartas ao Conselho para a admissão à NPJ foram aceitos, desses, nove são participantes da também da jovem Seção Leste Oeste. O modo de trabalho eleito pela EBP para acolher os jovens foi pela via de cartéis com o tema: a formação do analista. Diante desse momento inaugural, pergunto sobre o que quer a Escola da juventude e o que quer a juventude ao fazer parte da Escola.

Lacan funda a Escola Francesa de Psicanálise em 1964, após sua excomunhão da IPA a qual fazia parte de uma Sociedade Francesa de Psicanálise. No “Ato de fundação²” é notável a diferença entre uma sociedade pautada no discurso do mestre, a uma Escola fundamentada no discurso do analista.

Miller³, aponta a Escola como um ser ambíguo, e utiliza a metáfora A Escola Morcego, ao considerar que ela tenha asas analíticas e patas sociais. Asas analíticas, pois, o que rege é o discurso analítico, e patas sociais, pois, ela se refere ao discurso do mestre, já que ela existe no campo do direito como uma associação legal. Mas ao mesmo tempo, ela o subverte, pois, aqueles que fazem parte da comunidade analítica estão advertidos da natureza dos seus semblantes.

Lacan quando diz “Fundo tão sozinho quanto sempre estive em minha relação com a causa psicanalítica⁴” demonstra que o desejo é do Um, e não do coletivo. A inovação de Lacan é a proposta do trabalho em cartel, um pequeno grupo e Mais Um, onde cada um tem uma pergunta própria a responder quebrando a lógica da mestria. Logo, esse grupo seria um coletivo, formado pela solidão de cada um com sua causa e a falta de saber, que são singulares de cada um em sua formação.

Quando Lacan aposta na formação do analista como contínua, é porque ele vai contra a identificação de ser analista, não há um conceito sobre o que é um analista. A aposta é ao contrário, é *des-ser*⁵ um analista. Segundo Miller⁶, a Escola é um lugar de laço social, que possibilita a relação do analista e sua formação, mas não é só um lugar, é também um conceito que se enlaça ao discurso analítico.

Miller⁷, revela o que Lacan propõe sobre a lógica coletiva ao retomar Freud quando diz que o coletivo no fundo é uma soma de sujeitos individuais. Em seguida, ele propõe que a Escola tenha sua subjetividade e se faz necessário localizar sua posição, pois a vida de uma Escola é interpretável “interpretar o grupo é dissociá-lo, e remeter cada um dos membros da comunidade à sua solidão, à solidão de sua relação ao Ideal”⁸. Já que não há formação coletiva sem ideal de Escola.

Nesse primeiro ano vivendo a experiência da Escola, os efeitos da NPJ ressoam junto minha análise pessoal e na supervisão da minha clínica, ao longo dos estudos em cartel, do trabalho em comissão das Jornadas, da escrita de casos para apresentar nas jornadas e no EBCF. Concluo que Lacan não pretende extinguir a solidão subjetiva; pelo contrário, a Escola se funda na solidão de cada um em sua relação que mantém com o significativo mestre do ideal. Ao mesmo tempo, a Escola é um conjunto inconsistente, quando falta uma forma de formação é porque não há todo na Escola. O que leva a cada um subjetivar a Escola, e a fazer como um sujeito barrado. A questão que se abre nesse momento é sobre o discurso analítico e o real em jogo na formação do psicanalista e sobre esse ponto seguirei a estudar.

Referências:

- Cartel: A formação do analista, Rubrica Política, início em 21/11/2023, cartelizantes: (Mais-Um) Daniela Nunes Araújo- Membro EBP/AMP, Doris Rangel Diogo - Membro EBP/AMP, Rômulo Ferreira da Silva - AME EBP/AMP, Vinicius Moreira Lima-participante NPJ, Virgínia Fernandes de Araújo- participante NPJ, e eu Rafaella Cunha P. S. Pfrimer- participante NPJ.
- Lacan, J. “Ato de fundação” (1964). Em: Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p.229-247
- Miller, J.A. “Questão de Escola: Proposta sobre a Garantia”. Em: Opção Lacaniana online nova série ano 8, n.º 23, julho 2017. Disponível no site: www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_23/Questao_de_Escola/pdf
- Lacan, J. “Ato de fundação” (1964). Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. P.229.
- Lacan, J. (1967). *A proposição de 9 de Outubro sobre o psicanalista da Escola. Outros Escritos. Rio de Janeiro: JZE, p. 259.*
- Miller, J.A. “A Escola de Lacan” O banquete dos analistas. Buenos Aires: Paidós, 2010. p. 213-231.
- Miller, J.A. Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola. Opção Lacaniana online nova série ano 7, n.º 21, novembro de 2016. Pg. 3. Disponível no site: www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_21/Teoria_de_Turim.pdf
- Miller, J.A. Ibidem, p.5

PSICOSE
ARTE
SINGULARIDADES

SONHO NA PSICOSE

*Suraia Oliveira Veloso Carneiro¹
suraiapsi@gmail.com*

Esse trabalho se destina a investigar os efeitos no real do corpo de um paciente a partir do relato de um sonho. Reverberando, Miller “A interpretação como saber ler visa reduzir o sintoma a sua fórmula inicial, quer dizer, ao encontro material de um significante e do corpo, quer dizer, ao choque puro da linguagem sobre o corpo”².

Lacan diz: “A psicanálise deve ser estudada como uma situação de dois...”³ O sonho trazido pelo analisante nos apresenta uma clínica psicanalítica em situação de dois, há um endereçamento do sonho na análise, revelando que ele tem um lugar transferencial que o permite endereçar aquilo que é do campo do insuportável, algo da ordem de um real.

Do sonho, extraí os seguintes fragmentos:

O sonho era assim: eu entrava em um cabaré e a dona do bordel estava com um cliente e não podia me receber nem me atender.

No sonho, eu vi um panfleto com várias posições sexuais e pedi para ela fazer comigo, mas pedi para ela fazer com dois homens juntos. Tipo um espelhamento, ela me respondeu, que sabia quem eu era, e entregou minha identidade dizendo que eu era menor de idade.

Eu acordo dentro sonho, mais velho, com barba, e fui procurar a meretriz querendo agir, ficar com ela. Em cima dela, ela falou: sua mãe aceitou o incesto, você não percebeu...!

A analista praticante: “Quem é a dona do bordel?” Ele responde: “A dona do bordel é a minha mãe. Quando eu era criança, nunca minha mãe tinha tempo para mim. Sempre tinha um cliente”. A analista praticante aponta: “Ah, então agora você ‘é o cliente’.” Neste momento, ele solta uma gargalhada e diz: “Você é uma feiticeira, hein!”

Na interpretação analítica do sonho, o que aparece, é o desejo em relação à mãe, ‘um cliente’. Ser o objeto incestuoso é a ideia delirante; no sonho, a mãe, é a dona de um bordel. Interditado e depois liberado no sonho.

Para Chiriaco⁴ nos psicóticos, eles não diferenciam entre sonho e alucinações. Essa porosidade entre sonho e alucinações é o que faz com que o analisante não consiga diferenciar o sonho de suas alucinações no real, e o sonho e as alucinações parecem estar na superfície dada e sobre as substâncias como marca de gozo. O significante extraído ‘um cliente’ é sua marca de gozo, “O detalhe é pequeno e, em todo caso, é menor que o conjunto, aquele que chama a ordem das coisas”⁵. ‘Um cliente’, é também o lugar que ele, em análise, construiu e pode se colocar como falasser.

O analisante após a intervenção da analista praticante conclui: “Ainda bem que foi um sonho, mas depois que acordo do sonho, aparecem os sinais”. Ele segue com seu delírio indicando sua dificuldade em estabelecer o que é real e o que é imaginário. No sonho tudo pode se realizar, até as fantasias que não atravessam o Édipo, que negam o Nome-do-Pai, não aceitam a barra, e não são marcadas pela castração. Na sua realidade também segue assim, delirando e observando os sinais.

O analista praticante ocupa o lugar de secretário do alienado, de um falasser que faz um bordel em sua vida. Na sua precariedade de fazer laço e no desenlaço e, quando produz um lugar a partir dos efeitos analíticos ao dizer: “Estou ocupando este lugar de cliente”⁶. Nesse momento, captura esse significante, que por um tempo é o que lhe aprisiona o corpo e lhe dá suporte.

1. Cartel fulgurante Corpo-Memória. Cartelizantes: Luíza Carvalho Miranda de Lima (Mais-Um), João Pedro Vilar Nowak de Lima, Patrícia Marinho Gramacho, Suraia Oliveira Veloso Carneiro.

Referências

2. MILLER, J-A. 2016, Ler um Sintoma *Secaosp*. <https://ebp.org.br/sp/ler-um-sintoma/>
3. LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 594.
4. CHIRIACO, S. De la porosidade entre los sueños y las alucinaciones. Conferência pronunciada em Le Courtil, em 24 de enero de 2012.
5. MILLER, J-A. *Los divinos detalles*. Buenos Aires: Paidós, 2020. p. 11.
6. LACAN, J. Direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 592.

HAVERÁ, OU NÃO, UMA PSICOSE INFANTIL?

Laisa Gonçalves Teixeira¹

laisagteixeira@gmail.com

O trabalho de leitura em cartel do *Seminário 3* foi uma experiência muito valiosa, pois foi possível aprender muito sobre a própria psicanálise tomando como referência a psicose. Desde a entrada nesse seminário, já ganhamos um ensinamento em suas primeiras linhas: “Neste ano, começa a *questão* das psicoses”². Lacan nos apresenta certo método para nos aproximarmos deste tema, que seria um acento à questão, à investigação e às formulações de problemas que as psicoses suscitavam na época. Um caminho diferente da compreensão, tão criticado por ele.

Nesse percurso, Lacan se interessará pelo mecanismo específico da psicose, seu desencadeamento e sua estabilização, tomando como referência os escritos freudianos a respeito de Schreber – que indicavam uma psicose desencadeada. Lacan³ designará a forclusão como o mecanismo próprio da psicose, diferente do recalque na neurose. A partir de sua leitura fina do texto de Freud sobre o Homem dos Lobos, ele pinça a palavra *Verwerfung* (traduzida como forclusão) e dá uma ênfase a esse achado, pois esse termo consegue sugerir um modo muito particular e mais radical do sujeito de “nada querer saber da castração”, diferente do “não querer saber sobre a castração” no sentido do recalque, pois, neste último caso, ainda assim se sabe algo daquilo de que não se quer saber, através de seu retorno pelas formações do inconsciente.

A forclusão, na psicose, implica na “rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então nesse nível”⁴. Esse significante primordial será designado posteriormente como o significante Nome-do-Pai. Lacan fez uma releitura do Édipo freudiano a partir da noção de metáfora paterna, cuja função seria a de possibilitar aos sujeitos que têm a inscrição do Nome-do-Pai a interpretação, em termos

de significação fálica, do desejo da mãe/Outro. O operador dessa metáfora é o Nome-Do-Pai e, no caso da psicose, a operação não se efetua, uma vez que esse significante teria sido foracluído.

Em dado momento, ao abrir a discussão sobre o desencadeamento, Lacan se pergunta: “O que será o início de uma psicose? Uma psicose tem, como uma neurose, uma pré-história? Haverá, ou não, uma psicose infantil?”⁵. Ele acrescenta que não é seguro que encontraremos repostas a essas questões nesse seminário, no entanto, faz-se necessário que sejam colocadas. Isso me intrigou e por aí desejo seguir investigando.

Pergunto-me se para identificarmos que o significante Nome-do-pai foi foracluído seria necessário o desencadeamento ou haveria outros indícios? Falamos em desencadeamento na infância? Seria possível percebermos os efeitos da foraclusão na criança? O que da estrutura já se evidencia na infância?

Rosine Lefort⁶ diz que todos aqueles que têm a prática da análise com crianças não deixarão de se sensibilizar com o fato de que os elementos de estrutura compõem muito de perto, pela maneira pela qual as crianças os demonstram e isso mais ainda quanto menor for a criança. Portanto, para essa autora, a criança pequena pode dar uma ilustração e um acesso mais direito aos elementos de estrutura. Em torno disso quero prosseguir investigando.

1. Cartel: Investigações acerca da Psicose. Cartelizantes: Tânia Mara Alves-Prates - Vitória-ES (Mais-Um), Caroline Cabral Quixabeira (Goiânia-GO), Laisa Gonçalves Teixeira (Goiânia-GO), Renata Nascimento Pozzatto (Vitória-ES) e Rodrigo Oliveira Santo (Goiânia-GO).

Referências

2. LACAN, J. *O Seminário, Livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. p. 11.

3. Ibidem, p. 177.

4. Ibidem, p. 178.

5. Ibidem, p. 106.

6. LEFORT, R. Um passo a mais entre a criança e o adulto: a estrutura do corpo. In: *A criança do discurso analítico*. MILLER, J. (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1991, p. 17-21.

DO HORROR AO AMOR PELA LOUCURA, O QUE SUSTENTA O DESEJO DO ANALISTA NA CLÍNICA DAS PSICOSES?

*Daiany Mendonça Alves¹
daipsi20@gmail.com*

“Mas eu não quero me encontrar com gente louca”, observou Alice.” Você não pode evitar isso”, replicou o gato. “Todos nós aqui somos loucos. Eu sou louco, você é louca”. “Como você sabe que eu sou louca? indagou Alice. “Deve ser”, disse o gato, “Ou não estaria aqui”²

Na tentativa de responder à questão levantada no título desse trabalho me lembrei de um sonho muito emblemático do início do meu percurso na psicanálise: Estava eu montada numa bicicleta com Lacan à garupa. Precisava levá-lo a algum lugar, mas estava extremamente insegura se conseguiria carregá-lo sem perder o equilíbrio e me esborrachar no chão com a ilustre figura. Então pensei: preciso fazer diferente, vou carregá-lo devagar, freando com os pés no chão. E assim concluí o trajeto. Mas o que esse sonho tem a ver com o desejo do analista na clínica das psicoses? Bem, não é pouco conhecida a orientação lacaniana para que “Não recuemos diante da psicose”³. Freud discutiu as dificuldades de tratar a psicose com a psicanálise, especialmente no ‘Caso Schreber’⁴, destacando desafios na aplicação da técnica tradicional. Em 1928, Freud, em uma de suas cartas, revelou frustrações pessoais ao lidar com pacientes psicóticos, ao confessar “estar com esses doentes que me dão raiva, irrita-me por senti-los tão longe de mim e de tudo o que é humano”⁵.

Laurent⁶ destaca, em uma entrevista com Jacques Munier, o trabalho de Lacan, que, causou em gerações de psicanalistas o desejo de não recuarem no manejo da singularidade dos sujeitos psicóticos. Munier⁷, por sua

vez, aponta “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” como um trabalho de Lacan que contribuiu para novas possibilidades de tratamento que integram a subjetividade do paciente psicótico.

Historicamente, segundo Foucault⁸ a loucura foi relegada ao isolamento institucional, sendo o manicômio um espaço de segregação. Em períodos anteriores, tal como na Antiguidade e Idade Média, a exclusão do louco assumia formas ainda mais radicais, frequentemente desprovidas de qualquer acolhimento discursivo ou escuta das subjetividades.

Dito isso, ao iniciar o trabalho de Cartel sobre as psicoses me surgiu a questão sobre o que sustenta o desejo do analista na escuta do sujeito psicótico. Ao tentar responder a esta questão me deparei com um impossível de se dizer, já que o analista é convocado a causar um desejo pelo saber sobre o desejo inconsciente do analisante, onde antes predominava a defesa pelo não querer saber. No entanto, surge uma questão complexa no manejo da psicose: onde se situa a lógica do desejo nesse contexto? Seria o sujeito psicótico desejante de um saber para além daquele que ele próprio já possui?

Como sustentar uma prática orientada pela ética do desejo quando a transferência não é fundamentada no Sujeito Suposto Saber? Se na psicose o saber parece já dado previamente, poder-se-ia então considerar que o desejo do analista seria o desejo de saber sobre a certeza psicótica? Poderia se supor que o sustentáculo do desejo do analista na clínica das psicoses esteja mais no próprio saber sobre a psicose? Questões como essas emergiram ao longo do trabalho.

A psicanálise, por sua vez, propõe uma subversão do estatuto de isolamento e não escuta da loucura ao deslocá-la de uma posição marginal para um lugar onde o sujeito pode falar e ser ouvido. Esse reposicionamento ético só se torna possível a partir do desejo do analista, entendido como um desejo de escuta do sujeito, sem antecipar sentidos ou buscar normalizar seu discurso, mas sustentado no vazio necessário para que algo de singular se produza no discurso do sujeito. Nesse sentido, não pude deixar de associar ao meu sonho a posição do analista na clínica das psicoses, ainda que eu ame escutar os loucos, para sustentar a ética dessa escuta, é preciso manter os “pés no chão”.

Termino este texto evocando o trecho da música Coração Selvagem, de Belchior, que, para mim, sintetiza a complexidade dessa escuta e a ânsia com a qual o sujeito psicótico chega à clínica, onde não anseia a produção de significação, mas a confecção, se assim posso dizer, de um lugar no mundo onde seja possível viver: “Meu bem, o meu lugar é onde você quer que ele seja, não quero o que a cabeça pensa, eu quero o que a alma deseja, arco-íris, anjo rebelde, eu quero o corpo, tenho pressa de viver”.

1. Trabalho produto do Cartel Interrogações acerca da psicose ordinária. Cartelizantes: Henrique Alves Lopes (Mais-Um), Ana Paula Soares Amorim, Daiany Mendonça Alves, Gabriella Gontijo Marques, Paula Ferreira Cândida.

REFERÊNCIAS

2. CARROLL, L. Alice no país das maravilhas, 1865.
3. LACAN, J. Abertura da sessão clínica. In: Ornizar? n.9, 1977. p.7-14. Disponível em: <https://traco-freudiano.org/tra-lacan/abertura-secao-clinica/abertura-clinica.pdf>. Acesso em: jan. 2025
4. FREUD, S. O caso Schreber. In: *Obras Completas. Vol. XIII*. Rio de Janeiro: Imago. p. 14.
5. PAULINO, M. (2020). O Analista não deve recuar diante da psicose. Disponível em: <https://clipp.org.br/o-analista-nao-deve-recuar-diante-da-psicose/>
6. LAURENT, E. (2017). A psicose Ordinária I. In: Lacan XXI. <https://www.lacan21.com/sitio/a-psicose-ordinaria-1/?lang=pt-br>.
7. LAURENT, E. (2017). A psicose Ordinária I. Lacan XXI. <https://www.lacan21.com/sitio/a-psicose-ordinaria-1/?lang=pt-br>
7. LOBOSQUE, A. M. (2018). Foucault e a luta antimanicomial brasileira: uma intensa presença. In: *Psicologia em Revista*, 24(1), 2018. p. 327-29.

DO QUE SE FALA QUANDO FALAMOS EM PSICOSE NA INFÂNCIA?

*Renata Nascimento Pozzatto¹
renatapozzatto@gmail.com*

Este texto é um trabalho em andamento sobre um tema tão caro à clínica com crianças: o que nos diz que uma criança pode estar se estruturando em uma psicose? No que podemos nos atentar ao escutar a criança e seus responsáveis ao longo da análise?

Um trecho que recolhi de Laurent me chama atenção para pensar o que é a criança em análise. “Analisar uma criança, [...] é estabelecer que há uma versão do falo, isto é, estabelecer que a criança não é o falo, mas que mantém uma relação com ele por tê-lo sido. É preciso estabelecer, por um lado, que o foi e, por tanto, que não o é”². Esta é uma visão da estruturação do sujeito a partir da consideração de uma posição fálica, onde a criança estaria em posição de ser o falo da mãe e, a partir de um operador da castração, se torna possível uma intervenção nessa relação, viabilizando a metáfora paterna.

À medida que Lacan avança em seu ensino sobre o real, ele faz uma mudança de concepção entre a lógica fálica para falar sobre a dialética entre falta e desejo, e passa a fazer uso da noção de objeto a e seus efeitos na constituição do sujeito, abrindo mais espaços para a continuidade da elaboração sobre a psicose na infância. Lacan passa a ressaltar a importância de que a criança não corresponda a esse objeto de gozo materno, o objeto *a*³. A criança, sujeita à reincorporação por parte de sua mãe de seu objeto perdido. Ao realizar esse objeto, se alienaria na fantasia materna⁴.

A criança pode ser chamada a responder a esse lugar e, por vezes, é possível que sugira ocupá-lo, sendo ele um operador da relação com o Outro. Permanecer no lugar de objeto, porém, não articular o seu ser a outra dialética que permita outras significações, sugere a possibilidade de a criança ficar à mercê de um gozo avas-

salador, tendo efeitos em seu corpo e em sua estruturação, uma vez que fica à deriva, a serviço do desejo e das capturas fantásticas da mãe. “Ela se torna objeto da mãe e não mais tem outra função senão a de revelar a verdade desse objeto”⁵.

Essa dinâmica traz repercussões. Ao se tornar um reflexo do objeto a criança pode enfrentar perturbações e dificuldades em sua inserção num discurso e no laço social, considerando que a condição de entrar em um discurso seja a perda, a exclusão do gozo⁶. Sujeitos que não conseguem construir uma barreira contra o gozo avassalador podem demonstrar corpos com excessos, recusas, angústias, sentimentos de invasão e funções corporais (alimentar-se, evacuar, falar, ouvir e olhar) que podem se encontrar fora da dialética social, circunscritas por um gozo desregulado, não refreado⁷.

Nesse contexto, Laurent⁸, sugere que é pela possibilidade de “construções de ficção” que o psicanalista pode ajudar a criança a fazer a separação de ser objeto condensador de gozo. É preciso nos assegurarmos que ela tenha localizado algo do gozo materno em uma construção fantasmática, dando alguma resposta ao enigma desse desejo do Outro, no lugar de se oferecer enquanto tal. Como pode, então, o trabalho de análise ajudar a criança a construir suas ficções? Esses são alguns pontos que vêm guiando meu estudo e seguirão sendo mais elaborados.

Cartel Investigações acerca da Psicose. Cartelizantes: Tânia Mara Alves Prates, Vitória-ES, (Mais-Um), Caroline Cabral Quixabeira (Goiânia-GO), Rodrigo Oliveira dos Santos (Goiânia-GO) e Laisa Gonçalves Teixeira (Goiânia-GO).

Referências

2. LACAN, J. *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 23.
3. Ibidem, p. 140
4. Ibidem, p. 129
5. Ibidem, p. 137.
6. MILLER, J-A. Jacques Lacan: observações sobre a passagem ao ato. In: *Opção lacaniana on-line*. Ano 3, n. 13, 2014. p. 7

A ARTE COMO PEÇA SOLTA NA PSICOSE

Anna Rogéria Oliveira¹
annavertigo001@gmail.com

O tema desse cartel foi desenvolvido em um primeiro momento como um cartel fulgurante para as V Jornadas da Seção Leste Oeste. Como eu havia mencionado na apresentação na dita jornada, as discussões com os membros desse cartel me fizeram experimentar uma vitalidade no sentido de uma pujança que inspirou e inspira a investigação. Assim, num esforço de aprofundar algumas questões que surgiram, como a relação da psicose e a arte para a psicanálise de orientação lacaniana, fizemos do desejo fulgurante, um desejo decidido de continuarmos com o trabalho.

A orientação foi de estudarmos o Seminário 3 de Lacan, *As Psicoses* em articulação com o curso de Jaques Alain Miller, *Peças Soltas*. O objetivo foi de podermos colher os ensinamentos da clínica dita estruturalista e da clínica do Sinthome sobre a psicose.

Nesse cartel, iniciado em novembro 2024, minha questão gira em torno da arte como peça solta na psicose. Miller nos apresenta nas páginas 20 e 21 do Curso *Piezas Sueltas* que Lacan inventa o sinthome relacionado ao fora de sentido, contrariamente ao sintoma que está embrenhado no sentido para ser decifrado. Uma peça solta é uma peça que se separa para disfuncionar, uma peça carente de função. Neste sentido igualmente não se pode acessar o sinthome pelo deciframento, pois do sinthome não se cura. O mais singular de cada falasser e ponto de ruptura como o acesso pela via do simbólico. “(...) a questão é, antes de tudo, reconhecer a natureza do sinthome-em particular que não é uma formação do inconsciente além disso usá-lo logicamente até alcançar seu real. ²”

Assim a arte como peça solta pode se articular a algo que não se presta a uma utilidade, algo sem conexão com o belo. A arte como peça solta é fora do discurso e do Outro e se liga mais ao corpo, pois o essencial é a

“feitura da arte”, uma operação sobre o real do corpo. No Último Ensino de Lacan³, *Seminário 23*, o sinthoma, com a sua nova grafia, opõe-se a tudo que o sintoma do primeiro Lacan comporta de universal. Aqui, o sinthoma porta o sem-sentido, ele está do lado do que não cessa de não se escrever e não faz laço com o significante. A análise orientada pelo gozo é experiência e não processo. E assim podemos aproximar a arte e o sinthome como experiência separada do sentido. “Pièce détachée”, peça solta.

Tocada pelos estudos do cartel, me vi pensando em Yayoi Kusama. Seu trabalho é uma mistura de diversas artes como, colagens, pinturas, esculturas, arte performática e instalações ambientais, onde é visível uma característica que se tornou a marca da artista: A obsessão por pontos e bolas. Em suas formas de arte, que possuem um quê de surrealismo, modernismo e minimalismo, podemos notar o padrão de repetição e acumulação. Além disso, Kusama também se embrenhou na arte da literatura, com romances e poesias, escritas em 13 livros. Alguns dos seus romances são considerados chocantes e surrealistas, com personagens fortes como prostitutas, cafetões, assassinos, auto-retrato de si própria como Shimako, enlouquecida em Foxgloves em Central Park.

A palavra acumulação tem um aval de gozo que itera, sem que seja algo feito para o belo, mas sim um arranjo que a artista conseguiu como falasser. São peças soltas antes de tudo. Podem ser consideradas belas pois hoje estão nas páginas das vitrines do *Luis Vuitton*, mas isso não é nada mais que semblante. O ritmo frenético da repetição de cada iteração de cada pincelada demonstra que é somente para o Outro corpo, substância gozante e não para o Outro tesouro do significante. Arte-Sinthoma poderíamos pensar? Em suas palavras: “Quando obliteramos a natureza e nossos corpos com bolinhas, nos tornamos parte da unidade de nosso ambiente. Eu me torno parte do eterno e nós nos obliteramos no amor.”⁴

¹ Trabalho do Cartel “Leituras sobre a psicose a partir do Seminário 3 de Lacan e do curso Peças Soltas de Miller”. Cartelizantes: Anna Rogéria Oliveira (Mais-Um), Isabella Azevedo Melo, Lucas Mancini Rocha, Andrea Palmerston Muniz, e Maria Eduarda Vidal Bravallhier .

Referências:

² MILLER, J-A (2004). *Piezas Suelta*. BsAs: Paidós. p.21.

³ LACAN, J. (1977). Rumo ao significante novo. In: *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 22, ago.1998.

⁴ Yayoi Kusama, em entrevista para The New York Free Press, 1968.

O SIGNIFICANTE NA DIMENSAO DA LETRA: ENTRE A ARTICULAÇÃO DA MEMÓRIA E A FORACLUSÃO

Rodrigo Oliveira dos Santos
rodrigoliveiradosantos@hotmail.com

No início do ensino de Lacan² a partir da primazia do simbólico, o inconsciente foi pensado estruturado como linguagem, como discurso do Outro. A letra, identificada com o significante em estado isolado onde o sentido desvanece, era comparada com um elemento tipográfico, equivalente aos fonemas da fala. Assim, a significação só se dá a partir do encadeamento dos significantes, como também ocorre com a memória.

Desde Freud³ o aparelho psíquico fora concebido como um aparelho de memória. Tal como o inconsciente, a função da memória para Lacan⁴ se enraíza no significante, articulando a letra, na dimensão do algoritmo, como as máquinas modernas. Lacan⁵ entendeu os fenômenos da memória, que tanto interessaram Freud, como fenômenos de linguagem. Para que a memória e a história funcionem é preciso supor uma organização ao menos parcial da linguagem, é necessário ter o material significante para poder significar. Esse efeito de combinatória, que garante a significação, também foi como Lacan (Ibidem, p.368) pensou uma das faces da função do pai, que é a introdução de uma ordem matemática, diferente da ordem natural.

Entretanto, se essa noção de estrutura, de ordem significante é essencial para se pensar a neurose, Lacan afirma (Ibidem, p.369) que se trata de outra coisa na psicose, pois nela o sujeito encontra o significante como tal, sozinho, desarticulado em sua unidade mínima, ao nível da letra, vazio de significação. Esse lugar do significante é o lugar do sujeito, que passa a ser efeito da combinatória dos significantes literalizados. Como o

sujeito desliza de um significante a outro, entre os significantes o lugar do sujeito é o lugar vazio da foracclusão [*Verwerfung*].

Lacan⁶ entende como foracclusão o processo que corta pela raiz qualquer manifestação da ordem simbólica, isso que Freud⁷ enunciou da afirmação [*Bejahung*] como o processo primário, em que há o enraizamento do juízo de atribuição, responsável por permitir ao sujeito reencontrar na realidade os traços incorporados ao Eu. Aquilo que não foi deixado ser na afirmação [*Bejahung*] é o que o sujeito suprimiu; portanto, não será reencontrado pelo sujeito em sua história. É nessa possibilidade de ser reencontrado que o recalado vem a reaparecer. Diante disso que suprimiu, “o sujeito não quererá saber nada disso no sentido do recalque” (LACAN, 1954/1998, p.390). Para que o sujeito tivesse que conhecer no sentido do recalado, seria necessário que isso tivesse vindo à luz pela simbolização primordial. O que acontece com isso, então, é que “o que não veio à luz do simbólico aparece no real” (Ibidem).

Freud entendeu a afirmação [*Bejahung*] como fazendo par com a expulsão [*Ausstossung*]. Esse é o valor a ser dado à divisão entre o de fora e o de dentro, disso da simbolização primordial que é um mito freudiano, segundo Lacan (Ibidem). Primeiramente, houve a expulsão primária concebendo o real enquanto aquilo que é externo ao sujeito. A expulsão para fora do sujeito é o que constitui o real enquanto domínio do que subsiste fora da simbolização. Desse modo, no interior da representação [*Vorstellung*] constituída a partir da reprodução imaginária de uma percepção primordial há a discriminação da realidade como aquilo que não apenas é instaurado como o que existe para o sujeito, mas como o que pode ser reencontrado e apoderado por ele. Entretanto, existe uma coisa que fora suprimida, rejeitada nesse encontro primordial do sujeito com o corpo de significante, que não pode ser reencontrada. Essa coisa é impossível de ser significada, distancia-se das possibilidades de interpretação e reaparece no real de modo errático, falando sozinha através da alucinação, de uma certeza delirante.

Cartel INVESTIGAÇÕES ACERCA DA PSICOSE composto por Tânia Maria Alves-Prates (Vitória -ES) como Mais-Um, Renata Nascimento Pozzato (Vitória-ES), Laisa Gonçalves Teixeira (Goiânia-GO), Carolina Cabral Quixabeira (Goiânia-GO) e Rodrigo Oliveira dos Santos (Goiânia-GO).

Referências:

- ² LACAN, J. (1957). Escritos, “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 496-536.
- ³ FREUD, S. (1895). “Projeto para uma psicologia científica”. In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.360.
- ⁴ LACAN, J. (1957). Escritos, “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 522.
- ⁵ LACAN, J. (1955- 1956). O seminário, livro 3: as psicoses. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.185.
- ⁶ LACAN, J. (1954) Escritos, “Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a ‘Verneinung’ de Freud”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.383-401.
- ⁷ FREUD, S. (1925). “A negativa”. In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p265-271.

NA TRILHA DE JOYCE EM TRIESTE

Ivana Peixoto Bueno Corva¹
icorva@yahoo.com.br

Trieste tem um difícil gracejo. Se agrada e dá prazer, é como um rapaz áspero e voraz com os olhos azuis e mãos enormes para apresentar uma flor, como um amor ciumento

Umberto Saba

Nosso cartel nos fez mergulhar nos casos clássicos da psicose amparados pela literatura, começamos pelas Memórias de um doente dos nervos de Schreber, lemos parte dos romances de Aimée escritos em um só fôlego, o brutal do caso das irmãs Papin, ouvimos a seda gritando entre os drapeados nas costureirinhas em Clérambault até chegarmos em Joyce e, mais especificamente, na experiência de começar a ler e ouvir a potência de lalingua em Finnegans Wake. E aqui estamos, de frente ao impulso da língua, desamparados pelo absurdo, mas amparados pelo requinte que vem da oportunidade de renunciar à audição macerada que é estar na linguagem e na tolice do senso comum. “E é aí que Finnegans Wake é profético na operação que efetua, a operação joycena que consiste em promover a disfunção do que nos resta da ordem do mundo”²

Esse cartel experienciado no corpo entra pelo meu corpo transportando-me a um tempo vivido nessa cidade chamada Trieste que ainda insisto em sub-trair o e central, Triste. Triesteza inúmeras vezes apaziguada pela literatura. Ouço de Ary Farias, em um belo e vivo encontro como convidado em nosso cartel, que a literatura nos ensina a cair dando uma dignidade maior ao sofrimento que nos é inerente no atravessamento da vida. Ali bem antes do meu encantamento por Lacan, bem antes de saber que ele segurou a mão de Joyce, eu, estrangeira, percorria as pegadas do escritor em seu exílio pelas estradas da cidade.

Atraída pelo barulho da loucura fui para Trieste conhecer o sistema psiquiátrico que inspirou a nossa reforma psiquiátrica com as ideias e práticas de Franco Basaglia que com sua veia libertária, rompeu muros culturais e físicos mudando a forma como uma sociedade deveria lidar com seus “loucos” para reintegrá-los à sociedade com dignidade.³

Cidade de fronteira cheia de encantos, contrastes, equívocos, palco de guerra e de paz. Também moradia de Freud, Rainer Maria Rilke, Italo Svevo, Umberto Saba, Kafka. Cidade austríaca, eslava e italiana, de arquitetura imponente, babel de línguas e culturas, filha caçula de Viena, mistura de povos, de mar, montanhas, grutas, Bora. Há quem diga que Trieste inspira a loucura, a Bora invade o corpo e provoca devaneios irreversíveis. Anos de esplendor, exílio e liberdade nessa nova morada teriam afinado o ouvido do jovem Joyce para a grande sinfonia de línguas que se fundem em outras línguas e favoreceram o seu encontro com o destino de artista e artesão da linguagem? Aos 22 anos chega na Stazione Centrale de Trieste acompanhado de Nora e ali, animado pelo entusiasmo de viver longe das convenções asfixiantes da sua ilha natal, nasce grande parte do material para *Um retrato do artista quando jovem*, *Ulisses* e *Finnegans Wake*.

“ – Olha aqui, Cranly – ele disse. -Você me perguntou o que eu faria e o que eu não faria. Eu vou te dizer o que eu vou fazer e o que eu não vou fazer. Eu não vou servir àquilo em que não acredito mais, possa essa coisa se dizer minha casa, minha pátria ou minha igreja: eu vou tentar me expressar em algum modo de vida ou de arte com a liberdade que eu conseguir e com a plenitude que eu conseguir, usando em minha defesa as únicas armas que eu me permito usar- silêncio, exílio e astúcia.”⁴

Seguimos inspirados pelos sons, paisagens, histórias e rajadas do eco “que faz ressoar em uma língua e em muitas outras, um eco homofônico e translinguístico que extravia, despista todo significado, anula-os e multiplica. É uma câmera de eco que atingirá um ou outro, ao acaso, de modo contingente.” Deixem-se ser possuídos, nos orienta Miller!

Referências

² Cartel OS CLÁSSICOS DE PSICOSE. Cartelizantes: Bartyra de Castro (Mais-Um)

³ MILLER, J. A. “Piezas sueltas”. Buenos Aires: Paidós, 2013, pg. 33

⁴JOYCE, J. *Um retrato do artista quando jovem*. São Paulo: Penguin Classics Companhias das Letras, 2016, pg. 301

⁵ MILLER, J. A. “Piezas sueltas”. Buenos Aires: Paidós, 2013, pg. 46-47

SCHREBER SEGUNDO MACALPINE

Caroline Cabral Quixabeira
carolquixabeira@tutanota.com

Este texto é fruto de uma curiosidade que surgiu em Cartel com um nome que se repetia nos textos: da psicanalista Ida Macalpine. Diferentemente de Klein, que é citada em um contexto geral, tanto no seminário três² quanto no texto de “Uma questão preliminar”³, Lacan cita uma referência específica de Macalpine, de 1953, em que ela discute, assim como ele, o caso Schreber.

No que tange às discussões feitas por Macalpine, sua principal tese é que a leitura feita por Freud ignora o ponto central do delírio, a procriação, em favor da argumentação entorno da homossexualidade. Para Ida, a psicose de Schreber era “uma missão para procriação”⁴ e que, exatamente por conter este núcleo, os outros conteúdos principais de seu relato se apresentam: a mudança de sexo e a relação com Deus.

Para ela, os sintomas psicossomáticos já presentes no primeiro adoecimento de Schreber indicam o início de seu desencadeamento, como também o prelúdio de seu delírio de procriação. Ao focar na questão da homossexualidade, Freud “não faz nenhuma tentativa de detalhar ou interpretar”⁵ os sintomas psicossomáticos de Schreber, indicando sua desconsideração pela fantasia pré-genital.

De modo que, as discussões apresentadas por Macalpine partem de uma fixação em uma etapa pré-genital, anterior a etapa da castração, como é lido por Freud e continuada por Lacan. Ou seja, na visão da autora:

A transformação em mulher não era uma punição por castração de desejos homossexuais proibidos, nem um meio para alcançar tais desejos; mas sim seu propósito era permitir a procriação como uma mulher⁶

Deste modo, em Schreber não seria sobre a castração, já que em seu delírio nada indicaria sua maturidade genital, e, por consequência, a tendência homossexual não estaria presente⁷. Neste sentido, a homossexualidade presente em Schreber seria um sintoma articulado ao processo da psicose, e não um fato desencadeador⁸. Na leitura de Lacan⁹, a autora levanta um ponto de discussão importante que foi apagado na articulação freudiana, ao dar ênfase na procriação e, principalmente, nos sintomas psicossomáticos e sua apresentação do desencadeamento. Entretanto, ao focar na fantasia pré-genital, Lacan identifica que Macalpine rechaçou o Édipo. Como efeito, desenvolveu sua argumentação não com base nas etapas do desenvolvimento libidinal ou das fantasias infantis, mas com discussões etnográficas e mitológicas.

Ao criticar Macalpine pelo rechaço ao recurso do Édipo, Lacan desenvolveu sua leitura do complexo edípico e sua função no campo da psicose. Para ele, o que o Édipo permite inscrever leva o termo de “Nome-do-Pai”. Portanto, na leitura lacaniana do desencadeamento de Schreber, não se trata nem da pulsão homossexual, como Freud lê, nem do desejo de procriação, como Ida, mas sim, do encontro com um significante essencial do campo do Outro que não pode ser acolhido devido a forclusão do Nome-do-Pai.

Estando os conteúdos dos delírios de Schreber em consonância com sua eclosão psicótico diante do que “precisamente o sujeito não pode literalmente conceber”¹⁰, surge a questão da procriação como uma tentativa de resposta do que não foi admissível para o ego do psicótico. De modo que, Lacan conclui que o que se apresenta como fenômenos psicóticos são produções a partir do retorno do real produzido via o furo forclusivo, e, as tentativas do enfermo de construir sua metáfora delirante.

Cartel de Leitura sobre a psicose, Tânia Mara Alves Prates (mais um) (Vitória-ES), Renata Nascimento Pozzatto (Vitória-ES), Rodrigo Oliveira dos Santos (Goiânia-GO) e Laisa Gonçalves Teixeira (Goiânia-GO)

REFERÊNCIAS:

² LACAN, J. O seminário, livro 3: as psicoses (1955-1956). Rio de Janeiro: JZE, 2010

³ LACAN, J. “De uma questão preliminar a todo tratamento da psicose” Em: Escritos. Rio de Janeiro: JZE, 1998.

⁴ MACALPINE, P. & Hunter, R. “The Schreber Case”. Em: Psychoanalytic Quarterly, n. 22. Estados Unidos, 1953, p.343.

⁵ Ibidem p.339.

⁶ Ibidem p.347.

⁷ Ibidem

⁸ LACAN, J. O seminário, livro 3: as psicoses (1955-1956). Rio de Janeiro: JZE, 2010.

⁹ Ibidem.

¹⁰ Ibidem, p. 354

O ENCONTRO DA PSICOSE COM A ARTE

Isabella Azevedo Melo¹
azevedom.isabella@gmail.com

Dentro do que me move neste estudo inacabado a partir do cartel, outrora fulgurante e agora inscrito, cujos componentes são: Andrea Palmerston, Maria Eduarda Bravallhier, Lucas Mancini e como Mais Um, Anna Rogéria Oliveira, me coloco a pensar na psicose e sua relação com a arte a partir de um caso clínico.

A arte, seja ela em suas muitas formalizações como a pintura, a escrita, o bordado, o desenho e entre tantas, ao ser introjetada por um sujeito psicótico, toma o lugar de, se assim posso dizer, um certo lugar no mundo, ou ainda, uma forma de estar no mundo e de se organizar nele. Se os artistas precedem os psicanalistas por anteciparem algo que ainda está por ser desvelado, ao analisar um psicótico e seu enlaçamento com o fazer artístico, pude observar que ao desempenhar um papel crucial no tratamento do paciente em questão, justamente por possibilitar a construção de significantes, a arte surge como uma sustentação da elaboração dos delírios capaz de auxiliá-lo a encontrar uma maneira menos mortífera existencialmente ao encontrar a caligrafia de seu nome próprio.

Na ausência de uma inscrição simbólica estável, como ocorre frequentemente nos sujeitos psicóticos, a arte pode funcionar como uma forma de organizar ou mediar o impacto do real. Nesse sentido, a criação artística pode atuar como um “suplemento”, ajudando o sujeito a construir significados que faltam em sua estrutura psíquica.

Segundo Lacan, “O sujeito se dispõe de todo um material significante que é a sua língua, materna ou não, e dela se serve para fazer passar no real significações.”²

O nome próprio do sujeito, é justamente uma nova escrita, podendo ser ela uma gama imensurável de fazeres artísticos, que é inscrita na pele gerando novas bifurcações simbólicas de significantes.

Lacan³: “O conflito deixa, se é possível dizer, um lugar vazio, e é no lugar vazio do conflito que aparece uma reação, uma construção, uma encenação da subjetividade.”

O caso clínico que venho apresentar com base neste encontro de uma estrutura psicótica com a arte, é de um paciente que está a cerca de três anos em tratamento e chegou ao consultório com fortes ideações persecutórias e muita angústia. A arte funcionou como uma amarração para o mesmo de uma forma a levá-lo, a partir de suas criações, xilogravuras e a escrita, a inventar um novo modo de ocupar seu espaço no mundo e em suas relações.

¹ Cartel Leituras sobre psicose a partir do Seminário 3 Componentes: Isabella Azevedo Melo, Anna Rogéria Oliveira (Mais-Um), Maria Eduarda Bravallhier, Andrea Palmerston e Lucas Mancini

REFERÊNCIAS:

²Lacan, J. (1955/1956). O Seminário, Livro 3: As Psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p.78

³ Ibidem.p.41

SABER-FAZER NA PSICOSE

Tânia Mara Alves Prates¹
ania.prates@uol.com.br

No Programa da UFES “Cada doido com sua Mania” que coordenei por mais de tinta anos, foi vivenciada uma experiência marcante na Oficina Terapêutica de Modelagem, no Hospital Colônia Adauto Botelho. José da Silva – nome dado a pacientes sem identificação – vivia isolado num mutismo absoluto, há mais de quinze anos. Durante a Oficina, José ficava observado, afastado, do lado de fora. Um dia, ele começou a modelar peças, misturando barro com abacate, ambos abundantes no hospital e trazê-las e colocá-las próximas à porta da sala da Oficina.

Com a nossa insistência, meses depois, José passou a participar da Oficina e modelou uma casa com todos os cômodos, móveis e utensílios. Quando a obra estava concluída, ele recuperou a fala, dizendo seu nome e de sua cidade. Seus familiares foram localizados e ele retornou ao convívio familiar.

Sobre o desencadeamento, Freud já havia sinalizado que “nas psicoses, a realidade é remanejada, que parte da realidade é suprimida”². Lacan escreveu: Já sinalizei que havia algo que não se realizara, que tinha sido *verworfen*. O que constitui o objeto de uma *Verwerfung* reaparece no real³. A falta de um significante primordial, leva o sujeito a reconsiderar o conjunto dos significantes. Assim, é na realidade que aparece o que vai proteger o sujeito⁴.

O que o levou ao desencadeamento, nada sabemos. “Schereber indicou que algo dentro dele foi profundamente perturbado. Uma fissura apareceu na ordem de suas relações com o outro”⁵. O que pode ser observado foi o que a Oficina de Modelagem pode fazer para o religamento social do sujeito. Foi respeitado tanto o tempo de decisão quanto a escolha do que seria produzido, como era feito com todos os participantes.

Quando se bate à porta de um sujeito, seja ele psicótico ou não, nunca se sabe qual será a sua reação, por isto todo o cuidado e respeito são necessários. Neste caso, a tentativa foi válida, pois José saiu de seu mutismo e de seu isolamento. O processo da modelagem o reenganchou ao outro?

Este sujeito estava mergulhado no gozo do ser. Ele abdicou completamente do contato com os outros seres humanos e vivia em seu mutismo e isolamento.

Miller cita que uma das primeiras pautas do ultimíssimo Laca seria ‘imaginar o real’⁶. Para Miller, ‘O momento de concluir’ termina com a necessidade de recompor o tecido do inconsciente⁷.

Miller cita sua reflexão:

“A unidade não é mais da ordem do significante, senão da ordem das imagens. A imagem aparece como uma unidade válida, o que significa que aparece como um real, ainda que duas imagens possam ilustrar a mesma estrutura. Se são distintas, se sustentam enquanto tais e dão valor a um fato clínico que domina o ultimíssimo ensino de Lacan, a inibição; a inibição no assunto das imagens. ..A pulsão é um acordo entre o significante e o corpo, posto que se pode evocar como ressonância. O fato clínico que Lacan põe em evidência, o patema do sujeito é a inibição para imaginar.”⁸

A curiosidade do sujeito ao ver o processo de modelagem na oficina, será que interferiu em sua inibição para imaginar? Foi observado o aparecimento de seu saber-fazer, tanto na curiosidade, no processo de fabricação de sua argila e nas suas obras. Com este processo, a inibição deu lugar a uma reconstrução de sua vida e de sua história e ele nos contou o seu nome.

Miller escreveu: No silêncio do real, e já que sempre se tem que desconfiar do simbólico, fica somente o recurso ao imaginário, quer dizer ao corpo, quer dizer, ao tecido⁹.

1. Cartel: Investigações acerca da psicose. Cartelizantes: Caroline Cabral Quixabeira (Goiânia-GO), Laisa Gonçalves Teixeira (Goiânia-GO), Renata Nascimento Pozzatto (Vitória-ES), Rodrigo Oliveira dos Santos (Goiânia-GO), Tânia Mara Alves Prates, Mais-Um, (Vitória-ES).

REFERÊNCIAS:

2. LACAN, J. *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 180.
3. Ibidem, p. 217-18.
4. Ibidem, p. 231-32.
5. Ibidem, p. 238.
6. MILLER, J-A. *El ultimíssimo Lacan*. Buenos Aires: Paidós, 2014. p. 256.
7. Ibidem, p. 257.
8. Ibidem, p. 258.
9. Ibidem, p. 259.

O OBJETO E A FALTA

*Thailla de Lima Franco ¹
lillafranco@hotmail.com*

Ao iniciar a leitura deste texto, “a relação de objeto”, Lacan nos traz a ideia da comunidade analítica da época de que na teoria esta relação é:

“primária [...]. Volta-se a centrar nela a dialética do princípio do prazer e do princípio da realidade, e funda-se o progresso analítico numa retificação da relação entre sujeito e objeto, considerada como uma relação dual, que seria [...] excessivamente simples “²

A partir daí Lacan começa a questionar a simplicidade desse objeto, que é totalmente satisfatório e harmonioso. Trazendo para nós o que é dito em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, nos lembra que na verdade encontrar o objeto trata-se de uma redescoberta e que esse reencontro nunca é satisfatório “já que, precisamente este não é o mesmo objeto, não poderia sê-lo.”³

Logo existe uma tensão, nessa relação sujeito-objeto, um conflito que se repete inúmeras vezes, pois o que se busca não é encontrado e o que é encontrado não é o que se está buscando. É dessa forma que a relação de objeto aparece em Freud.

Continuando nossa leitura, percebemos que seja o objeto ou seja a relação de objeto proposta naquele momento, Lacan continua a reforçar que o que deve ser levado em consideração não é o objeto em si, mas a falta dele. “Jamais, em nossa experiência concreta da teoria analítica, podemos prescindir de uma noção da falta do objeto como central.”⁴

Com isso Lacan traz que a falta do objeto: “é a própria relação do sujeito com o mundo”⁵ e é a partir daí que inicio as pesquisas sobre o meu tema : O Outro materno e a falta.

¹ Cartel: Leitura do Seminário “ A relação de objeto”. Cartelizantes: Thailla de Lima Franco, Anna Paula da Silva, Máisa Helena Lopes Rabelo, Raissa Turibio Milhomem, Tânia Regina Anchite Martins (mais um).

REFERÊNCIAS:

² Lacan. J. O seminário Livro 4: A relação de objeto. (1956-1957); texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [versão brasileira de Dulce Duque Estrada e revisão de Angelina Harari . Rio de Janeiro:Zahar, 1995, p.11.

³ Ibidem p.13

⁴ Ibidem p. 35

⁵ Ibidem p.35

DO UNIVERSAL AO SINGULAR: SUTILEZAS ANALÍTICAS

Renato C. Vieira
rcvie@hotmail.com

Neste trabalho de cartel pretendo abordar “o que há de mais singular em cada indivíduo” para contrapor ao universal dos diagnósticos psicopatológicos operados pelas práticas terapêuticas que se sustentam na norma social. A questão que ressoa é se, na perspectiva do *sinthoma* e do gozo como impossível de negativar, características do ultimíssimo Lacan, podemos insistir na busca de extrair uma psicopatologia universal.

Lacan, ao formular que *Todo mundo é louco, isto é, delirante*, subverte a referência à norma - inclusive a edípica, sustentada por muitos anos em seu ensino. Como contraponto a esse novo universal de Lacan, temos o singular do *sinthoma*. O incurável, refratário ao sentido, uma constante singular em cada ser falante, que indica a impossibilidade de terapeutizar o psiquismo.

Em síntese, fundamentada em uma radical inadequação do real com o mental, há uma reviravolta lacanian-a que incide na experiência analítica, na dimensão política e epistêmica da formação do analista.

Miller afirma que “as coisas de fineza em psicanálise se dividem entre desejo e gozo”. Lacan, em seu retorno à Freud, faz do desejo uma via régia para formalizar, mediante a lógica dos matemas, algo que aparentemente traduz o indizível do sintoma. Mas, em seu percurso, ele se depara com um ponto fixo, impossível de tradução e de interpretação. Um gozo opaco do sintoma - a doença e ao mesmo tempo a salvação singular de cada ser falante.

Para Miller o universal da saúde é social – “A *saúde* só pode ser dita do homem na medida em que ele participa de uma comunidade – seja ela social ou profissional – a título de universal”. Nesse sentido, o que faz

obstáculo a toda a ideia de saúde mental é um mistério, indizível de dizer. Logo, “a harmonia nunca é alcançada pelo ser falante, a doença lhe é intrínseca e essa doença se chama forclusão da mulher”, o que indica a inexistência da relação sexual. Todavia, para além das defesas, chega-se ao real.

No ultimíssimo Lacan, o real não está subordinado ao simbólico e ao imaginário. Os três registros se enodam e mantêm, cada um, autonomia e função própria. Nesta perspectiva do real, Lacan sai do regime lógico do gozo para situá-lo no plano ôntico, ou seja, Lacan deixa o plano ontológico, o plano do ser como tal, para privilegiar aquilo que se traduz como ente [*étant*], o que é. Com isso ele promove uma nova aliança com o gozo - “Aponta-se, assim, que o lugar do Outro deve ser buscado no corpo e não na linguagem” para que “... o sujeito não seja mais coagido a roubar o gozo às escondidas, que do gozo ele não mais se separe e que possa, com o gozo, passar a uma nova aliança”.

A nova aliança nos leva a cogitar que as palavras fazem mais coisas do que demonstrar algo. Elas comovem e perturbam, “inscrevem-se e são inesquecíveis pelo fato de a função da fala não ser apenas ligada à estrutura da linguagem, mas também à substância do gozo”.

Essa nova aliança com o gozo opaco que exclui o sentido é o cogito lacaniano que surge ao final do ensino de Lacan: *sou, logo goza-se [je suis donc se jouit]* – sou a maneira que se goza. O que pressupõe a existência da substância gozante, do corpo suposto gozar.

As sutilezas analíticas requerem, da parte do analista, o esmorecimento das classificações, isto é, um esquecimento daquilo que se aprendeu enquanto conceitos e diagnósticos para abrir-se a essa condição de novidade absoluta que uma análise, enquanto experiência digna desse nome, faz acontecer: estabelecer uma aliança com o gozo presidida pela contingência que me fez o que sou.

Contudo, a orientação para o singular não significa abandonar a decifração do inconsciente. Significa que na busca de decifrar o inconsciente encontramos um obstáculo onde “essa decifração se interrompe no fora de sentido do gozo e que, ao lado do inconsciente, onde isso fala, há o singular do sinthoma, onde isso não fala a ninguém”.

Cartel “Cada um em seu mundo”. Participantes: Letícia Rosa, Melissa Sanches, Randra Gondouin, Renato Vieira e Simone Souza Vieira (Mais-um).

REFERÊNCIAS:

² LACAN, J. O Seminário, Livro 23: o sinthoma (1975-1976). Rio de Janeiro: JZE, 2007, p.163.

³ MILLER, J-A. Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p.10/11.

4 Idem. p. 53

5 Idem p. 65

6 Idem p. 58

7 Idem p. 183/184

8 Idem p. 183

9 Idem p. 186

1⁰ Idem p. 190

1¹ Idem p. 190

1² Idem p. 97

FEMININO
O INFANTIL
SINTHOMA

HOMOSSEXUALIDADE FEMININA

Anna Paula da Silva¹
psiannapaula@gmail.com

Nas obras de Freud, a homossexualidade se trata de uma escolha de objeto sexual, assim como há escolha de um objeto para o heterossexual, é uma prática que pode ser encontrada em qualquer uma das estruturas clínicas. Tal conceito, especificamente a feminina é um laço afetivo feito entre pessoas do mesmo sexo, ultrapassando o discurso binário da atração sexual entre homem e mulher construída socialmente ao longo da história.

A partir da leitura do texto os *Três ensaios sobre a Teoria da sexualidade*, publicada em 1905 por Freud, o tema perversão foi abordado como um desvio relativo à meta sexual, embora o conceito da meta sexual é a elaboração da união do genitais, o que desencadearia uma tensão sexual e uma pulsão sexual temporária. Desta forma Freud inicialmente apresentou a homossexualidade como exemplo de perversão².

No seminário 4, Lacan comenta sobre dois casos freudianos, primeiramente o caso Dora localizando uma estrutura neurótica histérica e o segundo o caso da jovem homossexual. A história de ambas as mulheres se passa no mesmo recorte histórico. Freud revela no caso Dora, uma paixão de uma moça jovem por uma mulher mais velha que seria, uma amiga próxima da família e supostamente amante de seu pai. Já a jovem homossexual teria a vida desnordeada por uma paixão de uma mulher mais velha com a reputação ruim ao qual a levou a cometer futuramente uma tentativa de suicídio, uma passagem ao ato e a motivação não foi a paixão simplesmente. Freud coloca, em um dos casos, um diagnóstico de neurose e, no outro, um diagnóstico de perversão³.

Para Lacan, neste momento do seu ensino a escolha do objeto amoroso-sexual se baseia na dialética do ser e do ter, onde ser o falo é uma posição feminina e ter o falo, uma posição masculina. Nesse contexto,

acaba por não existir uma categoria que contemple a totalidade das mulheres. Trata-se de uma análise feita sempre em relação ao significante fálico, da diferença entre os sexos, entre as posições do masculino e do feminino, em que o falo seria o índice que dá proporção a essas diferenças⁴.

No entanto a homossexualidade feminina, é a escolha de gozo decidida, que permite ao sujeito se apreender ele mesmo como mulher. Tem-se uma identificação metonímica, conforme a dimensão dessa identificação, simbólica ou imaginária, a estrutura psíquica do sujeito é diferente. Psicose, quando esse mesmo é imaginário e constitui então um verdadeiro duplo do sujeito que lhe dá a solidez que falta quando não está presente a identificação simbólica ou real. Neurose, quando essa identificação imaginária recobre uma identificação simbólica recalçada. Perversão fetichista, quando ela se opera a partir da fixação de um traço. Em todos os casos, a homossexualidade é uma resposta pelo modo de gozo à falta a ser do sujeito⁵.

Referências:

1 Cartel: Leitura do Seminário “A relação de objeto” de Jacques Lacan.

Cartelizantes: Tânia Regina Anchite Martins (mais um), Anna Paula da Silva, Máisa Helena Lopes Rabelo, Raissa Turibio Milhomem, Thailla Franco.

2. FREUD, S. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

3. LACAN, J. *O seminário Livro IV: A relação de objeto. (1956-1957). Rio de Janeiro: JZE p. 133.*

4. *Ibidem*, p.125.

5. *ibidem*, p.141.

EM UM PERCURSO DE ANÁLISE, QUAL A RELAÇÃO ENTRE CICATRIZ E DEVASTAÇÃO?

Lucas Fraga Gomes¹
lucasfragagomes@gmail.com

Brousse² (2004) afirma que para Freud a inveja do pênis (*penisneid*) traz como consequências para a sexualidade feminina, dentre outras, a cicatriz (que diz respeito ao narcisismo feminino) e a devastação. Assim, ela propõe uma diferenciação entre esses dois destinos:

Freud qualificava de cicatriz a castração de entrada na mulher, fazendo dela a marca do narcisismo feminino. Porém cicatriz é uma solução que mobiliza a castração e integra a falta, ou seja, o simbólico como borda. Ora, que a castração seja de entrada tem como consequência uma ausência de limite, e a questão do corpo não se deixa reduzir completamente na clínica à cicatriz, que já é um nome fálico dado à irrepresentabilidade do feminino. Ao que do corpo dificilmente deixa ser absorvido no corpo simbólico³.

É em “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos⁴”, que Freud é literal ao afirmar sobre a cicatriz na mulher que seria decorrente da inveja do pênis. Posteriormente tem-se dois textos fundamentais para o tema de interesse, ou seja, “Sobre a sexualidade feminina⁵” e “A feminilidade⁶”. E, embora que neles não encontramos o termo “cicatriz”, Freud por diversas vezes aponta as consequências da

inveja do pênis para o narcisismo da mulher. Outro aspecto que ele aponta nesses trabalhos é justamente a descoberta de uma fase pré-edípica que, ainda que ocorra tanto no menino quanto na menina, nesta se mostra mais complicada devido a necessidade de um duplo exercício: uma mudança de objeto e uma mudança de zona de satisfação. Para fins dessa exposição, o que é fundamental nesta fase, é que essa é caracterizada por uma forte ligação entre a menina e a mãe e atravessada pelos mais variados afetos, tais como o ódio.

Portanto, se para Freud o *penisneid* é um limite para a análise de sujeitos femininos, quais são os avanços propostos por Lacan? Remonta-se a importante passagem no “Aturdito”⁷. “[...] a realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai [...]”. A partir de Lacan, a devastação não se restringe ao desejo materno, e sim ao enigma do gozo feminino, ocorrendo um deslocamento da universalidade gozo representado pela mãe para a inconsistência do universal da mulher⁸. Assim, a devastação passa a ser pensada também relacionada a sexualização feminina, ou seja, a um resto que escapa ao falo.

Dessa maneira, pensar uma clínica da devastação envolve necessariamente a dimensão do corpo, e retomando a citação do “Aturdito”, atenta-se que Lacan diz que a “mulher”, e não a “menina”, reivindica mais substância a mãe, ou seja, infere-se que de alguma maneira a menina “conhece” o corpo da mãe, porém o corpo da mulher, permanece enquanto um enigma. Isso é que conduz Brousse⁹ a afirmar que a devastação é consequência do arrebatamento, ou seja, o sujeito devastado é aquele que é arrebatado de seu corpo, visto que a dificuldade em simbolizar o gozo feminino acarreta uma espécie de espiral que o suga. Dessa maneira, o sujeito tem seu corpo arrebatado e manifesta dificuldade de colocá-lo na troca simbólica.

A partir do estatuto do corpo, e mantendo a diferenciação entre cicatriz e devastação, como isso pode ser observado na clínica? A frequente queixa dos sujeitos femininos de que possuem “baixa autoestima” parece testemunhar a dificuldade de se localizarem na troca simbólica e no campo do reconhecimento. Porém, lendo essa queixa enquanto cicatriz, observa-se que essa dimensão narcísica não conduz necessariamente a devastação. Essa é relatada enquanto uma “quase-loucura”, ou mesmo um “não-reconhecimento de si”. De fato, é um momento que o sujeito perde a ancoragem na imagem e no seu corpo, entrando em uma espiral de pura angústia. Portanto, pode-se afirmar que a cicatriz é uma espécie de anteparo (precário) a devastação?

Referências:

- Cartelizante do Cartel “Estudos sobre o Feminino”, tendo também como cartelizantes, Fernanda Zimmer (Mais-Um), Sizue de Freitas Itho, e Isadora Padovan Milanezi. O Cartel está localizado em Vitória-ES.
- ROUSSE, M.-H. (2004). Uma dificuldade na análise das mulheres: a devastação da relação com a mãe. Em: Latusa: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP-Rio), Rio de Janeiro, 9, 203-218.
- Ibidem*, p.213-214.
- FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). Em: Amor, sexualidade, feminilidade. 1.ed.; 2. reimp. –Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. – (Obras Incompletas de Sigmund Freud; 7); 259-276.
- FREUD, S. Sobre a sexualidade feminina (1931). Em: Amor, sexualidade, feminilidade. 1.ed.; 2. reimp. –Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. – (Obras Incompletas de Sigmund Freud; 7); 285-311.
- FREUD, S. A feminilidade (1933). Em: Amor, sexualidade, feminilidade. 1.ed.; 2. reimp. –Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. – (Obras Incompletas de Sigmund Freud; 7); 313-348.
- LACAN, J. O aturdido. Em: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 465.
- BROUSSE, M.-H. (2004). Uma dificuldade na análise das mulheres: a devastação da relação com a mãe. Em: Latusa: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP-Rio), Rio de Janeiro, 9, 203-218.
- Ibidem*, p. 203-218.

SAÍDAS DA DEVASTAÇÃO

Olenice Amorim Gonçalves¹
olenice.psi@gmail.com

Pessoas que amam demais estão endereçadas à questão de como experimentar o gozo Outro, aquele do qual ninguém nada sabe, só se experimenta. É o gozo sem nome, sem limite, que habita cada Um; o gozo do nada, que itera. É nesse ponto que devastação e feminino se encontram. A devastação amorosa, as loucuras de amor são uma orientação desbussolada ao excesso de gozo que experimenta o falassar em uma posição na qual o semblante (simbólico e imaginário) encontra o impossível da relação sexual, o impossível de circunscrever. É mesmo o ponto que Miller escreve como real//semblante². Na tese de Brousse, a devastação é efeito de uma posição que espera algo mais de *substância* que do Outro e de seus nomes³.

A pesquisa epistêmica do tema devastação localiza em Freud na rivalidade mãe-filha, nos textos sobre a feminilidade⁴, as premissas para o que depois Lacan aborda em quatro passagens sob o nome devastação: (1^a) “O desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Carreia sempre estragos⁶. Portanto, tanto para o menino, quanto para a menina uma pergunta é fundante: o que a mãe quer para além de mim? Seu desejo não se encerra em mim? Há algo outro que a mãe quer e que não é o/a filha/o; (2^a) “(...) a realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com sua mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai - o que não combina com ele ser segundo, nessa devastação⁷”. Ou seja, há na mãe uma mulher!; (3^a) “Se a mulher é um *sinthoma* para todo homem (...), o homem é para a mulher tudo o que quiserem, a saber, uma aflição pior que um *sinthoma* (...). Trata-se mesmo de uma devatção⁸”.

As duas primeiras referências de Lacan estão orientadas numa perspectiva edípica⁹, (inclua-se a pré-edípica – a leitura pela via do mito, a qual Freud dispunha naquela época), a devastação estaria situada aí na

pergunta à mãe quanto “ao que é ser uma mulher?” É que a mãe é impossível de responder da posição de uma mulher, pois a maternidade está ancorada no gozo fálico, do lado homem. Então elas voltam uma e outra vez, circulando o objeto, num mais-de-gozar, nesta que é uma pergunta sem resposta, impossível de responder pela via edípica.

Brodsky¹⁰ aponta o *Seminário 23*, quando Lacan aborda a devastação pela 3ª vez, localizando a relação entre homem e mulher, ao tomar por referência o sintoma como quarto elo na amarração do nó borromeano. Aí não é a distinção sexual que está em jogo, algo da parceria comparece. E acrescenta uma (4ª) alusão lacaniana à devastação: “há um sintoma-ele e um sintoma-ela. É tudo o que resta do que chamamos de ‘a relação sexual’. A relação sexual é uma relação, inter-sinthomática.”¹¹ Lacan nos últimos anos de seu ensino, passa da devastação a uma equivalência sintomática: sintoma-ele/sintoma-ela; o sintoma no masculino e o sintoma no feminino. O sintoma inscrito no semblante e algo que escapa uma e outra vez à inscrição/ não-inscrição, pois esta inscrição lhe é impossível onde o real que itera.

Miller¹² em o parceiro-sintoma aponta pistas para as saídas da devastação, apresentando as quatro parcerias elaboradas no percurso de uma análise, indo para além do atravessamento da fantasia, mas não sem ela. A tripartição das parcerias levadas ao limite conduziria a uma equivalência: na parceria imaginária, “eu sou a imagem do Outro”; na parceria simbólica, o sujeito é o significante; na parceria do desejo, o sujeito é o objeto *a* em seu estatuto de imagem significantizada. Para construir a quarta parceria, retorna à fórmula da fantasia, partindo do parceiro do desejo, com o objeto *a* da fantasia no valor de mais-de-gozar. O amor feminino não se contenta com a completude, com a equivalência, com a representação imaginária, com o reconhecimento; algo escapa, impossível de equivaler ou complementar, indicando ser necessário transitar do gozo pela função significante, para agregar funções, encarnar, incorporar¹³.

Referências:

- Texto produto do trabalho de cartel “O Mistério da Sexuação” inscrito na Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Leste-Oeste em 01/05/2022, cujos cartelizantes são: Claudia Pereira do Carmo Murta (Mais-Um), Carlos Alberto de Sá Barros Júnior, MailaThaiane Reis Rocha Siqueira, Olenice Amorim Gonçalves, Rafaella Cunha Paulino Silva Pfrimer. <https://www.ebp.org.br/carteis-e-intercambios/catalogo-online/#>.
- MILLER, Jacques-Alain. La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica.—1ª Ed. 5ª reimp.—Buenos Aires: Paidós, 2013, p.52.
- BROUSSE, M.-H. Mulheres e discursos. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2019. p. 15.
- FREUD, Sigmund. Sobre a sexualidade feminina [1931]. In: Amor, sexualidade e feminilidade (Obras Incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- FREUD, Sigmund. Feminilidade [1933]. In: Amor, Sexualidade, Feminilidade (Obras Incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- LACAN, Jacques. O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970), Rio de Janeiro, Zahar, 1992, p.118.
- LACAN, Jacques, Outros Escritos, “O Aturdido” (1972), Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p.456.
- LACAN, Jacques. O Seminário, livro 23: o sinthoma (1975-1976), Rio de Janeiro, Zahar, 2007, p.98.
- BRODSKY, Graciela. Entre sintoma e devastação. In: Entrevários—Revista de Psicanálise e Saúde Mental da Clin-a.SP. Abril.2008.
- Ibidem*.
- LACAN, Jacques. A Transmissão—Encerramento do 9º Congresso da Escola Freudiana de Paris, em 09 de julho de 1978. In: Lettres de l'École, 1979, n. 25, vol. II, pp. 219-220.
- Miller, Jacques-Alain. Teoría de las parejas. [trad.] Texto estabelecido por Silvia Elena Tendlarz. Elpartenaire-sintoma (Los Cursos Psicoanalíticos de J.-A. Miller, 1997-1998). 1. Buenos Aires: Paidós, 2016, XII, pp. 253-276.
- Trecho autoral do texto: Já fez uma declaração de amor? Trabalho produto do cartel Feminino Infamiliar, cartelizantes: Claudia Murta (Mais-Um), Adriana Pessoa, Olenice Gonçalves e Thais Aguiar, Publicado em LACAN XXI- Revista Fapol On-Lin - 30 de dezembro de 2021. disponível em <https://www.lacan21.com/sitio/categoria/2021-volume-2-pt-br/?lang=pt->

A COMPLEXIDADE DE UMA RELAÇÃO: OS LAÇOS PRÉ-EDÍPICOS ENTRE MÃE E FILHA

Livia Bicalho Porto Pimentel'
lbipp6@gmail.com

Eleger como questão central de investigação a relação entre mãe e filha não apenas toca em aspectos profundamente pessoais, mas também levanta questões clínicas de grande relevância. Ao longo do meu percurso, tive a oportunidade de escutar meninas e mulheres que, ao narrarem suas experiências, evidenciavam a complexidade dessa relação. Em muitos casos, essas histórias expunham a problemática do feminino e os desafios subjetivos envolvidos na relação com a mãe.

Para compreendermos os caminhos que levam a uma relação de devastação entre mãe e filha, é imprescindível revisitarmos a questão da sexualidade feminina e a complexidade dos laços pré-edípicos. No texto “Sexualidade Feminina” (1931) Freud descreve esse momento como um processo complexo no desenvolvimento sexual da menina, o laço pré-edípico de ligação exclusiva com a mãe tem uma importância muito maior e muito mais intensa do que pode ter nos meninos.

“Tudo no campo dessa primeira ligação com a mãe, pareceu-me tão difícil de entender analiticamente, tão esmaecido pelo tempo, tão obscuro e quase impossível de ser revivificado, como se tivesse sido submetido a um recalçamento inexorável²”.

Dessa maneira, Freud levanta a reflexão sobre o tema: Como ocorre, então, que as meninas abandonem a mãe, seu primeiro objeto de amor, e tomem o pai como objeto? Ele aponta diferentes questões relacionadas a essa troca de objeto. A primeira delas é que tanto para o menino quanto para a menina, o amor da criança é desmedido, exige exclusividade, e não se dá por satisfeito com parcialidades, logo, essa intensa ligação está fadada a terminar em decepção e a dar lugar a uma posição hostil. Lacan (1956)³ reforça a afirmação de Freud pontuando que a frustração é o centro das relações primitivas da criança.

Outro motivo que Freud descreve como motivação ao afastamento é efeito do complexo de castração, ou seja, a descoberta da menina da ausência do pênis. Segundo Eulálio “A menina decepçiona-se no instante em que vê o pênis de seu irmão ou de seu coleguinha e o compara a seu clitóris, tão pequeno e escondido. Ela viu, sabe que não tem, quer tê-lo e cai vítima da inveja do pênis⁴”.

Freud indica que o *penisneid* marca a passagem do amor à mãe fálica ao ódio que a menina experimenta como efeito da decepção advinda do fato da mãe ter lhe colocado ao mundo privada do órgão fálico. O ódio surge justamente pela suposição de uma intencionalidade da mãe em dar, ou seja, ela compreende como um não querer dar. Dessa maneira, a privação gera um profundo desapontamento no amor à mãe, levando a menina a se desprender da demanda dirigida à figura materna e a buscar um novo objeto de amor. Esse movimento marca a entrada da menina no complexo de Édipo.

Lacan ressalta que o falo enquanto objeto imaginário assume seu valor no interior da simbólica do dom. “A criança feminina, é na medida em que não possui o falo que ela se introduz na simbólica do dom. É na medida em que ela faliciza a situação, isto é, que se trate de ter ou não ter o falo, que ela entra no complexo de Édipo⁴” Sendo o oposto do que é para o menino, ela entra no complexo de Édipo pelo complexo de castração e é por aí que o menino sai.

Orientar-se para o pai é a possibilidade de a menina simbolizar a falta e transformar a rivalidade imaginária com a mãe, porém, se por algum motivo o significante paterno vacila, podemos ter um retorno da hostilidade materna. Freud nomeou como catástrofe a impossibilidade de a filha separar-se da mãe. Algo que conserva um sentido análogo ao termo devastação, utilizado por Lacan.

Para concluir, esse trabalho não teve a pretensão de se finalizar, ele foi a possibilidade de abertura e investigação ao tema tão vasto e complexo que é a relação primordial com a mãe e ao gozo feminino.

Referências:

- Cartel: Psicanálise com crianças - Cartelizantes: Ana Paula Martins Brumatti, Cléa Martins Machado de Oliveira, Emanuele Pezzin Trevisani, Livia Bicalho Porto Pimentel. Mais-Um: Hítala Gomes - Vitória – ES.
- FREUD, Sigmund. Amor, sexualidade, feminilidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. – Sexualidade Feminina (1931) p. 221.
- LACAN, J. O Seminário Livro IV (1956-1957). Rio de Janeiro: JZE, 1995, p. 62.
- EULÁLIO, A. Amores loucos: a devastação materna e nas parcerias amorosas. Belo Horizonte, MG: Artesã, 2020, p. 35.
- LACAN, J. O Seminário Livro IV (1956-1957). Rio de Janeiro: JZE, 1995, (p. 125).

POMBO NÃO DÁ ÁGUIA? FOBIA INFANTIL E O SEMINÁRIO IV

*Emanuele Pezzin Trevizani¹
manuppsi@yahoo.com.br*

As questões suscitadas pelo atendimento de uma criança de 11 anos que apresenta fobia de pombo mobilizaram a escrita desse texto à luz da teoria de objeto de Lacan. “Acho que foi um trauma da pandemia, do isolamento do convívio com as pessoas. Eu não queria assustar as pessoas com meu desespero, meu coração acelera, não consigo controlar, eu choro, grito, corro, esmurro a porta e as pessoas riem, imitam pombo, elas não entendem” falou a paciente.

No Seminário IV Lacan descreve a fobia como “um modo de solução do difícil problema introduzido pelas relações entre a criança e a mãe (...) quando nenhuma via de outra natureza está aberta para solução do problema, a fobia constitui um apelo de socorro, o apelo a um elemento simbólico singular”².

É no contexto da relação do sujeito com o objeto que Lacan aborda a questão da fobia nesse Seminário. Para o autor a constituição do sujeito só acontece a partir da relação com a falta do objeto. O que está em jogo não é o objeto em si e nem a falta simples e concreta dele, mas o vazio que representa o (des) encontro com ele. Se o desencontro é esperado é certo que o encontro precisa acontecer. Mas não é qualquer encontro. Não basta ao bebê humano que ele tenha suas necessidades fisiológicas atendidas, pois ele só existirá enquanto sujeito se ele for acolhido e envolvido por “um interesse particularizado”³. Quem o recebe neste mundo, geralmente a mãe, deverá estabelecer uma relação de absoluta disponibilidade com uma implicação subjetiva para que o sujeito possa advir.

No segundo momento, como apontou Miller⁴, a mãe só é suficientemente boa se não o é em demasia, se os cuidados que ela dispensa à criança não a desviam de desejar enquanto mulher. Se tudo vai bem é preciso que a mãe não seja tão suficientemente boa e vá ensinando ao bebe, progressivamente, a frustrar-se.

A Frustração ao lado da Privação e da Castração são conceitos centrais trabalhados por Lacan para explicar os diferentes modos de como o sujeito subjetiva a falta. A privação é quando o objeto do desejo está ausente ou indisponível. A Frustração é um limite momentâneo, a mãe não pode atender a criança naquele momento, por exemplo. A Castração envolve e ressignifica esses dois momentos anteriores e é a marca simbólica dessa ausência, a internalização de que há coisas que nunca poderão ser alcançadas ou possuídas, ou seja, a criança percebe que nunca terá a mãe só para si, pois a mãe deseja outras coisas para além dela, na melhor das hipóteses. Frente a esse furo na imagem da mãe, para quem a criança não será tudo, um terceiro elemento precisa entrar em cena para ajudar a criança a representar a falta nela e no Outro. Esta é a tarefa para a função paterna – o pai é quem vai se oferecer como o próprio limite à onipotência infantil, marcando o universo simbólico da criança.

Acontece que na fobia essa função paterna é insuficiente, falha. Frente à carência do pai, o sujeito evita a castração e apela ao objeto fóbico como um abrigo para se proteger da angustia. O objeto fóbico teria essa função de ancoragem simbólica.

Ao lidar com um caso de fobia infantil na clínica muitos desafios se impõem ao analista, talvez o primeiro deles é lidar com a ansiedade e preocupação excessiva em querer que a criança se livre da fobia, seja curada rapidamente. Freud alertou para o perigo desse ‘furor curandis’⁵. Se, não se visa à cura, qual seria o lugar do analista e a direção do tratamento, já que a fobia gera sofrimento e limita a vida da criança?

Pode uma análise enfraquecer a função do pombo, desprendendo a criança para que seja capaz de ir além do pai? O trabalho simbólico de uma análise pode alcançar as marcas maternas anterior à castração e essencial a esta? Trata-se, além de trabalhar a responsabilidade da criança, devolver em alguma medida (qual) a falha parental aos pais como parte do tratamento? Pode brincar e subverter o dito popular “águia não dá pombo” nesse caso clínico?

1. Cartel: Psicanálise com Crianças. Cartelizantes: Hítala Maria C. Gomes (Mais-Um), Ana Paula Martins Brumatti, Cléa Martins Machado de Oliveira, Emanuele Pezzin Trevisani, Livia B. P. Pimentel (Vitória - ES).

REFERÊNCIAS

2. LACAN, J. *O Seminário Livro 4*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 57.
3. LACAN, J. Nota sobre a criança. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 22003. p. 369.
4. MILLER, J-A. A criança entre a mulher e a mãe. In: *Opção Lacaniana, n 15*. São Paulo: Eolia, 2014. p. 03.
5. FREUD, S. As perspectivas futuras da terapia. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XI*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 276.

DA FRUSTRAÇÃO À ASSUNÇÃO SUBJETIVA

Hítala Gomes¹
hitala@gmail.com

Lacan, no Seminário IV, faz uma distinção entre castração, frustração e privação. A noção de frustração, seria um terreno preparatório para o complexo de Édipo, que envolve uma relação com um objeto real, e é importante para a assunção subjetiva. Ela está no centro das relações primitivas da criança. De início a criança não é sujeito, mas objeto do Outro. Para ela advir enquanto sujeito, precisa que seja tomada na operação de simbolização primordial, e dar-se conta da castração do Outro.

De acordo com Lacan, são duas as vertentes da frustração: por um lado, o objeto real, o seio enquanto satisfação da necessidade, do outro lado, existe o agente (a mãe), e a função do objeto aparece em relação à falta. Inicialmente a mãe não é este objeto primitivo, ela surge a partir dos primeiros jogos (*Fort – Da*). “Este acoplamento de presença-ausência, articulado de modo extremamente precoce pela criança, conta como a primeira constituição do agente da frustração, que é originalmente a mãe². A presença-ausência é articulada no registro do apelo para o sujeito, é no momento da ausência, que o objeto materno é chamado. Isso seria o começo da ordem simbólica.

A mãe introduz um esboço da ordem simbólica ao dar respostas para o choro do filho, ela dá uma significação para a demanda do bebê, e o introduz no circuito que humaniza suas necessidades. Caso a mãe não responda ao chamado, “[...] ela sai da estruturação, e torna-se real, isto é, torna-se uma potência”³. Quando isso acontece, os objetos que até então eram de satisfação, tornam-se objetos de dom, e são acessíveis através da mãe. Agora, a mãe se torna real e o objeto simbólico, o objeto se torna o dom oriundo da potência materna, ele é passível de satisfação da necessidade, mas também simboliza uma potência favorável. Nesse momento a mãe pode dar qualquer coisa. “O que conta, vocês vão ver, são as carências, as decepções, que afetam a própria onipotência materna”⁴.

A frustração incide sobre algo de que se é privado, por alguém que poderia dar. O que está em jogo é mais o amor do que o objeto, a criança pede mais para obter uma resposta. “Dessa maneira, os objetos reais se tornam signos de amor”⁵. Transformar o objeto real em objeto de dom introduz a criança na ordem humana, além disso, ao responder a criança com o símbolo do amor, a mãe reconhece o desejo da criança, ainda que incipiente.

Só há frustração se houver uma reivindicação por parte do sujeito, que considera o objeto exigível por direito.

Lacan afirma ainda que “O objeto, na medida em que é engendrado pela frustração, nos leva a admitir a autonomia da produção imaginária na sua relação com a imagem do corpo”⁶.

A criança, ainda pequena, a partir da frustração, demonstra uma autonomia na sua produção imaginária, e de alguma maneira, isso já impõe limites ao desejo ilimitado da mãe. Quando a dinâmica do dom se instala, a constituição subjetiva está acontecendo, e a criança inicialmente ocupa o lugar de objeto enganador do desejo da mãe. Posteriormente, o confronto com a insuficiência em relação ao desejo da mãe, desestabiliza a relação mãe-filho.

Lacan, neste momento, parte do plano imaginário para tentar dar conta dos fenômenos do desejo. O mais importante do imaginário está naquilo que não se pode ver, “[...] é como a imagem que não se vê, a imagem que falta, que esse falo é um elemento simbólico.”⁷

A frustração é, portanto, imaginária. É um buraco no imaginário, mas com um objeto real.

A tese essencial que Lacan introduz em 1956-57, é que depois de Freud, a relação de objeto só pode ser compreendida a partir do falo. A mãe vai encontrar na criança uma satisfação, algo que amenize sua necessidade de falo⁸.

A partir disso, deixo algumas questões: como a criança poderá saciar o desejo da mãe pelo falo? Qual o lugar essa criança ocupa no desejo da mãe? O que acontece se a imagem do falo para mãe não estiver relacionada ao filho que nasceu?

Cartel: Psicanálise com criança. Mais-Um: Hítala Gomes. Cartelizantes: Ana Paula Martins Brumatti, Cléa Martins Machado de Oliveira, Emanuele Pezzin Trevisani, Livia Bicalho Porto Pimentel, Vitória – ES.

REFERÊNCIAS

2. LACAN, J. *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p.67.

3. Ibidem, p. 69.

4. Ibidem, p.69.

5. MILLER, J. *Lacan Elucidado: Palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p.492.

6. Op. cit (2), p. 128.

7. Op. cit. (5), p. 480.

8. LACADÉE, P. Duas referências essenciais de J. Lacan sobre o sintoma da criança. In: *Opção Lacaniana*, n.17, 1996.

O MAIS-ALÉM NA FRUSTRAÇÃO

Maisa Helena Lopes Rabelo¹
pesrabelogmail.com

Lacan, em seu quarto seminário, apresenta como questão a necessidade em retificar alguns conceitos e práticas clínicas em voga pelos analistas da época, que privilegiavam a relação de objeto como algo primário e central na clínica, mantendo as análises em um campo imaginário, na lógica de uma relação dual, sem considerar um elemento terceiro na relação. Existia a ideia de que haveria um objeto harmônico na relação sujeito-objeto, ou seja, um objeto ideal que poderia, enfim, normalizar o sujeito.

Nessa tentativa de retificação, Lacan volta à Freud para salientar que na verdade se trata de um objeto perdido, e que não será jamais satisfeito, e mais do que isso, ele será sempre inadequado. O que Lacan aponta é que no fim das contas não se trata de um objeto específico, mas que a grande questão que funda toda a dinâmica do sujeito é a falta do objeto. Esse objeto, que o chamamos de falo, tem por função ser colocado sob um fundo de angústia, fruto do desamparo fundamental vivenciado por todo sujeito.

Para pensar a relação de objeto, ou melhor, as formas de falta de objeto, Lacan organiza um interessante esquema com três tempos: frustração, castração e privação, bem como organiza três formas do objeto: simbólico, imaginário e real. Ao longo do seminário, dedica um bom tempo a falar sobre a questão da frustração, pois afirma que um dos grandes equívocos é o de colocar a frustração como central na clínica, deixando à margem os conceitos de privação e de castração, e dessa forma, corre-se também o risco de não considerar esses objetos em todos os níveis citados, recaindo na tão criticada clínica dual.

Ao contrário de Melanie Klein, Lacan afirma que apesar da frustração não ser central na estruturação dos sintomas de um sujeito, algo ali, nos primeiros anos de vida, já poderão trazer marcas e formar trilhos para o desfecho do complexo de Édipo. “A noção de frustração, quando posta em primeiro plano na teoria analítica, se

refere à primeira idade de vida. Ela está ligada à investigação de traumas, fixações, impressões, provenientes de experiências pré-edípicas. Isso não implica que seja exterior ao Édipo - ela lhe dá o terreno preparatório, a base e o fundamento.”²² Freud não usa o termo frustração, mas sim *versagung*, que pode ser traduzido como denúncia. Essa palavra é interessante, pois traz consigo a ideia de um apelo. Então, pensar no mais-além do objeto de satisfação de necessidade é entender que há ali, nos primeiros anos da criança, um apelo feito por outra coisa que não apenas a necessidade.

Algo que Lacan traz, aliado à ideia de frustração e que é importante para pensar toda a estruturação do sujeito na linguagem, é a articulação da dinâmica presença e ausência, apelo e dom. Ele frisa que a frustração não é a recusa de um objeto de satisfação no sentido puro e simples, pois há algo a mais que a demanda de satisfazer uma necessidade. Mas como tudo isso se dá? De que queixa se trata afinal de contas na frustração?

Na relação primitiva com a mãe, a frustração só pode ser pensada na perspectiva da recusa do dom, na medida em que o dom é o signo do amor. Há, na dialética da frustração - presença e ausência - uma inversão na qual a mãe, antes simbólica, passa a ser real, e o objeto de satisfação passa a ser objeto de dom. O *Fort-Da* aqui é fundamental pois nesse momento, o apelo em forma de grito é organizado em um sistema simbólico, visto que todo grito é uma tentativa de endereçamento a um outro, para que se tome conhecimento dele. Nesse sentido, o dom nada mais é que o dom da palavra. “O dom implica todo o ciclo da troca, onde o sujeito se introduz tão primitivamente quanto possa supor. Só existe dom porque existe uma imensa circulação de dons que recobre todo o conjunto intersubjetivo. O dom surge de um mais-além da relação objetual, já que ele supõe atrás de si toda a ordem da troca em que a criança ingressou, e só pode surgir desse mais-além com o caráter que o constitui como propriamente simbólico, nada é dom se não for construído pelo ato que, previamente, o anulou ou revogou.”²³

Esse ato, em alguma medida, trata-se de forma primitiva, da dialética do desejo, que mesmo na presença do objeto de satisfação a criança irá se decepcionar e recusar o objeto. No entanto, a criança anula essa decepção, e em um movimento regressivo irá tornar a desejar o objeto, de forma insaciável, visto que ele está em um mais-além.

1. Cartel: Leitura do Seminário “A relação de objeto” de Jacques Lacan. Cartelizantes: Tânia Regina Anchite Martins – Vitória-ES (Mais Um), Raíssa Turíbio Milhomem, Anna Paula da Silva e Thailla de Lima Franco. Goiânia-Go.

REFERÊNCIAS

2. LACAN, J. *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 62.
3. Ibidem, p. 185.

SONHOS E PESADELOS DAS CRIANÇAS: DO QUE SE TRATA?

Luciana da Silva Pedron¹
lucianasilvapedron@gmail.com

A partir da proposta de cartel apresentada ao Grupo de Trabalho do Biloquê, nos dividimos em dois cartéis, um sobre os sonhos e outro sobre o fantasma, ambos com as crianças.

Neste cartel, cada uma a seu modo, tem buscado avançar na descoberta freudiana a cerca do sonho como via privilegiada de acesso ao inconsciente e de realização de desejo, para uma ‘leitura do sonho’, para compreender o que tem de real no sonho, e assim, temos percebido o quão atual é o trabalho da psicanálise com os sonhos, uma vez que ele porta o sem sentido e o equívoco em sua essência, com suas imagens e mensagens, numa espécie de escrita, a ser lida.

Uma das primeiras questões levantadas é o que diferencia o sonho do pesadelo. Os pesadelos se apresentam com mais frequência na clínica com as crianças? É comum recebermos demandas de atendimento a crianças em que o pesadelo assume valor sintomático. Por que isso acontece?

Avançamos um pouco sobre algumas afirmações teóricas clássicas, tal como a célebre frase “O sonho é o guardião do sono”. Ela condensa uma das ideias centrais de Freud² sobre os sonhos, apresentada em “A Interpretação dos Sonhos”. Freud acreditava que, durante o sono, desejos recalcados ou conteúdos inconscientes tentavam emergir à consciência. No entanto, esses desejos poderiam ser tão perturbadores que se surgissem diretamente, poderiam acordar a pessoa. O sonho atua como uma espécie de ‘guardião’, mascarando esses desejos em forma de símbolos ou narrativas que são mais aceitáveis ou compreensíveis. Dessa forma, o conteúdo inconsciente é disfarçado, o que permite ao sonhador continuar dormindo.

Já o pesadelo, é também uma tentativa de proteger o sono, porém, o que ocorre é uma falha parcial no mecanismo que transforma os desejos inconscientes perturbadores em imagens simbólicas. Em vez de proteger o sono, o conteúdo inconsciente perturbador emerge de forma direta, provocando a angústia e culminando no despertar. Assim, o resultado é um sonho angustiante que, em vez de cumprir seu papel de ‘guardião do sono’, acaba interrompendo-o. Poderíamos pensar que o despertar ‘protege’ o sonhador? Um acordar para continuar dormindo?

Na perspectiva lacaniana, em seu primeiro ensino, os sonhos, assim como as demais manifestações do inconsciente, seguem as regras da linguagem. Para ele, o sonho não é apenas uma expressão de desejos recalçados, mas uma forma de discurso, em que os significantes se encadeiam de acordo com as leis da linguagem. Os significantes que aparecem nos sonhos podem remeter a outras cadeias significantes, num deslizamento contínuo.

Lacan³ toma o sonho como uma manifestação inconsciente atravessada pelo desejo do Outro, sendo o sonho uma forma de lidar com isso. Desejo este, que estruturalmente é marcado pela falta, nunca plenamente alcançado ou satisfeito.

No que se refere aos pesadelos, Lacan abre uma via para pensá-lo em seu seminário sobre a angústia, ele diz:

A angústia do pesadelo é experimentada para falar propriamente, como aquela do gozo do Outro. O correlativo do pesadelo é incubo ou o súcubo, este ser que pesa com todo seu peso opaco de gozo estranho sobre vosso peito, que vos esmaga sob seu gozo⁴.

Korestky⁵ elucida que a angústia é um afeto ligado ao enigma, e isso relança para a criança a pergunta sobre que o ‘Outro quer de mim?’. A angústia assinala que o sujeito não sabe que objeto ela é para outro, em seu desejo. Se os pesadelos nas crianças estão ligados ao enigma, como os analistas que as escutam podem pensar e manejar com a angústia que se apresenta através deles? Uma bússola são as contribuições do último ensino de Lacan onde o conceito de real amplia a maneira de ler ou de interpretar o sonho indo além de sua dimensão simbólica dando ênfase ao impossível de ser plenamente simbolizado ou traduzido pela linguagem, um ponto de encontro com o real.

1. Cartel: Sonho de Crianças. Cartelizantes: Ana Paula Resende (GO), Geanine Vieira (DF), Renata Imperial (ES), Luciana Pedron (DF) e Cristina Maia- *mais um* (PB).

REFERÊNCIAS

2. FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 618.
3. LACAN, J. *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. p. 55 - 128.
4. LACAN, J. *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 73.
5. KORESTKY, C. Pesadelos Infantis: Opacidade e enigma do desejo. In: *Sonhos de Crianças*. Goiânia: Kelps, 2014. p. 51-9.

ANGÚSTIA E PASSAGEM AO ATO.

Adriana Gomes Pessoa¹
gpessoa@gpessoa.com.br

O tema de investigação deste cartel em curso é angústia e passagem ao ato. Lacan inicia o Seminário Angústia estabelecendo a relação entre angústia com o desejo do Outro para o sujeito e definindo angústia como um afeto e não emoção. Afeto que não pode ser recalcado, enlouquecido, deslocado. “Ele se desprende e fica a deriva”², sendo recalcado os significantes que o amarram. Neste Seminário, Lacan em posição diferente a Freud, nos traz que a angústia não é sem objeto, sendo o objeto em questão, o objeto *a*, não simbolizável, que escapa à rede significantes, ou melhor à via de acesso ao objeto.

A pergunta feita neste Seminário: Quando surge a angústia? Surge do inesperado, do estranho, do encontro com o *a* do objeto do desejo do Outro. Diante do desejo do Outro que não existe, o sujeito se depara com a própria falta, com a não relação sexual. Lacan neste seminário não havia desenvolvido ainda sobre o real, mas faz alusão ao encontro com o real, e a depender da estrutura as formas de respostas frente ao desejo do Outro suposto.

No Capítulo IX do Seminário Angústia intitulado de Passagem ao ato e Acting out, Lacan explicita a distinção entre passagem ao ato e acting out como atos de modo de defesa contra a angústia. Diferente da formação de um sintoma, a passagem ao ato e o acting out como atos, são respostas do sujeito frente ao real, sendo que o acting out é definido como um sintoma não da ordem do interpretável³.

Referindo-se ao Caso da Jovem homossexual e retomando o termo utilizado por Freud “largar de mão”, o momento de deixar-se cair (*lasser, tomber*) correlativo à passagem ao ato por parte do sujeito, Lacan desenvolve a distinção de resposta via a passagem ao ato. Ambos os atos, dizem respeito à impossibilidade de se servir de recursos simbólicos.

Neste mesmo seminário, Lacan explicita duas condições da passagem ao ato a partir do caso clínico de Freud. No caso da jovem homossexual, se a tentativa de suicídio é uma passagem ao ato, no entanto, toda a aventura com a dama, que é elevada à função de objeto supremo, é um acting out nos diz Lacan⁴. E no que diz respeito à passagem ao ato, Lacan identifica no caso duas condições à passagem ao ato. A primeira diz do encontro da jovem com o olhar do pai. Diante de este olhar, a jovem se atira para fora da cena, deixando-se cair, reduz-se ao objeto *a*. A segunda, trata-se do confronto do desejo com a lei. O pai no momento do encontro com olhar de interdição, o confronto do desejo pelo pai através do olhar, daquele que porta a lei, e onde ela se vê pelo olhar de reprovação do mesmo, se sente destituída, e se lança para fora da cena pulando da ponte. Como defesa da angústia de se identificar ao objeto *a* pelo olhar do pai, a jovem rompe a cena mediante um ato como forma de se livrar literalmente da posição de objeto que ocupa. O que não se opera pela via do desejo, e sim pela via da falta diz sobre a passagem ao ato. “Quando aparece algo ali, portanto, é porque, se assim posso me expressar, a falta vem a faltar.”⁵

Na passagem ao ato verifica-se que não há uma interrogação pela via do simbólico, que leva ao trabalho psíquico e à elaboração por parte do sujeito, e sim a concretização em ato de seu próprio desaparecimento.

No texto Jacques Lacan: observações sobre a passagem ao ato, Miller⁶ deixa claro que não há o outro espectador. Há o desaparecimento da cena, e o sujeito morto. É na dimensão da passagem ao ato que se coloca a questão de situar a angústia e o gozo.

Na clínica, diferente do suicídio como ‘ato final’ digamos, deparamos cotidianamente com formas lentas de suicídio como a adicção a drogas, ao álcool, à comida e outros. É a clínica do ato, que vem nos dizer que o ideal do bem-estar abre espaço para discussão da relação do gozo com a angústia, do movimento de autodes-truição que move muitas vezes o sujeito em oposição a este ideal.

Em continuidade no cartel, prossigo no estudo da relação da angústia com a passagem ao ato, da relação do sujeito com o gozo, e com desejo naquilo que Lacan no Seminário 10 descreve a angústia como sendo um termo intermediário entre o gozo e o desejo.

1. Cartel: Angústia. Cartelizantes: Adriana Gomes Pessoa (Mais-Um), André Luiz Garcia, Arthur Rebello, Jacqueline Savana, George Ramos.

REFERÊNCIAS

2. LACAN, J. *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 23.

3. Ibidem, p. 140.

4. Ibidem, p. 129.

5. Ibidem, p. 137.

6. MILLER, J-A. Jacques Lacan: observações sobre a passagem ao ato. In: *Opção lacaniana on-line*. Ano 3, n. 13, 2014. p. 7.

TIPOS DE ENODAMENTOS: SINTHOMÁTICOS E NÃO SINTHOMÁTICO

*Fabiana Engel Frattari¹
frattari.fabiana@gmail.com*

“O sinthoma é o que permite reparar a cadeia borromeana no caso de não termos mais uma cadeia, a saber, se em dois pontos cometermos o que chamei de erro. (...) trata-se de alguma coisa que permite ao simbólico, ao imaginário e ao real continuarem juntos, ainda que, devido a dois erros, nenhum mais segure o outro.”²

Interessava-me participar de um cartel que permitiria minha pesquisa sobre o sinthoma com H, como descrito no trecho acima do seminário 23. Assim, iniciei esse cartel com uma ideia clara do que queria e o que seriam os desdobramentos, a partir do que eu achava que era a sua função primordial, a saber, de enodar os três registros: Real, Simbólico e Imaginário.

Embalada pela clínica nodal e pelo seminário 23 de Lacan, começava minha pesquisa de trás pra frente, ou seja, antes de entender o que era esse conceito lacaniano, partia da ideia de que todo mundo deveria chegar no seu “saber fazer aí” com o seu próprio sinthoma, um nó. O *savoir y faire* deveria ser o destino final da análise ou, mesmo sem análise, o melhor arranjo, o mais estável, que o sujeito conseguia fazer para manter os três registros juntos, como o caso de Joyce.

Aí entra o funcionamento do cartel: a questão de cada integrante e a visão que compartilhavam nas reuniões iniciais balançou todo meu edifício já estruturado. O efeito mais surpreendente, no meu caso, foi de me

obrigar a sair do lugar previamente construído, para um lugar completamente desconhecido. Diante dessa chacoalhada, como fazer uma questão?

Não foi fácil e ainda continua sendo difícil encontrara minha questão. Na relação especular, o outro segue sempre muito melhor. Anna Rogéria mantém firme seu objetivo de estudar o feminino e o sinthome. Rosangela, à sua maneira, vai construindo seu percurso do sintoma ao sinthome, e no momento está muito interessada no conceito do UM. Ana Paula, com seu propósito de ler muito Lacan e o seminário 23, aderiu ao grupo que leria Lacan com um viés milleriano e logo seu tema apareceu, a função do sinthoma nas diferentes estruturas psíquicas. José Gregório foi sugerido como o mais um por Anna Rogéria. Gregório foi uma grata surpresa. Prontamente nos acolheu e responde todos os comentários, é participativo e absurdamente generoso. Seu tema é O Sinthoma e o Uno-solo. Quanto ao meu tema, do sinthoma como nó, passou para Sinthoma e fantasma.

Minha questão se deslocou algumas vezes e por fim voltou quase ao início. Não tenho mais a convicção de que o sinthoma é algo e ponto. Relendo a citação, ele diz no início do parágrafo, “O que eu disse da última vez fazia alusão ao fato de que o sintoma, o que chamei este ano de o sinthoma, é o que permite reparar a cadeia borromeana...”³. Se destacou o “este ano” e o sintoma passa a ser sinthoma ganhando uma outra função. Parece pouco, mas não é. No cartel aprendi a incluir na minha leitura o que é temporal em Lacan. Por mais que já estivesse familiarizada com a cronologia dos seminários, o “este ano” fez marca e com isso me permitiu ouvir o que os outros estavam trazendo sobre o sinthoma e que eu estava fechada para ouvir.

Em uma conversa com Gregório, eu acrescentei outro ponto importante na minha pesquisa e que está me orientando no momento. Cito Lacan: “O que tomo como suporte do sinthoma está aqui marcado por uma rodinha de barbante, que supenho produzir-se no lugar exato em que, digamos, o traçado do nó sai errado”⁴. Qual a diferença, na clínica, dos dois tipos de amarração, sinthomatica e não sinthomatica?

A pesquisa não está perto do fim, mas posso dizer que apesar das voltas, dos zigue-zagues que fiz e o aumento das minhas dúvidas, estou bem mais próxima de apreender algo do sinthoma do que estava quando tinha mais certeza. O cartel é pra mim, hoje, um lugar onde posso ter mais dúvidas do que certezas e ainda sim seguir meu próprio percurso, não sozinha, mas à minha maneira.

1. Trabalho produto do Cartel “Sinthome”. Cartelizantes: José Gregorio Domingues Vásques (Mais-um) – Membro de outra escola da AMP, Anna Rogéria Oliveira, Ana Paula Fernandes Rezende, Fabiana Engel Fratari, Rosangela Ribeiro. (Goiânia-GO).

REFERÊNCIAS

2. LACAN, J. *O Seminário, livro 23: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar. 2007. p. 90.

3. Ibid, p. 94.

4. Ibid, p. 94.

O QUE SUSTENTA AS PARCERIAS AMOROSAS

Maila Thaiane Reis Rocha Siqueira¹
mailarocha@hotmail.com

A partir da escuta clínica, interessei-me por pesquisar em cartel sobre o que sustenta as parcerias amorosas, afinal, de acordo com Lacan², não se faz outra coisa no discurso analítico a não ser falar de amor e falar de amor é, em si, um gozo.

Diante do impossível da relação sexual, o sintoma é uma necessidade para o falasser, como aparelho de gozo, modo de satisfação e mediador na relação com o Outro³. É por isso que Lacan⁴, diz-nos que se tem o amor como encontro, no parceiro, dos sintomas, afetos, de tudo que em cada ser falante marca o traço do seu exílio da relação sexual.

No capítulo *Teoria de las parejas*⁵, Miller fundamenta a noção de parceiro- sintoma que permite formular sobre o amor nas parcerias. A imaginária, na qual o eu busca uma identificação; a simbólica, em que a falta de um significante ocasiona a busca por um reconhecimento; a do desejo, que o esperado é que o sujeito receba o complemento de sua “falta a ser” na forma de objeto *a*; e o par de gozo, no qual o par do desejo se esboça, uma busca do mais-de-gozar que também se encontra a partir do Outro.

Elis tinha um pai que mais parecia um *menino levado*, não pagava contas, já traíra sua mãe, era desorganizado em casa, levando-a escolher um parceiro *que fosse o contrário, que não fosse louco*. Porém, ao se referir a parceria amorosa, diz-se pirracenta, xinga, já arremessou objetos contra ele. Se queixa de que não conversam, não têm momentos íntimos, apenas dividem a casa e os filhos. E mais, que às vezes se sente uma *menina levada*. Intervenho: *E como você quer seguir levando?*

Dessa intervenção produziu-se dois sonhos: o primeiro ela estava indo visitar uma fábrica de biscoitos com o marido e lá, ao chegar, uma mulher falava em espanhol para entrar sem sapatos. O segundo, ela está como se estivesse transando com o pai, pega uma camisinha e dentro tinha pedras de rins. Elis interpreta: *Será que meu jeito parecido com o meu pai é uma pedra?* Intervenho: *Uma pedra no seu sapato?*

O parceiro amoroso de Elis responde às suas projeções imaginárias, sendo o que ela define como contrário do pai, lhe trazia reconhecimentos como por exemplo, um apelido criado a partir do seu nome que a fazia sentir-se amada. No entanto, ela também se depara com algo para além disso, um traço paterno, que determina seu modo de gozo impedindo-a que a contingência do amor lhe ocorra. Não há encontros entre eles, o que a deixa dividida, levando-a para análise.

Elis, aos poucos tem levado os efeitos analíticos para vida, sente-se mais paciente dentro de casa, mais próxima das pessoas que amam, principalmente do seu parceiro do qual se lembra o quanto é bom estarem próximos fisicamente.

Desse modo, é possível verificar que não há relação sexual porque o gozo é o parceiro essencial do sujeito, o parceiro sintoma. No entanto, “o que vem em suplência à relação sexual, é precisamente o amor”⁶. Falar de amor em análise consequentemente do gozo é uma via que pode possibilitar encontros, reencontros ou novos. Portanto, no âmbito analítico, uma forma de sustentar a parceria amorosa, é a partir de um *querer saber*⁷ de modo que não fique tudo preso pela repetição pois “O amor quer, de fato, que se invente a cada instante[...]que ali se coloque algo de seu, que se pague com sua pessoa. Em suma, que se diga alguma coisa”.⁸

¹ “O Mistério da Sexuação” cujos cartelizantes são: Claudia Pereira do Carmo Murta (Mais-Um), Carlos Alberto de Sá Barros Jr., Olenice Amorin Gonçalves, Rafaella Cunha Paulino Silva Pfrimer e eu, Maila Thaiane Rocha Siqueira

REFERÊNCIAS:

² LACAN, J. O Seminário, Livro 20 (1972 – 1973). Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.89

³ MILLER, J. “A teoria do parceiro”. Em: Os circuitos do desejo na vida e na análise. EBP- Contra Capa Livraria, 2000. p.156.

⁴ Ibid. p.156

⁵ MILLER, J.A. El partenaire-síntoma. Buenos Aires. Paidós. 2020.

⁶ Ibid. p. 51

⁷ NAVEAU, Pierre. O que do encontro se escreve: estudos lacanianos. (2014) Belo Horizonte: EBP, 2017, p.258.

⁸ Ibid. p. 263

PARA QUE NÃO SE ESQUEÇA.....

Claudia Murta
cmurta@terra.com.br

Quando penso em “Psicanálise e Racismo”, título do cartel ao qual esse trabalho se refere, me proponho a abordar o pensamento decolonial. Pois, tal como propõem Rita Segato², Françoise Vergès³ e Grada Kilomba⁴ cada uma a seu próprio modo, desde o surgimento da América com as conquistas e a colonização, instaura-se a modernidade, o capitalismo e a classificação racial das pessoas. Para o pensador Aníbal Quijano, propositores do “giro decolonial”, o indígena, o negro e o branco surgem no mesmo momento que a América. Assim, racismo e colonialismo estão imbricados instituindo uma política de vidas descartáveis, vidas que não importam. No contexto do colonialismo, a raça se instala como principal parâmetro classificatório da humanidade na qual a negritude é Outrificada. Como aponta Fanon⁵, a pessoa negra ocupa o lugar da negatividade na dialética hegeliana. Daí que Lacan⁶, ao comentar sobre a dialética do “Senhor e do Escravo”, observa que, na dialética hegeliana⁷, o escravo continuará sendo escravo até o fim dos tempos. Por que isso acontece? Qual a necessidade de dominação e servidão? Por que se estabelece continuamente a luta de vida e morte pelo poder? Segundo Hegel, essa luta só vai acabar com o reconhecimento recíproco que, paradoxalmente, só acontece no infinito. Enquanto esse reconhecimento não acontece o que se faz?

Lacan, nos anos setenta, insiste que a escalada do racismo está apenas começando e, respondendo ao questionamento do porquê dessa profecia, ele argumenta que “nos descaminhos do nosso gozo só há o Outro para situá-lo, mas na medida em que dele estamos separados”⁸ Em sua leitura, os descaminhos do nosso gozo, nos encaminham ao racismo porque esse gozo precisa de alguma forma ser situado pelo Outro, mas dele separado, carregando-o de negatividade e imputando-o de toda destrutividade própria ao gozo. Isso desestimula qualquer crença possível na humanidade, e faz lembrar a constatação freudiana⁹ sobre a condição humana que sustenta a sociedade baseada em: opressão, exploração, dominação, submissão, humilhação, tortura, escravização e morte. Ao esbarrar no Outro como limite, o racismo dispara em escalada global. Em 2014, depois de uma das maiores ofensivas de Israel contra a Palestina à época, com duas mil mortes palestinas, Rita Segato escreve: trata-se de “*uma pedagogia do arbítrio e da crueldade, que é uma ameaça contra todos os povos do mundo. Nesse sentido, bem concreto, somos todos palestinos*”¹⁰ O que se pode dizer, dez anos depois, na ofensiva de Israel contra a Palestina em 2024, com mais de quarenta e seis mil mortos palestinos? A expressão *escalada global do racismo* é muitíssimo apropriada e o termo a ser empregado é *genocídio*. Nesse caso, o gozo se situa com o aniquilamento do Outro, na qual Israel se faz instrumento desse espectro global. Para Segato, somente a luta decolonial contra o racismo e a colonialidade do poder podem oferecer uma saída para o genocídio em curso.

Qual seria a proposta da luta decolonial ? Segundo Vergès , a política decolonial decorre de uma “luta travada durante séculos por parte da humanidade para afirmar seu *direito à existência*”¹¹. Assim, a luta decolonial afirma o direito à existência daquelas vidas para as quais a política colonialista nega a condição de existir. Para entender como a psicanálise pode se situar no contexto da luta decolonial, é possível recorrer ao testemunho de passe de Marina Recalde que, ao se apresentar como mulher racializada, perturbada com a sua cor de pele sem

passabilidade branca, ao ser nomeada negra, sentia-se injuriada. Ao atravessar o final de sua análise, segue mais tranquila, sem tremer quando seu corpo se faz perceber, por ter concluído que “nem tudo é cor-de-rosa, nem tudo é negro, nem tudo é branco”¹² e se identifica com negra, trêmula, decidida, entendendo que no caminho, algo sempre resta.

¹ Cartel “Psicanálise e Racismo” Rubrica: política. Cartelizantes: Claudia Murta (Mais-Um), Maria Eduarda Ramos Gazel, Maria Veronica da Silva, Marcelle Xavier Rodrigues, Gerson Abarca, Thaís Aguiar Gomes.

REFERÊNCIAS:

² SEGATO, Rita. Cenas de um pensamento incômodo: gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

³ VERGÈS, Françoise. Um feminismo decolonial. São Paulo: Ubu, 2020.

⁴ KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

⁵ FANON, Frantz [1925- 1961]. Pele negra, máscaras brancas. São Paulo: Ubu, 2020.

⁶ LACAN, Jacques. Le Séminaire, livre 10, L’angoisse. Paris: Seuil, 2004, p.35.

⁷ HEGEL, George W.F. (1807). Independência e dependência da consciência de si: Dominação e servidão. In: Fenomenologia do Espírito. Petrópolis: Vozes, 1992, pp.126-133.

⁸ LACAN, Jacques. Televisão. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p.58.

⁹ FREUD, Sigmund (1930). O Mal-estar na civilização. In: Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XXI, p.123.

¹⁰ SEGATO, Rita. Cenas de um pensamento incômodo: gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial.op.cit.,p.113.

¹¹ VERGÈS, Françoise. Um feminismo decolonial.op.cit.,p.35.

¹² RECALDE, Marina. Corpo, significante e gozo.s.n.d.p.83.



*Escola Brasileira
de Psicanálise*

Seção Leste-Oeste